

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

FORMAÇÃO ESPORTIVA EM LONGO PRAZO: ANÁLISE DE
COMPETIÇÕES DE GINÁSTICA RÍTMICA
NAS CATEGORIAS DE BASE

LORENA NABANETE DOS REIS FURTADO

SÃO PAULO

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

FORMAÇÃO ESPORTIVA EM LONGO PRAZO: ANÁLISE DE
COMPETIÇÕES DE GINÁSTICA RÍTMICA
NAS CATEGORIAS DE BASE

LORENA NABANETE DOS REIS FURTADO

SÃO PAULO

2020

LORENA NABANETE DOS REIS FURTADO

Formação esportiva em longo prazo: análise de competições de ginástica rítmica
nas categorias de base

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada à Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Doutor em Ciências.

Área de Concentração:
Estudos socioculturais e comportamentais da
Educação Física e Esporte

Orientadora:
da Prof^a. Dr^a Michele Viviene Carbinatto

SÃO PAULO

2020

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Furtado, Lorena Nabanete dos Reis

Formação esportiva em longo prazo: análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base / Lorena Nabanete dos Reis Furtado. – São Paulo : [s.n.], 2020.

178p.

Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Michele Viviane Carbinatto

1. Formação esportiva 2. Competição esportiva 3. Ginástica rítmica 4. Iniciação esportiva I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: REIS-FURTADO, Lorena Nabanete dos

Título: Formação esportiva em longo prazo: análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe, Eliana Valera Nabanete, que com sua forma simples e prática de ver e viver no mundo, me ensinou pelo exemplo a transpor os maiores obstáculos da vida, para alcançar meus objetivos. Você não conseguiu estar presente fisicamente nessa conquista, como tinha planejado, mãe, mas sinto sua presença e energia comigo, sempre.

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço imensamente à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Michele Viviane Carbinatto, ou simplesmente a Mi! Essa jornada foi tão especial, porque você me guiou. Sua maneira humana de nos conduzir pelo caminho da pesquisa, fez com que tudo se tornasse mais leve e prazeroso. Orientações precisas, prazos estabelecidos em conjunto, indicações de leituras, correções preciosas. Finalizo essa etapa com uma bagagem imensa e grande inspiração para continuar a caminhada, com a certeza de uma parceria para a vida.

Agradeço especialmente à minha família. Meu marido, Adriano, que topou a aventura de mudar a nossa vida para que eu pudesse concretizar esse plano; que sempre esteve presente, me ouviu e me acolheu nos momentos em que eu desanimei e nunca deixou de acreditar no meu potencial. À minha filha amada, Lia, meu combustível para a vida! A alegria em forma de pessoa, que me impulsiona a buscar ser sempre melhor. Ao meu pai, Jaime, exemplo de vida, que sempre me incentivou a estudar e seguir meu caminho de forma honesta e correta. À Rose, por compartilhar comigo momentos de reflexão sobre a educação e a vida. Aos meus queridos irmãos, Israel e Maria Luísa, que mesmo mais novos, me tiram do papel de irmã mais velha e me ensinam muito! À minha sogra, Ivanilda (vó Nena), por ser base e apoio incondicional durante esses quatro anos de estudos, sempre cuidando de todos com todo amor do mundo. E à minha mãe, por ser minha maior incentivadora no mundo da ginástica, desde criança.

Agradeço aos professores que compõem a banca de avaliação, Prof.^a Dr.^a Kizzy Antualpa, Prof.^a Dr.^a Larissa Galatti, Prof. Dr. Osvaldo Ferraz, pelas contribuições no momento da qualificação, que nortearam a continuidade do trabalho e contribuíram não somente para com a pesquisa, mas também para meu crescimento acadêmico, assim como no momento da banca.

Aos participantes dessa pesquisa, que fazem parte da comunidade da ginástica rítmica brasileira, abriram as portas de suas instituições e disponibilizaram seu tempo precioso para contribuir com o estudo.

Agradeço também às companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisa e Ginástica – GYMNUSP, em especial à Tuti, Mel e Nay, pelas conversas, lamentos, risadas, reflexões e tantos momentos em que pude confirmar o significado de amizade.

À Fernanda Nakashima, minha amiga de vida, minha irmã de coração, que divide comigo a vida desde éramos crianças e que novamente me acompanha em mais uma etapa de nossa formação. Daqui a pouco é você que defenderá sua tese e eu estarei junto, como sempre!

Às minhas amigas da ginástica e da Academia, Paula Debien e Ana Carolina Pompeu, que junto com a Fernanda, ouviram meus intermináveis áudios e me ajudaram a refletir sobre meus pensamentos e anseios sobre a ginástica rítmica e essa pesquisa.

Ao Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará, que possibilitou meu afastamento para dedicação total ao doutorado, proporcionando condições para o aprofundamento dos estudos.

Aos Gymnarteiros – Grupo de Ginástica para Todos da UFC, aqui representados pelos professores Kássia Carvalho, Aline Menezes, Luciana Silva, Marcela Ferracioli e Marcos Campos, pela continuidade de nosso projeto de ginástica enquanto estive afastada. Vocês são grandes professores e amigos muito especiais.

À Prof.^a Jordana Carneiro, Presidente da Federação Cearense das Ginásticas, pela parceria na condução de nossa gestão, durante esses quatro anos e pela amizade sincera.

A todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para tudo se encaminhasse para que hoje eu estivesse aqui.

Muito obrigada!

RESUMO

REIS-FURTADO, L. N. **Formação esportiva em longo prazo**: Análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base. 2020. 178f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A carreira de um atleta compreende o processo longitudinal que ocorre desde a iniciação até a aposentadoria de um atleta (GALATTI, et al, 2017; MENDES, 2017; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). A maneira como esse processo acontece pode influenciar a relação do indivíduo adulto com o fenômeno esportivo. Portanto, é importante que na formação esportiva, essa relação se dê de forma saudável em todos os contextos, inclusive nas competições. Compreendemos que a competição para crianças deve ser ajustada às necessidades e anseios dos praticantes, recebendo um tratamento pedagógico, que construa um significado que supere a ênfase na comparação e no resultado, se ocupando do desenvolvimento pessoal para além da formação do atleta (BALBINO, et al, 2013). Focamos este estudo na ginástica rítmica (GR). Em busca de uma formação competitiva que contribua para a continuidade da participação esportiva e para o desenvolvimento integral da atleta, o presente estudo teve como objetivo analisar os eventos de ginástica rítmica promovidos por federações estaduais de ginástica, com foco nos anos iniciais da prática, a fim de compreender seu papel no processo de formação de ginastas em longo prazo. Para tanto, o estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, do tipo documental e de campo. Como critérios para obtenção da amostra, analisamos os resultados dos campeonatos brasileiros da categoria pré-infantil de individual (por equipe) e de conjuntos, entre 2013 e 2018, e incluímos as equipes que foram medalhistas em pelo menos dois anos. Essa análise indicou cinco clubes de três federações estaduais, das quais foram entrevistadas: 11 treinadoras que trabalham diretamente com a categoria mirim e/ou coordenam a equipe; três gestoras, uma de cada federação estadual. A coleta dos dados foi realizada em três momentos: a. análise dos regulamentos de eventos de GR para a categoria mirim das federações estaduais, por meio de ficha de avaliação elaborada com base no Modelo da Participação Competitiva (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017); b. Entrevistas com gestoras e treinadoras c. observações de seis eventos da categoria mirim, registradas em Diário de Campo. A análise das entrevistas foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), com foco na análise qualitativa. Realizamos posteriormente um processo de triangulação entre as diferentes fontes, para conferir maior confiabilidade ao estudo (FLICK, 2004). Os resultados apontaram para a existência de um movimento institucional das federações na direção de ofertar para a categoria mirim, competições pedagogicamente elaboradas, ajustadas de forma coerente à fase de desenvolvimento das ginastas em questão, contudo, destacamos que é necessária maior fundamentação em propostas teóricas que visam elaboração e realização de eventos esportivos para crianças, bem como em modelos de competição orientados à formação de atletas em longo prazo. Verificamos que tanto as federações, quanto as treinadoras entrevistadas buscam ampliar as oportunidades de participação das crianças, visando à massificação da modalidade e a preparação para as competições das categorias oficiais, e manter a motivação das crianças pela prática. Entretanto, identificamos uma tendência da maioria das treinadoras a enfatizar já nessa idade aspectos voltados para o alto rendimento, tanto no treinamento quanto nas competições, o que reflete a necessidade de mudança da cultura da ginástica em toda sua complexidade, para que o esporte para crianças possa assumir características coerentes com esse público e desenvolver seu potencial educativo e formativo, inclusive no contexto competitivo.

Palavras-chave: Formação Esportiva em longo prazo; Ginástica Rítmica; Competição esportiva; Iniciação Esportiva

ABSTRACT

Na athlete's career comprises the longitudinal process that takes place from a first introduction to sports until the retirement of an athlete (GALATTI, et al, 2017; MENDES, 2017; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). The way this process happens can influence the relationship between individuals and their involvement in sports. Therefore, it is important that during childhood this relationship can occur in a healthy and pleasant way, especially throughout competition. We understand that competition for children must be adjusted to the needs and desires of the practitioners, receiving a pedagogical approach seeking to provide a meaning that surpasses the emphasis on the comparison and results, and instead, contributing to the personal development which goes beyond the development of an athlete (BALBINO, et al, 2013). In this study, we focused our efforts on the studies of rhythmic gymnastics (RG). In an attempt to search for a competitive development that contributes to the continuity of participation in sports as well as to a full development of the athlete, our study aimed to analyze competitions of rhythmic gymnastics promoted by state gymnastics federations which were focused on the initial years of practicing, to understand the role of competition events in the long-term development of gymnasts. To accomplish this, our study was carried out through a qualitative research, using documentar and field research. As a criteria for obtaining our samples, we analyzed the results of "Age 9-10 Brazilian Championships" at the individual team competition and group competition, between 2013 and 2018. We included the teams that were medalists in at least two years. Our first screening suggested five clubs from three state federations, from wich were interviewed: 11 coaches who worked directly with the "under 9 years category" and/or coordinated the teams, and three managers (being each one from each state federation investigated). Data collection was carried out in three moments: a. analysis of the RG technical rules for the age "under 9 years" category of the state federations, using an evaluation form which was elaborated based on the Competitive Participation Model (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017); b. interviews with the managers and coaches of the federations and clubs; c. observations of six competitions for the "under 9 years" category (registered in field diaries). The analysis of the interviews were carried out using a Content Analysis approach (BARDIN, 2011) focusing on the qualitative analysis. Also, we carried out a triangulation process to compare the different sources of data and to make our results reliable (FLICK, 2004). Our results pointed out to the existence of an institutional movement of the federations towards offering more pedagogically and elaborated competitions to the "under 9 years" category as well as competitions adjusted in a coherent way regarding the development phase of the gymnasts in question. However, we emphasize that there was found a lack of foundations in theoretical proposals that aimed to the elaboration and realization of sportive competitions for children, as well in competition models oriented to the development of athletes in long term. We found that both the federations and the coaches interviewed intended to expand the opportunities for participation in sports for children, aiming to make sports popular and to the best preparation for competitions in official categories, as well as maintaining children motivated for the practices. However, we identified a tendency for most coaches to emphasize aspects from high performance, both in training and competitions, which might reflect the need of changing the culture of gymnastics in all its complexity, meaning that sports for children may assume characteristics consistent with childhood and development of their educational potential specially in a competitive context.

Keywords: Long-term athlete development; Rhythmic Gymnastics; Sports Competition; Sports Initiation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Equipe de ginástica rítmica do colégio.....	15
Figura 2.	Formação acadêmica: momentos no curso de Educação Física.....	18
Figura 3.	Formação continuada: especialização e intercâmbio.....	20
Figura 4.	De treinadora a professora universitária.....	22
Figura 5.	Atuação profissional em Fortaleza: docência e gestão na ginástica.....	24
Figura 6.	O doutorado e os novos desafios.....	26
Figura 7.	Visão do Novo Sistema Nacional de Esporte.....	39
Figura 8.	Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva - MDPD (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007)	40
Figura 9.	Possíveis trajetórias entre os estágios de participação esportiva.....	43
Figura 10.	Proposta do Modelo de Participação Competitiva, baseada em Côté, Baker e Fraser Thomas (2007), Côté e Fraser-Thomas (2007) e Wiersma (2005)	51
Figura 11.	Esquema da avaliação na ginástica rítmica.....	55
Figura 12.	Estágios e características essenciais do Long Term Performance Development (LTPD) do Age Group Performance da FIG.....	63
Figura 13.	Progressão do LTAD no CS4L.....	68
Figura 14.	Triangulação dos dados.....	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Diferenças entre o jogo deliberado e a prática deliberada.....	42
Tabela 2.	Modelo da Engenharia Competitiva - Motivação Intrínseca, Metas de Engajamento do Atleta e Estratégias de Implementação.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Principais ajustes feitos às categorias pré-infantil e infantil em Campeonato Brasileiro e Torneio Nacional de GR.....	58
Quadro 2.	Metodologia básica do LTPD.....	64
Quadro 3.	Estrutura e programa de competições de ginástica rítmica do Age Group Program.....	65
Quadro 4.	Aparelhos para os exercícios dos fluxos de participação e alto desempenho.....	66
Quadro 5	Descontos de execução para as diferentes classes.....	67
Quadro 6	Estágios do LTAD para ginástica e respectivas idades.....	71
Quadro 7	Programas de competição da Federação Nacional de Ginástica dos Estados Unidos – USAGYM.....	75
Quadro 8.	Idades mínimas para a participação nos diferentes níveis do Junior Olympic Program e do Xcel Program.....	76
Quadro 9.	Divisão de categorias por idades para competições de níveis 3-10.....	77
Quadro 10.	Critérios de avaliação da lista de habilidades corporais – Xcel Program.	77
Quadro 11.	Critérios de avaliação da lista da categoria xcel – coreografia – Xcel Program.....	78
Quadro 12	Equipes medalhistas nos campeonatos brasileiros de conjunto e individual e suas federações.....	81
Quadro 13	Perfil dos gestores entrevistados no estudo.....	84
Quadro 14	Cronograma de entrevistas realizadas.....	85
Quadro 15	Cronograma de observação de eventos – ordem cronológica de realização.....	85
Quadro 16	Ajustes propostos nos regulamentos dos eventos da categoria mirim.....	89
Quadro 17	Análise das entrevistas com as gestoras das federações – Categorias e subcategorias.....	94
Quadro 18	Análise das entrevistas com treinadoras das equipes da categoria mirim.	97
Quadro 19	Temas da análise dos diários de campo das observações	99
Quadro 20	Eventos de ginástica rítmica para a categoria mirim previstos pelas federações estaduais de ginástica no ano de 2019.....	101
Quadro 21	Quantidade de participantes em eventos das federações estaduais da categoria mirim no ano de 2019.....	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGP	Age Group Program
CB	Campeonato Brasileiro
CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
CM	Clima Motivacional
CS4L	Canadian Sport for Life
EC	Engenharia Competitiva
EEFE	Escola de Educação Física e Esporte
FCG	Federação Cearense das Ginásticas
FIG	Federação Internacional de Ginástica
GA	Ginástica Artística
GCG	Gymnastics Canada Gymnastique
GPT	Ginástica para Todos
GR	Ginástica Rítmica
IEFES	Instituto de Educação Física e Esportes
LTAD	<i>Long Term Athlete Development</i>
LTPD	<i>Long Term Performance Development</i>
MDPD	Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva
PE	Pedagogia do Esporte
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PST	Programa Segundo Tempo
SESC	Serviço Social do Comércio
SIGARC	Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição
TNGR	Torneio Nacional de Ginástica Rítmica
TRGR	Torneio Regional de Ginástica Rítmica
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNOPAR	Universidade do Norte do Paraná
USP	Universidade de São Paulo
WG	World Gymnaestrada

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
1. INTRODUÇÃO	28
1.2 Objetivos	31
1.3 Estrutura da tese	32
2 REFERENCIAL TEÓRICO	34
2.1 Formação esportiva em longo prazo: as competições como componentes do processo	34
2.1.1 Formação do atleta em longo prazo: panorama de estudos na atualidade	36
2.1.2 Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva	39
2.1.3 A Engenharia Competitiva	44
2.1.4 O Sistema de Classificação para Programas Esportivos	48
2.1.5 O Modelo de Participação Competitiva	50
2.2 Formação esportiva em ginástica rítmica: as especificidades da modalidade	53
2.2.1 Características e especificidades da modalidade	53
2.2.2 Competições de Ginástica Rítmica no Brasil: a natureza dos eventos	57
2.2.3 Modelos de formação/competição em ginástica rítmica: O <i>Age Group Program</i> da Federação Internacional de Ginástica	61
2.2.3.1 As competições de ginástica rítmica do <i>Age Group Program</i>	65
2.2.4 <i>Long Term Athlete Development</i> – o caso do Canadá	67
2.2.4.1 <i>Long Term Athlete Development</i> para a ginástica	69
2.2.5 A estrutura competitiva dos Estados Unidos: Os programas <i>Xcel</i> e <i>Junior Olympic</i>	75
3 PERCURSO METODOLÓGICO	79
3.1 Caracterização da pesquisa	79
3.2 Critérios para a definição da amostra	80
3.3 Instrumentos para a coleta de dados	81
3.3.2 Entrevistas com treinadoras e gestoras	82
3.3.3 Perfil das gestoras entrevistados no estudo	83
3.3.4 Perfil das treinadoras entrevistados no estudo	84
3.4 Procedimentos	85
3.4 Análise dos dados	86
3.6 O processo de triangulação dos dados: confiabilidade da pesquisa	87
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	89
4.1 Análise dos regulamentos dos eventos da categoria mirim	89
4.2 Análise das entrevistas com as gestoras das federações estaduais	92
4.3 Análise das entrevistas com treinadoras de ginastas da categoria mirim	95
4.4. Observação não participante dos eventos	99
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	100
5.1 A dinâmica dos eventos de ginástica rítmica para a categoria mirim nas federações estaduais	100
5.2 Objetivos dos eventos de GR para a categoria mirim: ampliar a participação x formar atletas de alto rendimento	113
5.3 Ajustes nas competições e suas implicações pedagógicas para além dos regulamentos: destaques da observação em campo	132
5.3.1 Da classificação e premiação nos eventos	136
5.3.2 Acessando o universo infantil: dos collants às fantasias, dos balões aos personagens	140
5.4 Vamos brincar de ginástica? Em busca da compreensão do “jogo” da ginástica rítmica	145
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS	154
REFERÊNCIAS	160
ANEXOS	170

PREFÁCIO

Revisitando um passado recente: minha história na ginástica

Iniciar esta tese a partir de um olhar sobre minha vivência esportiva possibilitou-me revisitar um passado que hoje é compreendido pela pessoa e profissional que me tornei, lançando mão da memória, importante aspecto da construção da identidade (ÂNGELO, 2016). São memórias de minha trajetória como atleta, posteriormente como acadêmica do curso de Educação Física, treinadora de ginástica rítmica e atual professora do Ensino Superior, que (re)constroem diariamente as concepções acerca de minha área de atuação profissional. Tal processo de lembrança foi de grande contribuição para compreender minha aproximação com a temática que envolve o entendimento dos festivais, torneios e campeonatos de ginástica rítmica no processo de formação das ginastas.

Por compreender que “a universidade não é a única fonte formadora dos saberes [...], mas ela é apenas uma das fontes que (in)formam os professores dos e nos saberes” (BORGES, 1997, p. 156), penso ser fundamental retornar um pouco antes do início da carreira acadêmica propriamente dita, pois muito do que eu acredito hoje começou a ser construído quando me encontrei com a ginástica, ainda aos oito anos de idade.

O encontro com a ginástica: a vida de atleta

In some ways I had a totally normal life, but I had already been bitten by the gymnastics bug. I loved gymnastics more than anything¹ (MOCEANU, D., 1996).

Figura 1. Equipe de ginástica rítmica do colégio.



Fonte: acervo pessoal da autora

Legenda: Foto 1. Equipe do colégio nos Jogos Escolares do Paraná de 1993. Foto 2 e 3. Equipe do colégio em sessão fotográfica 1998.

¹ Tradução Livre: “De certa forma eu tinha uma vida totalmente normal, mas já tinha sido picada pelo mosquito da ginástica. Eu amava ginástica mais do que qualquer outra coisa” (MOCEANU, D., 1996).

Como muito se diz no ambiente gímnico: quando o mosquitinho da ginástica nos morde, ela entra em nossa vida e ocupa um lugar em que já não sabemos mais distinguir o que é a lazer, trabalho, compromisso ou paixão. Fica tudo literalmente junto e misturado, como dizem popularmente.

Tenho lembranças muito vivas de, por volta de sete anos de idade, 1990, ainda nos tempos de fitas VHS, ir à locadora com meu pai e ao invés de escolher os desenhos infantis clássicos, pedir com muito afinco para levarmos o filme “Nadia”, que contava a trajetória da grande ginasta romena Nadia Comaneci. Não sei ao certo o que me chamou atenção, mas eu sabia que queria muito assistir ao filme. Naquele momento, penso que o tal mosquitinho já me rondava. Aos oito anos, passei um ano morando em outra cidade, Londrina-PR, por conta do trabalho de minha mãe e, talvez por sorte (ou destino?!), em minha escola havia um grande ginásio de ginástica olímpica, atual ginástica artística. Todo intervalo, eu corria para assistir aos treinos, pelo menos por quinze minutos e ali eu realmente percebi que queria praticar ginástica.

Ainda nesse ano, iniciei em uma academia próxima de minha casa a prática da ginástica artística (GA). No ano seguinte, retornamos à nossa cidade (Maringá-PR) e, mesmo querendo continuar a prática que havia iniciado anteriormente, não consegui, pois não havia nenhuma escola que oferecesse tais aulas. Assim, acabei atendendo as aulas na escolinha de ginástica rítmica (GR) que existia em meu novo colégio. Não sei até hoje se o meu caminho teria sido o mesmo não fosse pelo fato de que, após minhas aulas, eu ficava na arquibancada esperando por quase uma hora minha mãe me buscar, enquanto estavam acontecendo aulas do treinamento mais avançado, com as meninas selecionadas. A professora, vendo que todos os dias eu ficava lá esperando e assistindo a essas aulas, me convidou para fazer parte do grupo.

Então, levei a picada! Ao longo dos 10 anos de prática, não tive uma carreira de grande destaque em competições nacionais, conquistando o pódio apenas em provas de conjunto no campeonato brasileiro, já nos anos finais de minha participação como atleta de competição. Contudo, posso dizer que no referido estado, nossa equipe alcançou ótimos resultados, tanto com ginastas do individual, quanto por equipe e conjuntos, conquistando diversos títulos e estando no pódio na maioria das competições.

Durante os quatro primeiros anos, participamos apenas de eventos escolares, que na época eram bem definidos não competiam ginastas federadas, as que participavam de eventos oficiais da Federação Paranaense de Ginástica e campeonatos brasileiros, o que fazia com que nossa equipe se destacasse nesses momentos, principalmente nas provas de conjunto, e continuasse progredindo com muito entusiasmo. Mas penso que o grande estímulo para

continuar praticando veio justamente de tudo o que envolvia nossa formação, principalmente da excelente orientação que tivemos de nossa treinadora.

Desse período, até começarmos a competir os campeonatos paranaenses, nossa participação em diferentes tipos de eventos era constante. Tínhamos várias apresentações em aberturas de jogos da própria escola, intervalos de jogos de outras modalidades, festivais da própria equipe de GR, apresentações em missas do colégio, datas comemorativas etc. Sempre era muito estimulante criar novas coreografias, estudar as temáticas, construir aparelhos, aprender outras coisas para além da ginástica rítmica, o que no final das contas acabou contribuindo muito para minha formação não só como atleta, mas como pessoa. Mesmo depois de começarmos a competir os eventos da Federação Paranaense de Ginástica e campeonatos brasileiros, essa rotina das apresentações extras não cessou. Isso sempre fortaleceu nosso vínculo com a ginástica e principalmente entre as ginastas. Preferíamos sempre estar juntas a qualquer outra coisa.

Claro que as competições também fortaleciam nossa amizade e nosso amor pela GR. Sempre fomos orientadas quanto aos objetivos de nossa participação em cada evento, da nossa contribuição individual para o sucesso da equipe, sobre o respeito às regras e às outras equipes. Foi realmente construída uma visão de esporte positiva, em que, apesar do clichê, a equipe se transformou em uma verdadeira família. Eu tinha em minha treinadora, um verdadeiro exemplo de pessoa íntegra, que vivia aquilo que ensinava e construiu conosco valores, que hoje acredito terem sido fundamentais em minha formação, como por exemplo, o respeito a todas as colegas e treinadoras, a determinação em busca dos objetivos, o companheirismo, a resiliência frente às dificuldades, enfim, tudo o que proporcionou nesses anos a boa convivência em grupo.

Nos anos finais de minha prática, por volta de 1999, por diferentes razões, inclusive políticas, nossa equipe acabou mudando de local e de treinadora, o que me possibilitou vivenciar outro lado do esporte. Nesse novo espaço, prevalecia uma prática mais tradicional de treinamento, voltada exclusivamente para a competição e para o rendimento, sem muita preocupação com a construção de um ambiente agradável de convivência em grupo. O que importava eram os resultados. Algumas de minhas companheiras de anos abandonaram a prática, mas eu não queria tirar a GR de mim, era o que eu mais gostava de fazer, acima de tudo. Nesse ano também, chegou o momento de tomar a decisão pela área de estudo. Era o último ano de escola e eu deveria me decidir quanto ao curso que iria aplicar no vestibular da Universidade Estadual de Maringá. A aproximação com a ginástica e a falta de interesse por outras áreas, apesar de não gostar das aulas de Educação Física na escola, me levaram a optar pelo curso de Educação Física. Foi o início de minha jornada acadêmica.

A formação inicial em Educação Física: conhecendo outras práticas

Figura 2. Formação acadêmica: momentos no curso de Educação Física



Fonte: acervo pessoal da autora.

Legenda: Foto1. Apresentação do grupo de ginástica geral da UEM. Foto 2. Fotos oficiais para a formatura. Foto 3. Colegas de turma. Foto 4. Apresentação do grupo de ginástica geral na World Gymnaestrada 2007.

Ainda no meio do terceiro ano do Ensino Médio passei no vestibular para Educação Física na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e ao iniciar o curso no ano 2000, a princípio, só me interessava a ginástica. Apesar de cursar a licenciatura plena, tinha convicção de que seria treinadora de ginástica rítmica desde que entrei no curso. Assim, já comecei a participar dos projetos de extensão de escolinhas de GR, sob orientação da Professora Dr^a. Ieda Parra Barbosa-Rinaldi, que ministrava as disciplinas de Ginástica do curso, e que havia sido também minha primeira treinadora de GR e tutora na vida.

Nesse período, eu ainda treinava e competia pela equipe da cidade e também pela Universidade, mas já começava a compreender a importância de um treinador na formação dos atletas. Foi quando, durante segundo ano da faculdade, tive sérios problemas de saúde, que me afastaram por quatro meses dos treinos. Quando me recuperei, já não via mais a vida de ginasta como algo imprescindível para mim, ainda que visse a ginástica como minha própria vida. Continuei acompanhando minha equipe, mas do lado de fora: continuei dando aulas no projeto de extensão, tornei-me árbitra da modalidade, participando das competições agora sob outra ótica e o mais importante: continuava sentindo prazer no que fazia.

Comecei, com incentivo de minha professora, a participar de eventos da grande área da ginástica, não mais apenas da GR e foi aí que conheci a ginástica para todos (GPT), então denominada ginástica geral. Particpei em 2003 do Fórum Internacional de GPT², promovido até hoje pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Serviço Social do Comércio - SESC em Campinas e desde então me apaixonei (mais uma vez) por essa nova ginástica. Nesse momento, tudo o que eu vivi em minha formação como atleta passou a fazer sentido.

A GPT que o Grupo de Pesquisa em Ginástica da UNICAMP acredita e propõe, com base em Maturana e Rezepka, (1995), propõe que a formação humana deve andar de mãos dadas com a capacitação, em uma metodologia participativa em que o praticante é co-criador de um ambiente desejável de convivência (SOUZA, 1997), vai ao encontro do que eu vivi na ginástica rítmica como ginasta e do que eu acredito ser necessário para que o ambiente esportivo, mesmo que com a presença da competição, seja reconhecido como um ambiente pedagógico. Conhecer uma metodologia de trabalho que se importa com os valores construídos e reconstruídos a cada encontro, mesmo que de uma manifestação gímnica na qual não existe competição, me fez perceber que isso é essencial dentro do ambiente competitivo também.

Tendo em vista que na época, grande parte dos trabalhos de GR eram voltados exclusivamente para competição, inclusive na iniciação esportiva, comecei a observar que a preocupação estava muito mais centrada no aspecto de preparação da técnica específica do que no desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos, negligenciando por vezes os aspectos educacionais do esporte. Assim, a temática que desenvolvi em minha monografia de conclusão do curso de licenciatura plena em Educação Física, intitulada “Ginástica geral: um possível caminho para a iniciação na ginástica rítmica” teve o objetivo de, por meio de um estudo bibliográfico, analisar a possibilidade de um trabalho de ginástica geral como iniciação a ginástica rítmica, a fim de verificar sua possível contribuição no processo educativo emancipador. Tive como orientador o Professor Dr. Wilson Rinaldi, marido da Professora Ieda, que também havia sido nosso preparador físico na época de atleta e acompanhou todo meu processo de formação de atleta.

Paralelamente a esse processo, a Professora Ieda, juntamente com algumas ex-atletas de GR da época da escola, criou o Grupo de Ginástica Geral do Departamento de Educação Física da UEM, hoje conhecido como a Companhia Gímnica – DEF/UEM. Voltar a ser ginasta, em

² Evento Internacional promovido pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, juntamente com o SESC Campinas, que desde 2001 busca proporcionar em espaço de troca de experiências e de conhecimentos acadêmicos acerca da ginástica para todos, trazendo convidados nacionais e internacionais em busca do desenvolvimento da prática (FIGPT, 2020).

outra perspectiva, me levou a vivenciar o que eu mais gostava na época de atleta: praticar o esporte que eu amo, conviver com pessoas que tem os mesmos objetivos e valores e me apresentar ao público. Tudo isso fez com que novas oportunidades surgissem.

A formação continuada: especialização e intercâmbio

Figura 3. Formação continuada: intercâmbio na Dinamarca.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Legenda: Momentos durante o intercâmbio na Gymnastikhojskolen em Ollerup – Dinamarca – 2005.

Após conhecer a GPT e conseguir fazer uma conexão com a GR, essa foi a forma que procurei trabalhar no ano seguinte após me formar. Ainda tinha, apesar de ter vivenciado outras tantas possibilidades de prática, a convicção que seria treinadora de ginástica rítmica e por essa razão, em 2005/2006, fiz o curso de especialização em Ginástica Rítmica, promovido pela UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná. Essa entidade é de grande renome na área da GR, sendo por várias vezes a equipe vencedora em campeonatos paranaenses e brasileiros, além de ter sido sede da seleção brasileira de GR, de 1995 a 2004 (FOLHA DE LONDRINA, 2011; OLIVEIRA; LOURENÇO; TEIXEIRA, 2003).

De fato, o curso agregou bastante conhecimento técnico, principalmente àqueles que almejavam aprimorar os seus treinamentos. Na época, eu ainda trabalhava como auxiliar técnica de uma equipe escolar e, portanto, não tinha muita autonomia para desenvolver meu próprio trabalho, porém seguia estudando e construindo meus conceitos sobre o treinamento da GR.

Desse interesse, surgiu o tema do trabalho de conclusão de curso, realizado em conjunto com a professora Fernanda Soares Nakashima, uma grande amiga, que seguiu os mesmos passos que eu, desde a época de ginasta no colégio. O trabalho orientado pela Professora Dr^a

Ieda Parra Barbosa-Rinaldi, teve o título “Treinamento em ginástica rítmica no estado do Paraná” e buscou mapear a estrutura organizacional de equipes paranaenses de GR, com destaque no cenário nacional, a fim de subsidiar, por meio de referencial teórico, o treinamento nesta modalidade. Notamos, a partir dos resultados, que apesar de haver estrutura organizacional e de planejamento do treino nas equipes, ainda havia uma lacuna no que dizia respeito à fundamentação teórica, trazidas também pela escassez de pesquisas brasileiras na área, naquela época.

Atualmente, após mais de 10 anos desses resultados, vejo que a área ampliou a quantidade de pesquisas na área (SIMÕES, et al, 2016; CARBINATTO, et al2016), e penso que as equipes têm mais oportunidades de conhecer os estudos da área em eventos específicos da modalidade, como por exemplo, àqueles divulgados no Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição – SIGARC, evento já consolidado na área que ocorre a cada dois anos em diferentes cidades do país. Todavia, apesar da existência do evento, vejo que a participação de treinadores(as) ainda é pequena, fazendo parte em sua maioria acadêmicos e professores(as) de faculdades e Universidades.

Pouco antes de finalizar o segundo bloco de aulas da especialização, por meio do contato da professora Ieda e em razão da participação na Companhia Gímnica da UEM, recebi a oportunidade de fazer um intercâmbio na Dinamarca, com bolsa de estudos da *International Sports and Culture Association* (ISCA), para um semestre na escola mais tradicional do país, a *Gymnastikhojskolen i Ollerup*. Esses quatro meses letivos em que mergulhei na cultura e na ginástica dinamarquesa ampliaram meu olhar sobre a área da ginástica e me fizeram perceber ainda mais que o prazer pela prática deve ser o que move as pessoas em sua carreira e, que os treinadores(as) têm a função de líderes que devem buscar proporcionar, além do aprimoramento físico e técnico do esporte, o divertimento e a sensação de pertencimento ao grupo e ao momento. Pouco após o retorno ao Brasil, uma nova oportunidade surgiria para me levar ao que sou hoje: professora universitária.

O Ensino Superior: o desafio e o encontro profissional

Figura 4. De treinadora a professora universitária



Fonte: Acervo pessoal da autora

Legenda: Foto1. Participação como treinadora de equipe de GR em evento estadual. Foto 2. Professores que participaram da banca de defesa da dissertação do mestrado. Foto 3. Amigos do mestrado e grupo de GPT. Foto 4. Alunos da Universidade Estadual de Maringá, quando eu já era professora universitária.

Após retornar da Dinamarca, retomei a rotina como treinadora de GR e menos de seis meses depois, surgiu a oportunidade de participar de um teste seletivo para ocupar a vaga de uma professora que sairia em licença maternidade, nas Faculdades Integrado de Campo Mourão, cidade que fica há aproximadamente 90 km de Maringá.

Preparei-me utilizando as temáticas que já havia estudado até então, e já que a vaga era na área da ginástica, me senti tranquila para falar sobre o assunto e acabei sendo aprovada. Dessa forma iniciei em junho de 2006 minha carreira no Ensino Superior. Como eram poucas horas de aula, pois eram apenas duas disciplinas, Metodologia das Atividades Rítmicas e Expressivas e Metodologia do Ensino da Ginástica Geral, comecei também em Campo Mourão uma escolinha de ginástica rítmica em uma academia do local, a fim de complementar a renda. Foi a primeira vez que pude desenvolver um trabalho de GR com toda a autonomia, aplicando tudo o que eu sempre acreditei. Porém o Ensino Superior foi também me conquistando, ao ponto de que ao finalizar o semestre, já sentir a necessidade de aprofundar os estudos.

Foi nesse momento que paralelamente à rotina de viagens à Campo Mourão para os dois trabalhos e a participação na Companhia Gímnica da UEM como ginasta, iniciei em 2007 aulas como aluna especial no Programa de Pós-graduação Associado UEM/UDEL em Educação Física. Começar a frequentar as aulas pensando num futuro mestrado, ampliou ainda mais o horizonte. Mas, ainda continuava dividida entre ser treinadora e ser professora no Ensino Superior. Foi quando no início de 2008, foi aberto um edital para professor colaborador (substituto), na

Universidade Estadual de Maringá, para as áreas de Ginástica, Psicologia do Esporte e Educação Física Infantil.

O grande desafio foi estudar para compreender os referenciais das outras áreas que eu já não estudava há algum tempo, porém consegui a aprovação e me tornei professora de uma universidade pública, ao lado da professora que orientou todo meu caminho como atleta e aluna. Nesse período, em 2008 participei do processo seletivo para entrar no Mestrado do Programa de Pós-graduação Associado UEM/UEL em Educação Física e em 2009 iniciei o curso, sob orientação do Professor Dr. Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira. Ainda exercia a função de treinadora, na equipe de competição do projeto de extensão da universidade, mas esse foi o momento da decisão da carreira. Foi o momento em que percebi que poderia contribuir muito mais para a ginástica, ensinando tudo aquilo que eu tinha aprendido e estudado em minha trajetória; que poderia, de alguma forma, despertar nos estudantes a vontade e a curiosidade pela área da ginástica, conquistar novos amantes dessa que é para mim muito mais do que uma profissão.

Em dezembro de 2009, outra oportunidade surgiu e mais uma vez me fiz presente. Um concurso para a Universidade Federal do Ceará tinha sido realizado com o pré-requisito de mestrado, porém não houve aprovados. Assim, ele foi reaberto para graduados. A área de estudo do concurso era justamente a área em que eu ministrava as aulas na UEM: Ginástica Rítmica, Ginástica Artística, Ginástica Geral e Ginástica Escolar, e meu contrato como substituta acabaria ao término do ano letivo. Após uma semana de provas em Fortaleza, consegui a sonhada aprovação em um concurso público.

Nesse meio tempo, desenvolvi minha pesquisa para o mestrado, que uniu os interesses de meu orientador, que na época era o coordenador pedagógico do Programa Segundo Tempo (PST) do Ministério do Esporte, com a minha vontade de contribuir para que a ginástica se expanda e fosse uma prática mais democrática. Assim, em fevereiro de 2011 defendi minha dissertação intitulada: “Esporte Educacional: uma proposta gímnica para o Programa Segundo Tempo”, na qual, com base na proposta pedagógica do PST e da GPT do Grupo de Pesquisa em Ginástica da UNICAMP, desenvolvi um programa de aulas de Ginástica para Todos em um dos núcleos do Programa Segundo Tempo em Fortaleza.

A atuação profissional em Fortaleza: docência e gestão

Figura 5. Atuação profissional em Fortaleza: docência e gestão na ginástica



Fonte: Acervo pessoal da autora

Legenda: Foto 1. Posse como professora da Universidade Federal do Ceará – 2010. Foto 2. Banca de arbitragem do Campeonato Cearense de GR, da qual fui diretora de arbitragem. Foto 3. Formatura dos primeiros alunos que tive em Fortaleza na UFC. Foto 4. Aulas da disciplina de Ginástica Geral na UFC. Foto 5. Preparação do Grupo de GPT da UFC – Gymnarteiros para a World Gymnaestrada de 2015. Foto 6. Assembleia Eletiva da Confederação Brasileira de Ginástica, com a presidente Luciene Cacho Resende. Participação como Presidente da Federação Cearense das Ginásticas.

No início de 2010 iniciei minha trajetória como professora do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, na área da Ginástica. Foram grandes mudanças em minha vida pessoal e profissional: um novo ambiente, com um novo clima e nova cultura; fui muito bem recebida e o mais importante de tudo: tive desde o início a autonomia para trabalhar, apesar das dificuldades com estrutura e materiais.

Após um ano na UFC, incentivada pelo interesse dos próprios alunos, criei o projeto de extensão em Ginástica Para Todos do IEFES/UFC, com a participação dos acadêmicos que estavam cursando as disciplinas de ginástica, que carinhosamente nomearam o grupo como “Gymnarteiros”. Iniciamos ali um percurso muito agradável que envolveu encontros de estudos, aulas práticas de ginástica, apresentações, oficinas ministradas em escolas, viagens, congressos.

Sob minha coordenação, participamos pela primeira vez do Fórum Internacional de GPT em Campinas, no ano de 2012, levando uma apresentação de coreografia para o Festival Universitário que acontece dentro do evento, além de trabalhos apresentados nos momentos científicos do mesmo. Em 2013, participamos do Festival Gym Brasil, em Piracicaba, promovido pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), conseguindo o credenciamento de duas coreografias para participar da World Gymnaestrada (WG) que viria ser realizada em 2015, na Finlândia; em 2014 voltamos a outra edição do Fórum Internacional de GPT, em

Campinas, tendo dois dos sete trabalhos apresentados, selecionados para a publicação de artigos completos em edição especial da Revista Conexões.

Em 2015, os Gymnarteiros chegaram a tão sonhada World Gymnaestrada, na cidade de Helsinki, na Finlândia, para o maior evento da GPT no mundo, promovido pela Federação Internacional de Ginástica. No ano seguinte, 2016, consolidamos nossa participação assídua no Fórum Internacional de GPT, dessa vez com nova coreografia, que em 2017 conseguiria mais uma vez o credenciamento para a WG de 2019, realizada na Áustria, por meio de participação no Festival Gym Brasil da CBG, em Campo Grande-MS. Em 2019 o grupo participou pela segunda vez da World Gymnaestrada. Em 2020, apesar da paralisação das atividades presenciais, devido à pandemia da COVID-19, o grupo continuou suas atividades virtualmente, participando também de congressos da área e do Festival Online de GPT, promovido pelo Gymnusp, grupo da Universidade de São Paulo.

O projeto tem sido referência na cidade de Fortaleza, atendendo crianças, adolescentes e jovens nos espaços da Universidade, assim como em outros ambientes, como em projetos sociais, escolas, abrigos, entre outros.

Além da Universidade, logo que cheguei em Fortaleza, me envolvi com a Federação Cearense das Ginásticas (FCG), atuando desde 2011 como Diretora Técnica da Ginástica Rítmica, organizando regulamentos e competições da GR no estado, juntamente com a Presidente da FCG na época, Professora Ester de Azevedo Vieira. Houve um crescimento exponencial da modalidade na cidade, com aumento da quantidade de participantes, assim como da qualidade técnica dos clubes filiados, que conseguiram diversos títulos em Torneios Regionais e Nacionais da CBG, boas colocações em Campeonatos Brasileiros, bem como a participação de uma ginasta na seleção brasileira juvenil de conjuntos, vice-campeã do Pan-americano de 2015, nos Estados Unidos (CARVALHO; SCHIAVON, 2017).

Em 2016, me tornei Presidente da FCG, dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos nesses anos de envolvimento: foram realizados cursos de arbitragem de ginástica rítmica, a fim de construir um quadro de arbitragem que pudesse avaliar de forma coerente os trabalhos, além de cursos técnicos de base em parceria com a Universidade Federal do Ceará (DANTAS, et.al, 2018).

Foram anos de trabalho intenso, envolvida por todos os lados com a ginástica e me sentindo na responsabilidade de levar ao estado, uma manifestação tão pouco difundida até então. Com o passar do tempo, fui sentindo a necessidade de retornar aos estudos, aprofundar o conhecimento ainda mais, para conseguir contribuir para a expansão da área da ginástica no Ceará. E assim se deu a busca pelo doutorado.

O desafio atual: o doutorado

Figura 6. O doutorado e os novos desafios



Fonte: Acervo pessoal da autora

Legenda: Foto 1. Parceiras do Grupo de Estudos e Pesquisa em ginástica da USP – Gymnusp. Foto 2. Apresentação de trabalho no Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição – SIGARC, 2017, com minha orientadora Prof^a. Dr^a Michele Viviene Carbinatto.

Ao pensar em retomar os estudos e concluir o processo graduação-mestrado-doutorado, procurei pela possibilidade de estudar algo que conseguisse relacionar com minha área de atuação, a ginástica. Em Fortaleza, ainda não temos cursos de pós-graduação em Educação Física, portanto essa relação teria que ser construída com outras áreas de conhecimento.

Passei cerca de um ano tentando compreender os programas de pós-graduação que poderiam ter relação com a área e me decidi por tentar o processo na Faculdade de Educação da UFC, para evitar mudanças geográficas com a família. Neste momento, em preparação de projeto e estudos de referências da linha de investigação, em um contato com a Professora Dr.^a Michele Viviene Carbinatto, em função de uma parceria para a produção de um capítulo de livro, acabei considerando a possibilidade de tentar o processo para inserção no Programa de Pós-Graduação da EEFÉ-USP, mesmo considerando a possível mudança de estado.

Quando entrei em contato com a produção do Gymnusp, Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica da USP me encantei, pois tudo o que gostaria de estudar, diretamente relacionado com a ginástica e a área da Pedagogia do Esporte, encontrei ali. Nesse momento, meus esforços passaram a se voltar para atender aos critérios para inserção no programa e produzir um projeto que atendesse aos meus anseios e pudesse contribuir para com o Gymnusp.

Compreendendo toda minha trajetória, percebi que muito das minhas boas experiências como ginasta poderiam ser compartilhadas de alguma forma para contribuir com a ginástica;

percebi também que todos os anos na docência me fizeram compreender os processos de ensino-aprendizagem e como a Pedagogia se faz presente também no treinamento esportivo e na função do treinador (BENTO, 2014); como diretora técnica da GR na FCG, notei também (infelizmente), como a ginástica rítmica pode ser cruel com pequenas crianças que estão entrando no mundo da competição sem uma boa orientação: que saem chorando dos eventos, que não conseguem se apresentar nas competições por medo, que não compreendem as notas, que têm os pais brigando nas arquibancadas por conta de resultados, que com cinco ou seis anos de idade já tratam as colegas da equipe adversária como inimigas, entre tantas outras coisas que vemos nos ambientes de treinamento e competição da iniciação esportiva.

Consegui enxergar que existe a necessidade não só do treinador de ginástica rítmica buscar o conhecimento acerca do trato pedagógico de sua função, mas também dos(as) gestores(as) da ginástica compreenderem como é importante que existam eventos que contribuam com a progressão da preparação das ginastas para o início dos eventos, até chegar às competições mais formais. Percebi também, o quanto a ginástica no Brasil ainda carece de orientação tanto para a formação de ginastas quanto de treinadores(as), se comparada a outros países.

Assim, cheguei à temática deste estudo, que tomou forma nesse período em que estou no doutorado. Por acreditar nos eventos esportivos, das mais variadas formas como possibilidade de inserir as crianças no meio competitivo sem a pressão e responsabilidade trazida pela competição institucionalizada; e por compreender que deva existir um processo que possibilite à criança vivenciar o ambiente de apresentações da ginástica rítmica de forma leve e divertida, que a mantenha no esporte por prazer pela prática.

1. INTRODUÇÃO

A carreira esportiva é compreendida como um processo contínuo e longitudinal, que envolve o período que vai desde a iniciação até a aposentadoria de um atleta e, dessa forma, é considerada como uma formação em longo prazo (GALATTI, et al, 2017; MENDES, 2017; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). A maneira como esse processo acontece ao longo da vida pode influenciar a relação que se estabelece entre o indivíduo adulto e o fenômeno esportivo em si, atribuindo para a fase de iniciação esportiva, principalmente na infância, uma contribuição importante para que essa relação seja saudável. Portanto, a qualidade das atividades nessa etapa deve ser permeada de cuidados tanto com os aspectos tático-técnicos, como com os aspectos psicossociais e os relacionamentos estabelecidos no ambiente (CÔTÉ, et al, 2017).

Compreendemos que a competição esportiva é inerente ao esporte (BENTO, 2006), e como tal, faz parte do processo de ensino aprendizagem do contexto esportivo. Por entendermos que o processo de formação esportiva, também deve abranger o ambiente competitivo aliado ao desenvolvimento do atleta em longo prazo, de acordo com cada estágio da carreira esportiva, acreditamos que a Pedagogia do Esporte tem a incumbência de pensar o desenvolvimento esportivo mediante organização, sistematização, aplicação e avaliação de procedimentos pedagógicos, inclusive dos ambientes competitivos de jovens (LEONARDO, 2018).

A competição esportiva para crianças e jovens é tema de estudos da área e traz questionamentos sobre o envolvimento desse público nas práticas esportivas, principalmente com relação à precocidade com que são submetidas a competições e processos sistematizados de treinamento, indicando que devemos considerá-la sob o ponto de vista da criança e não sob a perspectiva do adulto (FERRAZ, 2009). Comumente, a competição é delineada e proposta por adultos, ficando os anseios das crianças em segundo plano e, dessa maneira, seus objetivos e princípios precisam ser revistos e refletidos (BALBINO, et al, 2013).

O que vemos, em geral, são sistemas competitivos que reproduzem o modelo adulto e, como consequência disso, grande parte dos praticantes não se enquadra nesses padrões e acaba deixando a prática por falta de interesse e motivação (AIRES, et al, 2016). Assim, acreditamos que para desenvolver em jovens atletas os benefícios que o esporte pode proporcionar, ele não deve reproduzir os valores do esporte adulto, como por exemplo, o foco em resultados expressivos e imediatos, o que leva a especialização precoce dos praticantes. Esses aspectos são inadequados a crianças e jovens em desenvolvimento, podendo trazer consequências negativas

para a permanência na prática (LEONARDO, 2018; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2006; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; HANCOCK, 2016).

Desse modo, o ambiente competitivo, durante a fase inicial da formação esportiva, também deve ser ajustado às necessidades de aprendizagem das crianças, com ênfase na progressão de aprendizagem, favorecendo a formação competitiva, mas sobretudo a formação humana.

Estudos sobre competições para crianças e jovens em diversas modalidades, no Brasil, apontam para um cenário em que as federações esportivas, promovem eventos para idades abaixo das recomendadas pela literatura, favorecendo um quadro de especialização esportiva precoce (MILISTED, et al, 2014; COSTA; SANTOS, 2014; SANTANA; RIBEIRO, 2010; ARENA; BÖHME, 2004; ARENA; BÖHME, 2000).

Como exemplo, nota-se que na ginástica artística, a idade de participação em eventos oficiais e o tempo necessário para o desenvolvimento dos ginastas para competir são apontados pelos treinadores(as) como motivos da especialização precoce na modalidade (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). O que percebemos nesta modalidade em geral, é que existem, além de treinamentos que reproduzem o esporte adulto na infância, competições que trazem as mesmas características do esporte institucionalizado para a fase de iniciação esportiva (KUMAKURA, 2018). Na ginástica rítmica, da mesma forma, notamos uma tendência a especialização precoce, na qual alguns treinadores(as) dão ênfase ao desempenho das ginastas menores, por meio do sistema competitivo de rendimento, sendo a idade das competições tema de discussões em eventos da área (ANTUALPA, 2011).

É necessário, pois, dar um tratamento pedagógico para a competição esportiva na infância, que busque dar uma significação, de forma a superar o reducionismo da fundamentação de que o vencedor sobrepõe-se ao vencido, de que o esporte na infância serve apenas para revelar talentos para equipes competitivas e no qual a busca por resultados delineiam o oferecimento do esporte para crianças. É preciso pensar além da formação do atleta e se ocupar do desenvolvimento pessoal, pois o ser pessoa, precede o ser atleta e, o esporte e a competição trazem um conjunto de valores, manifestação de condutas pessoais, possibilidade de superação de limites, questões sociais e de relacionamento interpessoal que podem permitir que os praticantes levem esses aprendizados consigo para a vida. (BALBINO, et al, 2013).

Diversos fatores precisam ser pensados nas propostas de competição na infância e, entre eles, podemos citar a necessidade de objetivos mais globais, voltados para a educação integral dos praticantes, métodos mais ativos, que proporcionem maior envolvimento, ressaltar os

valores educativos das práticas, de forma que o esporte se adapte às necessidades reais das crianças (AIRES, et al, 2016).

Dessa forma, consideramos, neste estudo, que preparar pedagogicamente competições para crianças e jovens supõe adequá-las ao objetivos educacionais do esporte para crianças (BALBINO, et al, 2013), de forma que competir seja a oportunidade de demonstrar a própria evolução no desempenho das habilidades técnicas e táticas de determinada modalidade esportiva, assim como na resolução de problemas e tomada de decisões (DE ROSE JR.; KORSAKAS, 2006). Para isso, é necessário modificar as competições para permitir aos sujeitos a participação em atividades competitivas adequadas ao nível das capacidades e qualidades coerentes aos estágios de desenvolvimento (AIRES, et al, 2016), dentro da formação do atleta.

Planejar a formação de atletas em longo prazo e conhecer as necessidades em cada etapa de seu desenvolvimento é essencial para ajustar os eventos aos diferentes estágios. Salientamos que no Brasil, apesar de existirem alguns programas pontuais que dão suporte ao processo de desenvolvimento de atletas, ainda não existe um planejamento nacional de formação, ficando este trabalho a critério de cada modalidade (MENDES, 2017). Conseqüentemente, também não há orientação quanto à estrutura e organização das competições, nas diferentes fases da carreira esportiva. Na ginástica, o cenário nacional não é diferente. Não existe atualmente um modelo nacional de formação de ginastas e, dessa maneira, o planejamento do processo de desenvolvimento de atletas, bem como a estrutura de competições, fica a cargo das instituições que desenvolvem as modalidades.

Observamos que a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), apesar de não apresentar um modelo para a formação de atletas, estabelece para as competições oficiais de ginástica rítmica, modalidade em foco neste estudo, a divisão das idades em quatro categorias: pré-infantil (9-10 anos), infantil (11-12 anos), juvenil (13-15 anos) e adulto (a partir de 16 anos). Balizadas por essas idades e categorias, as entidades que trabalham com a modalidade, desenvolvem seus programas de formação de ginastas e organizam seus eventos.

No entanto, o início da prática das ginásticas em geral, se dá em idades ainda mais baixas do que as trazidas para as competições (BALYI, 2001; ARENA; BOHME, 2004; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010), sendo a primeira etapa da formação esportiva, a iniciação, compreendida entre seis e oito anos. Entendemos que a ginástica rítmica, assim como outros esportes estéticos como a ginástica artística e a patinação artística, tende a ter o início da fase de especialização mais precocemente do que em outros esportes, devido às próprias características das modalidades, porém acreditamos que principalmente nos anos iniciais da prática, que antecedem o início em competições formais como as da categoria pré-

infantil (9-10 anos) da CBG, e mesmo após esse primeiro momento competições formais, os eventos deveriam ter um trato pedagógico para atender às demandas das idades/estágios.

Isso porque, compreendemos que a GR exige uma combinação de capacidades e habilidades físicas e emocionais que selecionam sobremaneira a participação no alto rendimento e consideramos que esse sistema elitista não deve ser desenvolvido na iniciação esportiva, mesmo porque todas as crianças interessadas que iniciam a prática da ginástica têm o mesmo direito de vivenciar e aprender efetivamente uma modalidade esportiva (NISTA-PICOLLO; SCHIAVON, 2014).

Ademais, acreditamos que a participação em eventos que contemplem as necessidades de desenvolvimento das crianças pode contribuir não somente para a continuidade da participação esportiva ao longo da vida, mas também para a preparação para o desempenho em competições futuras, bem como para o desenvolvimento pessoal dos praticantes.

Nesse sentido, trazemos à tona algumas questões que nortearam este estudo: Como a participação em diferentes tipos de eventos esportivos pode influenciar a formação esportiva de um atleta? Qual o caráter dos eventos de ginástica rítmica realizados na fase de iniciação esportiva? Será que a participação em eventos do tipo festival pode contribuir para a preparação para a competição ou mesmo para a motivação para a prática da ginástica para a vida ativa? A fim de responder às indagações, trazemos no tópico seguinte os objetivos da pesquisa.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral

Analisar os eventos de ginástica rítmica promovidos por federações estaduais de ginástica, com foco nos anos iniciais da prática, a fim de compreender seu papel no processo de formação de ginastas em longo prazo.

Objetivos específicos

- Compreender a dinâmica organizacional e funcional dos eventos de ginástica rítmica voltados para a categoria mirim em federações estaduais de ginástica;
- Identificar como ocorre o processo de iniciação à participação de competições de ginástica rítmica em clubes com resultados representativos em nível nacional;
- Identificar os objetivos da participação de ginastas da categoria mirim em competições, bem como de sua oferta por federações estaduais de ginástica;

- Indicar possíveis caminhos para a estruturação de propostas de eventos voltados para a iniciação esportiva na ginástica rítmica, que considerem a formação de ginastas em longo prazo.

1.3 Estrutura da tese

Levando em consideração a formação de atletas em longo prazo, com o respeito às etapas de desenvolvimento da criança, e o ambiente competitivo como aspectos a serem considerados nesse processo, apresentamos a estrutura da presente tese, a fim de indicar o panorama geral do estudo.

O capítulo 2 da tese, trata do referencial teórico da pesquisa, que foi subdividido de acordo com as temáticas. O primeiro subtópico intitulado “Formação esportiva em longo prazo: as competições como componentes do processo”, traz o Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (MDPD), de Côté e colaboradores (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; STRACHAN; FRASER-THOMAS, 2008; CÔTÉ; HAY, 2002), como base teórica para pensar o ambiente competitivo nos diferentes estágios de formação do atleta. Apresentamos na sequência, três modelos propostos para promover ajustes às competições esportivas, de maneira que as mesmas sejam adequadas ao processo de desenvolvimento do atleta, em seus diferentes aspectos, nos anos iniciais da prática.

O primeiro modelo apresentado é a Engenharia Competitiva (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011), que propõe que aconteçam mudanças no ambiente competitivo, com relação à estrutura, regras, instalações e equipamento, buscando a melhoria da experiência competitiva de jovens atletas, a partir da promoção da motivação intrínseca. Em seguida apresentamos o Sistema de Classificação para Programas Esportivos (WIERSMA, 2005), que busca trazer uma classificação que traga informações sobre a adequação dos objetivos do programa esportivo/eventos, de forma a atender às demandas de habilidade e maturidade competitiva dos participantes. Por fim, neste capítulo, trazemos o Modelo de Participação Competitiva de Leonardo, Galatti e Scaglia (2017) e Leonardo, Krahenbühl e Scaglia (2017), que utiliza os níveis competitivos propostos pelo Sistema de Classificação para Programas Esportivos de Wiersma (2005), distribuídos nos diferentes estágios do Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva de Côté e colaboradores (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

No segundo subtópico do referencial teórico, “Formação Esportiva em ginástica rítmica: as especificidades da modalidade”, apresentamos inicialmente as características específicas da

modalidade, em seus moldes institucionais, bem como a natureza de seus eventos. Na mesma linha da formação de atletas em longo prazo, expomos três modelos de desenvolvimento de ginastas e estruturas competitivas: o *Age Groups Program*, da Federação Internacional de Ginástica; o *Long Term Athlete Development (LTAD)*, adotado pela federação nacional de ginástica do Canadá, *Gymnastics Canada*; e a estrutura competitiva dos eventos da Federação de Ginástica dos Estados Unidos – USA Gymnastics, com foco em dois programas: o *Xcel Program* e o *Junior Olympic Program*. Dessa maneira, procuramos compreender os conceitos que orientam a organização dos eventos em ginástica rítmica nos diferentes estágios de formação das atletas.

O terceiro capítulo apresentado é o “Percurso metodológico” adotado para a realização da pesquisa. Descrevemos detalhadamente todas as etapas do estudo, esclarecendo o caminho escolhido para a investigação sobre os eventos de ginástica rítmica e suas relações com a formação das atletas em longo prazo.

Os resultados da pesquisa são apresentados no quarto capítulo e discutidos no quinto, em quatro eixos principais: 1. A dinâmica dos eventos de ginástica rítmica para a categoria mirim nas federações estaduais; 2. Objetivos dos eventos de GR para a categoria mirim: ampliar a participação e (ou para?) formar atletas de alto rendimento; 3. Ajustes nas competições e suas implicações pedagógicas para além dos regulamentos: destaques da observação em campo; 4. Vamos brincar de ginástica? Em busca da compreensão do “jogo” da ginástica rítmica.

Por fim, trazemos as considerações finais do estudo e possíveis encaminhamentos para pensar a elaboração de eventos de ginástica rítmica, com foco nos anos iniciais, considerando uma formação de atletas em longo prazo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Formação esportiva em longo prazo: as competições como componentes do processo

A formação e a carreira de atletas tem sido tema de estudos da área da Pedagogia do Esporte (PE), assim como a competição esportiva para diferentes públicos. Ao compreendermos o esporte como fenômeno sócio cultural (BENTO, 2006; REVERDITO; SCAGLIA, 2009), entendemos que as relações complexas que se estabelecem dentro do ambiente esportivo devem ser carregadas de cuidados com o ato de ensinar, bem como com o processo de aprendizagem (NISTA-PICCOLO; NUNOMURA, 2014).

Nesse sentido, Bento (2006) nos traz a ideia de que a Pedagogia do Esporte, pautada na Pedagogia Geral e nas Ciências do Esporte, busca compreender as diversas formas esportivas por meio de perspectivas pedagógicas. Para Gonzalez, Silva e Machado (2017), compreender a PE como o campo que investiga a prática educativa no esporte, nos leva a perceber uma nova tendência, que vê o esporte como meio facilitador no processo de formação integral do indivíduo. Sendo assim, podemos afirmar que o esporte deve ser percebido a partir do sujeito que o transforma (REVERDITO & SCAGLIA, 2009).

A partir desse entendimento, compreendemos a competição como processo inerente ao esporte, justamente por ter em sua natureza o aspecto moral e cultural, pelo fato de ser um jogo de confronto, no qual os desempenhos são comparados de diferentes formas. Afinal, é na competição que se encontra a essência do esporte: “Goste-se ou não, a competição e a concorrência são a alma e o grande motor do desporto e da vida” (BENTO, 2006, p.14).

Leonardo, Galatti e Scaglia (2017) reafirmam que a própria essência do esporte está associada ao confronto, ao desafio e ao jogo e, portanto, à competição. Ao fazerem referência ao estudo de Fraser-Thomas e Côté (2009), noticiam que o contexto competitivo é um rico ambiente de aprendizagem, que pode fortalecer o desenvolvimento social, moral e ético para além do esporte. Dessa maneira é “impossível se pensar em ensinar esporte, desvinculado o fato de se aprender a competir” (MONTAGNER & SCAGLIA, 2013, p.194).

Acreditamos, portanto, que a competição tem o potencial de contribuir positivamente para a formação do atleta e, sobretudo, da pessoa. Todavia, reforçamos a ideia de que o fato de ter o potencial não é o suficiente para que essa contribuição seja efetiva, pois pode ser feita da competição e do esporte o que se quiser.

O valor educativo da participação em competições vai depender da forma como os atletas são conduzidos, assim como das experiências vividas nesse contexto (NISTA-

PÍCCOLO; NUNOMURA, 2014). “Se construídos sobre princípios éticos e morais, as competições esportivas e os desafios constituem alicerces seguros sobre os quais se pode edificar uma pedagogia vocacionada para a formação integral de crianças e jovens” (GAYA; GAYA, 2013, p.51). O fato é que nem todos os envolvidos no ensino do esporte buscam a construção desses princípios.

A discussão voltada para a adequação do treinamento esportivo para crianças e jovens existe, mas a formação dos praticantes para as situações competitivas não tem tido ênfase nos estudos (NISTA-PICCOLO; NUNOMURA, 2014). O ambiente competitivo destinado aos jovens atletas tem sido muito semelhante ao dos adultos, no que diz respeito ao sistema, expectativas e objetivos e assim, se tornam ambientes não apropriados, pois acabam por estimular a especialização precoce, o que leva a uma competição também precoce, com ênfase nos resultados a serem alcançados (BOMPA, 2000; MARQUES, 2003).

O que vemos na prática é um tratamento desproporcional com o que se espera, com jovens atletas sendo treinados para campeonatos mirins e infantis como se dependessem dessas vitórias para o sucesso futuro (CAFRUNI, MARQUES e GAYA, 2006). Dessa forma, o caráter formativo de esporte se anula, pois os treinos passam a ser orientados pelas demandas da competição e não pela formação do sujeito.

A distorção que se é possível fazer da competição, tornando-a um lugar ruim do ponto de vista ético, que pode trazer diversas mazelas ao ser humano, levou Shields e Bredemeier (2009), a criarem um novo nome, não para substituir o termo competição, mas para denominar o que é o seu real oposto – “*decompetition*” – e mostrar que quem atua no esporte com esse sentido, está na verdade totalmente fora do que seria a real ou verdadeira competição – “*true competition*”. Nesse conceito, a ideia de que a competição nos leva a “lutar contra”, trazendo os oponentes como inimigos em um campo de batalha, deveria ser encarada de uma forma na qual para viver a competição verdadeira, deveríamos “lutar com” o outro, em busca da excelência no esporte.

É óbvio que quem compete almeja a vitória e, não o fazer em nome de “pretensas noções humanistas ou pedagógicas”, seria assumir que se entende nada ou muito pouco do sentido da competição e da vida (BENTO, 2006, p.15). Empenhar-se em vencer, é um princípio ético do jogo: é preciso esforçar-se ao máximo para proporcionar ao adversário o desafio, a sua real condição de oponente, o que também fará com que dê o máximo de si, e portanto, ultrapassar os próprios limites a fim de se comprovar quem é efetivamente melhor. Dessa forma, “a competição e a oposição têm como função genuína e última a cooperação”, buscando juntos a excelência esportiva (BENTO, 2006, p.15).

Sendo assim, compreendemos que a maneira como se dá o processo de formação competitiva é que balizará os aspectos dualistas e que conduzirá o processo para a “*true competition*” ou para a “*decompetition*” (SHIELDS; BREDEMEIER, 2009). Acreditamos que é possível que a competição seja algo a contribuir para a vida do indivíduo como um todo, desde que seja organizada de acordo com as necessidades, motivações e interesses dos praticantes em cada época de sua carreira esportiva, além de ser pautada em uma pedagogia que leve os praticantes a apreenderem seu real significado (MARQUES, 2003).

Nessa perspectiva é que a figura do treinador se faz fundamental e a Pedagogia do Esporte tem na formação de treinadores(as) um dos aspectos de análise. Bento (2014) esclarece que o treinamento esportivo deve ser visto como um processo educativo e, portanto, o treinador, assim como os demais sujeitos do esporte (pais, dirigente, árbitros, entre outros), também têm influências e responsabilidades pedagógicas sobre a formação do atleta. Afinal, a PE não pode se limitar ao ensino dos movimentos, mas também deve se preocupar com os aspectos educacionais, inclusive no que diz respeito à competição, ainda pouco explorada no sentido pedagógico (GONÇALVES, et al, 2016).

Deste modo, compreendemos que a competição é inerente ao esporte e não tratar da mesma seria desvirtuar o sentido do fenômeno. Ademais, acreditamos que as competições esportivas devem ter um trato pedagógico, assim como o treinamento, a fim de pensar a formação da pessoa/atleta em longo prazo. Para isso, as competições devem assumir diferentes formatos no processo de formação esportiva, de acordo com a transição da carreira, passando pelas competições não formais ou festivais e percorrendo uma progressão gradual até chegar à competição formal e institucionalizada, de forma a levar os atletas a compreenderem seu real sentido e aprimorarem sua participação em todos os níveis.

Julgamos necessário, portanto, a fim de compreender o ambiente da competição esportiva, conhecer alguns estudos que tratam da formação do atleta em longo prazo, por considerar que o desenvolvimento pessoal do atleta se dá em diferentes estágios de participação da prática esportiva, em que a competição acontece de variadas formas.

2.1.1 Formação do atleta em longo prazo: panorama de estudos na atualidade

A pesquisa sobre a carreira de atletas e sua formação, tem sido desenvolvida de forma ampliada e evoluiu consideravelmente nos últimos anos, apresentando uma mudança do foco na identificação do talento, para uma ênfase no desenvolvimento do atleta. Nestes estudos, a diferença entre as abordagens se encontra no entendimento de que na primeira, acredita-se que

o talento é inato e é necessário realizar avaliações para identificar uma provável obtenção de excelência esportiva.; e a segunda tem ênfase na formação, com foco na aquisição de habilidades motoras e psicológicas, centrando-se na quantidade e qualidade do processo (FOLLE, NASCIMENTO e GRAÇA, 2015).

A carreira dos atletas deve advir de um planejamento extremamente minucioso, que se relaciona diretamente com o percurso do jovem atleta e envolve questões como o treinamento e as competições. Esse percurso, compreendido entre a iniciação desportiva e o alto rendimento, se caracteriza como o período de formação, no qual se busca desenvolver bases que permitam alcançar no futuro, os resultados almejados (CAFRUNI, MARQUES e GAYA, 2006).

Partindo do contexto atual de iniciação esportiva, no qual as crianças têm iniciado a prática cada vez mais precocemente, a especialização precoce aparece como tema atual e de necessária discussão, por não respeitar o nível de desenvolvimento da criança, antecipando as fases de seu processo de formação esportiva. Assim, a especialização precoce é desaconselhada, pois pode trazer várias consequências negativas aos praticantes, tais como redução do repertório motor, aumento da incidência de lesões, desmotivação, entre outros (NUNOMURA, CARRARA, TSUKAMOTO, 2010; BOMPA, 2000). Por essa razão, a estruturação e a sistematização do processo de formação esportiva devem ter base na Pedagogia do Esporte e ser planejados na perspectiva da formação do sujeito e sua complexidade (MENDES, 2017).

Nessa direção, encontramos na literatura estudos sobre a formação de atletas em longo prazo que indicam modelos de investigação pautados nos estágios e esclarecerem as principais características e interferências de diferentes fatores do treinamento, bem como de influências sociais no processo de formação (FOLLE, NASCIMENTO e GRAÇA, 2015). Os modelos de estágios, dividem a formação esportiva em etapas e descrevem as mudanças ocorridas na experiência esportiva, assim como no ambiente social.

Galatti, et al(2017) corroboram a ideia, trazendo pesquisas sobre o desenvolvimento da carreira esportiva, que apresentam classificações de estágios, em fases ou etapas vivenciadas pelos atletas ao longo de sua formação. Além dos estágios da carreira, os modelos de transição que influenciam o desenvolvimento dos atletas (GALATTI, et al, 2017; FOLLE; NASCIMENTO; GRAÇA, 2015). Fizeram parte da investigação de Galatti, et al(2017) os estudos de Bloom (1985), Stambulova (1994), Côté (1999), Durand-Bush e Salmela (2002), Folle (2014), Pearson e Petitpas (1990), Salmela (1994), Wylleman, Lavallee e Alfermann (1999), Green (2005), Balyi (2004) e Côté, Baker e Abernethy (2007). Com relação aos estágios de desenvolvimento do atleta, Folle, Nascimento e Graça (2015) destacam estudos como os de Côté (1999), Durand-Bush; Salmela (2002), Côté, Baker, Abernethy (2007).

As diferentes classificações trazidas por esses modelos convergem para uma divisão da carreira esportiva em três principais fases, com princípios comuns, embora utilizem nomenclaturas diferentes – uma fase inicial, fases intermediárias e uma fase final (GALATTI, et al, 2017; CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006).

O primeiro estágio – chamado de anos iniciais, iniciação ou anos de experimentação – tem a característica da busca por atividades lúdicas e gratificantes, com experimentação de diferentes modalidades esportivas e desenvolvimento de habilidades motoras básicas, com foco no jogo deliberado; no segundo estágio – anos intermediários, desenvolvimento ou anos de especialização - o divertimento trazido pelo jogo passa a ser gradativamente substituído pelo comprometimento, equilibrando a quantidade de prática deliberada e o jogo; o terceiro estágio – anos finais, perfeição ou investimento/manutenção - é caracterizado pelo aperfeiçoamento e busca pelo alto nível, fazendo com o que a quantidade de prática deliberada seja aumentada significativamente e as outras atividades cotidianas se tornem secundárias (GALATTI, et al, 2017).

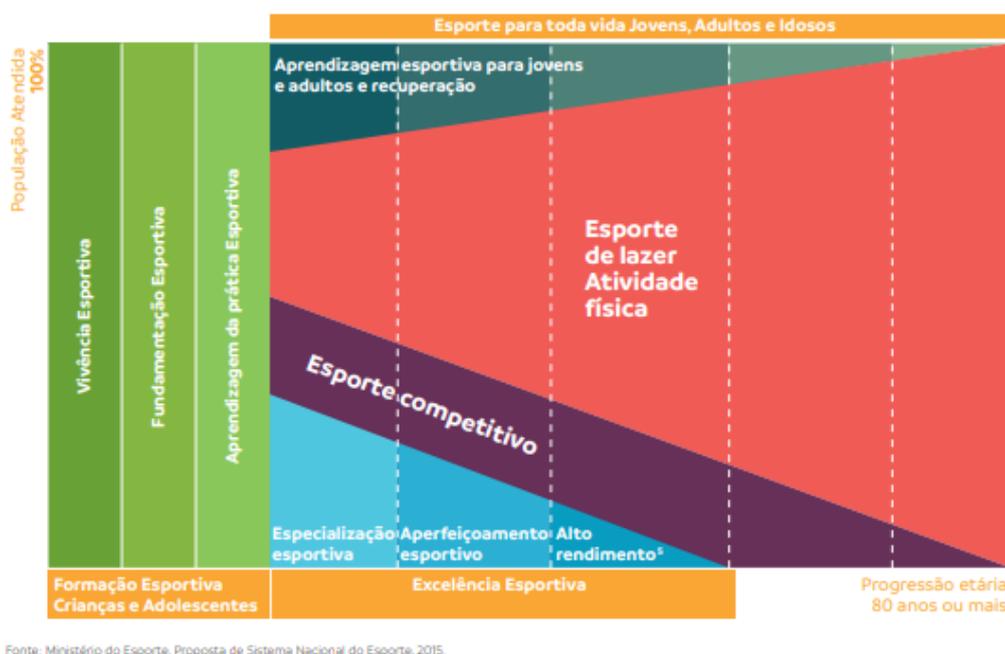
Dentre os modelos de formação esportiva estudados destacamos, nesse estudo, o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD) (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), que é o modelo mais proeminente na literatura e influencia outros modelos de acordo com (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). O MDPD fornece uma estrutura com caminhos que promovem não somente o desempenho, mas também a participação continuada, benefícios à saúde e desenvolvimento pessoal de jovens por meio do esporte (CÔTÉ; STRACHAN; FRASER-THOMAS, 2008; CÔTÉ E VIERIMAA, 2014). Além disso, nas duas últimas décadas, vem sendo desenvolvido e refinado, apresentando um conjunto de conceitos e variáveis sobre o desenvolvimento de atletas que são quantificáveis e testáveis (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Ademais, o MDPD tem sido utilizado como base teórica de pesquisas que tratam da competição esportiva de jovens atletas no Brasil, como o estudo de Leonardo (2018) que apresenta as competições de handebol de jovens do estado de São Paulo e as características das adaptações competitivas; e o de Mendes (2017) que trata da trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol Brasileiro.

Outro destaque para os modelos de desenvolvimento de atletas em longo prazo, visando também à participação, é a orientação do Ministério do Esporte, que a partir de Conferências Nacionais do Esporte apontou na direção da criação de um novo Sistema Nacional de Esporte, que reconheça tanto o fomento ao alto rendimento, quanto à promoção de atividades físicas e esportivas para todas as pessoas, de forma integrada e complementar.

O Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil, de 2017, aponta para um modelo de desenvolvimento esportivo que garanta o direito ao esporte, previsto pela Constituição Federal, com foco ao direcionamento para o esporte educacional. Dessa forma, tanto o esporte de alto rendimento quanto o de participação seriam contemplados (PNUD, 2017).

Figura 7 – Visão do Novo Sistema Nacional de Esporte



Fonte: PNUD, (2017).

Considerando que a ginástica brasileira ainda carece de uma orientação geral no que diz respeito à formação dos atletas, apresentamos a seguir o Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva de Côté e colaboradores, como base teórica para refletir acerca da formação esportiva em ginástica rítmica, considerando principalmente os eventos e competições destinadas aos anos iniciais do desenvolvimento da ginasta.

2.1.2 Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva

O Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (MDPD) desenvolvido por Côté (1999), Côté e Fraser-Thomas (2007), Côté e Hay (2002), defende que o esporte na juventude deve promover a participação esportiva continuada, benefícios para a saúde e desenvolvimento psicossocial por meio da prática do esporte. Essa concepção de desenvolvimento esportivo partiu de uma série de entrevistas retrospectivas sobre a carreira de atletas de diferentes modalidades, no contexto da América do Norte, e propõe três possíveis

trajetórias de participação esportiva, que perpassam diferentes estágios de desenvolvimento do atleta ao longo dos anos (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; STRACHAN, FRASER-THOMAS, 2008). A figura 8, representa os diferentes estágios propostos por Côté (1999) e como se dá a transição entre as possíveis trajetórias da carreira esportiva.

Figura 8 – Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva - MDPD – (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007)



Fonte: MENDES (2017).

O primeiro estágio de participação esportiva, chamado de **anos de experimentação**, compreende o período entre os seis e os 13 anos de idade e enfatizam a diversão pelo esporte, sendo os pais responsáveis por suscitar o interesse e permitir que eles experimentem diversas atividades prazerosas sem foco no treino intenso.

O segundo estágio, **anos de especialização**, é caracterizado por atletas entre 13 e 15 anos de idade. Neste momento, o envolvimento em várias atividades é gradualmente reduzido para focar em uma ou duas atividades esportivas específicas e o desenvolvimento das habilidades esportivas emergem, mesmo tendo a diversão ainda como elemento central da experiência.

Por volta de 15 anos de idade, os atletas chegam aos **anos de investimento**, período no qual há um maior comprometimento em alcançar um alto nível de desempenho em uma única atividade esportiva; neste caso, o foco passa a ser nas características e estratégias competitivas e do desenvolvimento de habilidades do esporte em questão (CÔTÉ, 1999).

A partir desses estágios, o MDPD sugere três etapas na trajetória de desenvolvimento do atleta: durante os anos de experimentação (6-12 anos) a criança participa de uma variedade de atividades esportivas com um caráter mais recreativo, que podem ser mantidas durante os anos de recreação (ou participação) (13+ anos) ou direcionadas para a performance nos anos de especialização (13-15 anos) e anos de investimento (16 + anos). Essas etapas são chamadas de participação recreacional por meio da experimentação, desempenho de elite por meio da experimentação e desempenho de elite através da especialização precoce (CÔTÉ E FRASER-THOMAS, 2007).

Os estágios do MDPD são coerentes com as teorias gerais do desenvolvimento da criança e do adolescente e promovem tanto o desempenho esportivo como a participação continuada e o desenvolvimento pessoal para todos os envolvidos no esporte. Integram-se, nesse sentido, os vários resultados esperados – a *performance*, a participação e o desenvolvimento pessoal – com foco nos processos e no ambiente (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). São ancorados nos conceitos de jogo deliberado e prática deliberada, que marcam a transição entre eles. Enquanto os anos de experimentação são caracterizados por alta frequência de jogos deliberados e baixa frequência de prática deliberada, durante os anos de especialização existe um equilíbrio entre ambos e nos anos de investimento existe uma alta frequência de prática deliberada (CÔTÉ, 1999).

O jogo deliberado é a atividade esportiva que envolve práticas físicas intrinsecamente motivadas, promove satisfação e maximiza o prazer pela prática; é regulado pelas regras do desporto institucionalizado, porém adaptadas e monitoradas pelas crianças ou adultos envolvidos nas atividades. Ele permite que as crianças joguem com menos equipamentos, em qualquer espaço, com qualquer número de jogadores de diferentes idades e tamanhos, e isso possibilita a liberdade de experimentar diferentes movimentos e a oportunidade de improvisar, inovar e responder estrategicamente, além de aperfeiçoar habilidades que não poderiam ser praticadas em situações organizadas e completamente controladas (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

A prática deliberada vem do conceito produzido por Ericsson, Krampe e Tesch- Römer (1993), em uma pesquisa sobre o alto desempenho em diferentes atividades, e é definida como qualquer treino que exija esforço físico e cognitivo, realizado com o propósito de desenvolver

habilidades a fim de melhorar o desempenho. Além disso, essas atividades possuem características definidas, sistematizadas e repetitivas, com detecção e correção de erros (CÔTÉ, BAKER E ABERNETHY, 2007). Podemos visualizar um paralelo entre jogo e prática deliberada na tabela 1:

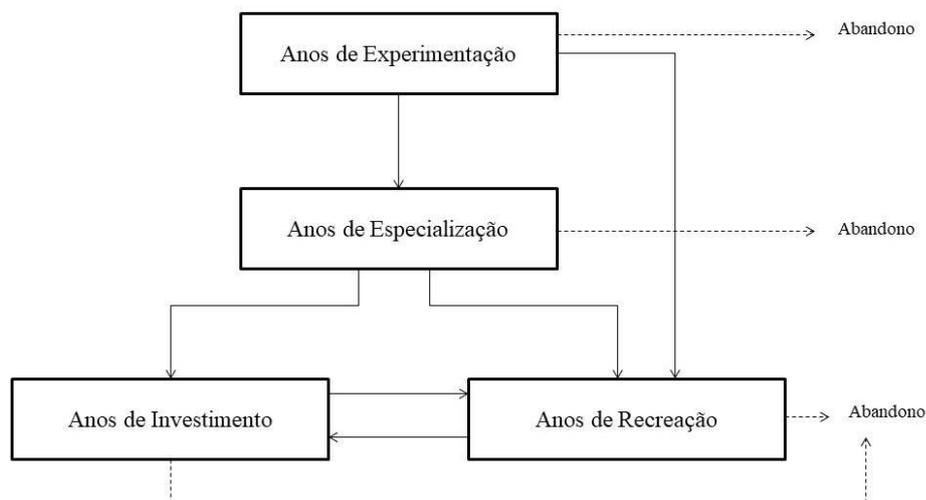
Tabela 1 – Diferenças entre o Jogo Deliberado e a Prática Deliberada.

Jogo deliberado	Prática deliberada
Feito em causa própria	Feito para alcançar um objetivo futuro
Prazeroso	Não necessariamente prazeroso
Descompromissada	Levado a sério
Interessado no processo	Interessado no resultado do processo
Flexível	Regras rígidas
Envolvimento adulto não é necessário	Envolvimento adulto é necessário
Ocorre em diversos locais	Ocorrem em instalações especializadas

Fonte: Adaptado de Côté, Baker e Abernethy (2007). (Tradução nossa)

Percebemos que no MDPD (Figura 8) o início da trajetória esportiva se dá com os anos de experimentação, nos quais existe a diversificação de modalidades praticadas, assim como de atividades dentro de um mesmo esporte, de forma bastante lúdica, por meio da predominância do jogo deliberado. Diversos fatores podem levar a criança iniciante a optar por manter o caráter lúdico das atividades e se inserir nos chamados anos de recreação, ou adentrar nos anos de especialização, nos quais a quantidade de prática deliberada se equilibra com os jogos e o foco passa a ser um ou dois esportes. Nesse caminho do desempenho, o adolescente segue para os anos de investimento com foco na performance de elite (CÔTÉ; HAY, 2002).

É importante ressaltar que pode existir também um movimento horizontal entre as trajetórias: nada impede que um atleta que se encontra, por exemplo, nos anos de especialização possa optar por não mais seguir a carreira de desempenho e permanecer participando do esporte com intuito recreativo apenas. Além disso, o abandono da prática esportiva pode acontecer em qualquer estágio, o que é apontado pelos autores como algo errado que aconteceu durante o processo, e que acabou impedindo o alcance dos objetivos do programa esportivo (CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ E FRASER-THOMAS, 2007).

Figura 9 – Possíveis trajetórias entre os estágios de participação esportiva

Fonte: Adaptado de Côté e Hay (2002). (tradução nossa)

Outra possibilidade de trajetória é o desempenho de elite através da especialização precoce. Neste caminho, percebemos que há uma alta quantidade de prática deliberada, com foco em um só esporte buscando desde os primeiros anos de prática o desempenho. Há evidências que esse processo pode ser efetivo no desenvolvimento de atletas de elite, porém, diversos resultados negativos podem acontecer, como a diminuição do prazer pela prática, lesões, redução da saúde do atleta e um desenvolvimento psicossocial não tão positivo quanto poderia ocorrer, caso houvesse a fase dos anos de experimentação (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY 2002, CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007, CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Citamos, como exemplo, a própria ginástica rítmica, em que é possível obter sucesso em termos de rendimento por meio da especialização precoce, porém o custo para o alcance do alto nível nesse tipo de trajetória parece alto e tem sido altamente criticado (LAW; ERICSSON; CÔTÉ, 2007). Estudos apontam que o treinamento estruturado e a seleção precoce, uma vez que se baseiam na prática deliberada com foco no desempenho, vão contra a motivação das crianças, principalmente porque nesse modelo existe orientação para a vitória, comparação social e uma relação com o abandono da prática. E, apesar de levar ao desempenho de elite, há esgotamento emocional e lesões, o que limita a duração das carreiras dos atletas (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Entretanto, mesmo com essas evidências, em esportes como a ginástica feminina e a patinação artística, nos quais a idade de desempenho máximo tende a ser muito jovem, os atletas são requisitados a se especializar precocemente para alcançar o alto nível (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Nesse caso, é necessário um cuidado extremo com o programa de

treinamento, que deve sempre considerar o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social da criança.

Independentemente do caminho que o atleta irá percorrer em sua trajetória de desenvolvimento, para que o esporte se torne um fenômeno importante na vida da pessoa, os primeiros anos de envolvimento com a prática esportiva devem promover para além do desenvolvimento de habilidades, o desenvolvimento social, moral e pessoal. Para isso, a prática do esporte competitivo deve se afastar dos valores do esporte adulto, inclusive no que diz respeito aos modelos de competição, e o cenário competitivo na infância deve ser ajustado às demandas e necessidades de aprendizagem do público jovem (LEONARDO, 2018).

Leonardo, Galatti e Scaglia (2017) desenvolveram o Modelo de Participação Competitiva, a partir de relações entre o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2008), e o Sistema de Classificação para Programas Esportivo (WIERSMA, 2005). Citamos ainda a Engenharia Competitiva (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011) como um modelo de modificação das competições para jovens, que balizados pelo MDPD, buscam engajar o praticante, melhorando o envolvimento pessoal e promovendo relacionamentos sociais positivos por meio do esporte (LEONARDO, 2018).

Dessa forma, apresentamos nos próximos tópicos as estruturas teóricas que propõem alterações no ambiente de competições de jovens, com princípios pedagógicos que buscam envolvimento e engajamento dos praticantes no esporte e serviram de referência para este estudo.

2.1.3 A Engenharia Competitiva

A Engenharia Competitiva (EC) é uma estrutura teórica pensada para promover mudanças sistemáticas no ambiente das competições esportivas, a fim de melhorar a experiência competitiva de jovens atletas, promovendo a motivação intrínseca. Essas mudanças se dão com relação à estrutura, regras, instalações e equipamento, buscando como prioridade um maior envolvimento, interesse e prazer pelo esporte, além de maximizar o desenvolvimento de habilidades apropriadas para a idade, contribuindo assim para a maturação psicossocial e minimizando o abandono da prática (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011).

O Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; STRACHAN, FRASER-THOMAS, 2008) fundamenta a Engenharia Competitiva, no sentido de que a classificação dos estágios de desenvolvimento

(anos de experimentação, anos de especialização e anos de investimento) é relacionada à proporção do jogo deliberado e prática deliberada em cada um deles.

Nesse ínterim, os jogos deliberados, buscando priorizar o prazer pela prática, utilizam a Engenharia Competitiva para empregar flexibilidade e adaptação das regras ao modelo do esporte adulto (BURTON, GILLHAM e HAMMERMEISTER, 2011). Dessa forma, as trajetórias esportivas delimitadas pelo MDPD, que têm foco no jogo deliberado para promover motivação intrínseca (participação recreacional e desempenho de elite por meio da experimentação), utilizam ajustes nas regras do esporte institucionalizado para contribuir, por meio do jogo deliberado, para o desenvolvimento da paixão pelo esporte, que ajudará a manter o atleta na prática a partir dos anos de especialização.

A base teórica para a Engenharia Competitiva visa à promoção da motivação intrínseca e a criação de climas motivacionais, em busca da autonomia dos sujeitos na prática esportiva. Burton, Gillham e Hammermeister (2011) citam os estudos de Ryan e Deci (2000) sobre a Teoria da Auto-Determinação, que é baseada na premissa de que três necessidades fundamentais do ser humano – a competência, a autonomia e os relacionamentos – promovem a expressão de comportamentos voluntários ou autodeterminados. De acordo com essa teoria, os indivíduos são motivados por uma série de razões que vão desde a menor autonomia (amotivação) até a maior autonomia (motivação intrínseca). Quanto mais autônoma for a motivação de um atleta, maiores serão os benefícios como persistência, desempenho e bem-estar, o que pode levá-los ao sucesso por se sentirem mais competentes. Assim, a busca pela autonomia é um dos componentes do clima motivacional, que pode ser encorajado pelas lideranças adultas do esporte (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

Apesar de apresentar semelhanças com as estruturas do Clima Motivacional (CM), no que diz respeito às mudanças ambientais como forma de influenciar positivamente a motivação, o prazer e o desempenho na prática esportiva, o CM se difere da EC no sentido de que o primeiro tem no treinador o principal agente de transformação, enquanto a segunda passa a responsabilidade para os administradores, ou seja, as entidades organizadoras da competição (LEONARDO, 2018).

Considerando que os atletas participam de atividades pelas quais são intrinsecamente motivados para alcançar suas necessidades, a Engenharia Competitiva deveria ser guiada pelo que os atletas mais gostam na ação de jogar/praticar um esporte (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011). Para isso, os autores sugerem que a forma mais eficaz de obter o desenvolvimento de competências que resultam na motivação intrínseca, é por meio das seguintes Metas de Engajamento de Atletas: 1. Aumentar a ação e pontuação; 2. Criar alto

envolvimento pessoal; 3. Manter as pontuações próximas; 4. Manter relações sociais positivas. Todas essas metas, segundo os autores, atuam para aumentar a probabilidade de os atletas experimentarem a sensação de “*flow*”, que é definida como uma forma de motivação intrínseca que ocorre durante o pico do desempenho e é altamente motivadora, contribuindo para o desenvolvimento da paixão do atleta pelo seu esporte.

Para a primeira Meta de Engajamento de Atletas, que visa a **aumentar a ação e pontuação**, algumas estratégias podem ser adotadas com relação ao jogo. De acordo com a Engenharia Competitiva, uma das melhores maneiras de aumentar a ação e estimular maiores pontuações é a estratégia de modificar as instalações, a fim de diminuir o tamanho de campos, quadras etc. Isso porque, as chances de pontuar quando, por exemplo, uma criança de 10 anos joga futebol em um campo oficial se torna menor, pois ela pode rapidamente sentir fadiga e não atuar da melhor forma possível; outra possibilidade seria reduzir a altura das cestas ou distância da linha dos três pontos do basquetebol ou ainda aumentar o tamanho da cesta para ajustar ao nível de habilidades motoras dos atletas que têm dificuldades para acertar a meta oficial (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

Visar o aumento da ação e da pontuação implica nas modificações nos equipamentos, como por exemplo, aumentar ou diminuir o peso e/ou o tamanho das bolas e mudar sua textura pode ser um fator importante no sentido de facilitar a manipulação. Outra estratégia que também pode contribuir nesse sentido são as modificações das regras, como diminuir o número de paradas no jogo (lance-livre no basquetebol, tempos técnicos, pênaltis no futebol).

A segunda meta, intenta **criar alto envolvimento pessoal** para incentivar a autonomia e conseqüentemente o engajamento do atleta na atividade. Nessa direção, os autores acreditam que quando se sentem parte do time, com oportunidade de contribuir significativamente para o sucesso de sua equipe, os atletas se tornam mais autônomos. Uma estratégia sugerida para que o sentimento de pertencimento ocorra com todo o grupo de atletas, seria nos esportes em que há divisão em posições, por exemplo, que haja a possibilidade de mudar posições, para que todos tenham a oportunidade de experimentar diferentes ações – desde as que envolvem mais ações de pontuação, como o ataque, até as de defesa, que geralmente são menos reconhecidas e destacadas. Além disso, as oportunidades de jogar efetivamente por bastante tempo, ao invés de estar no banco de reservas, estimula a sensação de pertencimento e envolvimento com as tarefas (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

A terceira possibilidade de buscar o engajamento dos atletas vem por meio da meta de **manter os resultados próximos**. Partindo do estudo de Maehr e Braskamp (1996), Burton, Gillham e Hammermeister (2011) afirmam que a motivação e o prazer são maiores em jogos

em que a competitividade e as pontuações são acirradas, devido à sensação de competência ser maior nessas situações. Da mesma forma, quando há maior discrepância, a motivação cai. Ademais, ainda de acordo com os autores, atletas que frequentemente se deparam com a derrota com grande margem de diferença para os vitoriosos, são sérios candidatos a abandonar o esporte justamente por acreditarem que as perdas refletem sua falta de competência. Nesse sentido, estratégias para manter a proximidade dos escores, deveriam ser pensadas, porém segundo os autores são as tarefas mais difíceis da Engenharia de Competição.

Para eles, uma possibilidade seria a própria organização dos eventos promover equalização e equilíbrio dos talentos entre as equipes durante o processo de seleção inicial; posteriormente, também os organizadores precisam desenvolver regras para manter as pontuações mais próximas. Um exemplo citado são as regras de “*catch-up*”, nas situações em que a margem de pontuação das equipes excede um máximo predeterminado. Nesse caso, a equipe que está perdendo poderá receber vantagens competitivas, como maior posse de bola, mais saques, por exemplo, enquanto o time em vantagem poderá ter que substituir o maior pontuador, até que os escores voltem a se aproximar (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

A última Meta de Engajamento de Atletas trazida pela Engenharia Competitiva é a de **promover relações sociais positivas**. Práticas que envolvam duas ou mais equipes, regras de socialização como aperto de mãos antes dos jogos, ênfase no trabalho em equipe e no espírito esportivo e tarefas conjuntas são exemplos de possibilidades de estratégias que podem ser aplicadas a fim de criar um ambiente social mais positivo. Além disso, desenvolver eventos sociais formais e informais também promove a chance de os atletas se conhecerem melhor e compartilharem momentos fora do ambiente competitivo. Podemos compreender a estrutura interligada por meio da tabela 2, a seguir (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011):

Tabela 2 – Modelo da Engenharia Competitiva - Motivação Intrínseca, Metas de Engajamento do Atleta e Estratégias de Implementação.

Resultados da Motivação Intrínseca	Metas de Engajamento de Atletas da Engenharia Competitiva	Estratégias para implementação da Engenharia Competitiva
Competência – melhorar a percepção da capacidade de realizar habilidades e estratégias específicas do esporte.	1. Aumentar a pontuação Exemplo de estratégia: <ul style="list-style-type: none"> • Equipamento – tamanho e peso de bola • Instalações – diminuir tamanho da quadra 	a. Mudanças das regras Exemplos: <ul style="list-style-type: none"> • Sem cobrança de lateral no futebol • Substituições ilimitadas

<p>Autonomia - perceber maior oportunidade para a autodeterminação e controle do próprio destino.</p>	<p>2. Criar alto envolvimento pessoal Exemplo de estratégia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Regra – rodízio de posições • Estrutura – escolha do nível competitivo 	<p>b. Mudanças nas instalações Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abaixar a altura da rede de voleibol • Diminuir o tamanho do campo de futebol
<p>Relação - fazer amigos e aproveitar o tempo com companheiros de equipe e treinadores(as).</p>	<p>3. Manter pontuações próximas Exemplo de estratégia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Regra – opções de regras “<i>cath-up</i>” • Instalações – diminuir tamanho da quadra 	<p>c. Mudanças no equipamento Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tamanho da bola de basquetebol • Tacos maiores
<p>Promoção do “<i>flow</i>” - ajudar os atletas a experimentarem o “<i>flow</i>” frequentemente e pelo maior tempo possível.</p>	<p>4. Promover relações sociais positivas Exemplo de estratégia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Regra – Aperto de mãos ao final do jogo • Instalações – práticas conjuntas 	<p>d. Escolha do nível competitivo Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Liga recreativa • Liga competitiva

Fonte: Adaptado de Burton, Gillham e Hammermeister (2011). (tradução nossa)

Considerando as relações estabelecidas entre os conceitos aqui trazidos, acreditamos que utilizar a Engenharia da Competição no esporte para jovens é pensar na melhoria do ambiente competitivo, visando ao desenvolvimento do atleta, a fim de promover o bem-estar e manter a motivação dos indivíduos praticantes, o que pode favorecer sobremaneira a sua participação em longo prazo.

2.1.4 O Sistema de Classificação para Programas Esportivos

Outra estrutura pensada para adequar o ambiente competitivo para jovens atletas é o Sistema de Classificação para Programas Esportivos, proposto por Wiersma (2005), que parte da ideia de que a presença da competição no esporte, por si só, não é positiva nem negativa. O autor aponta problemas que acontecem no ambiente competitivo quando os objetivos do programa não são claramente definidos para os participantes, pais e treinadores(as) ou quando eles não são apropriados para os envolvidos. Podemos perceber essas divergências quando, por exemplo, os pais ou treinadores(as) de algumas crianças dão ênfase para a vitória, enquanto participam de um evento que foi desenhado para promover a participação de todos os membros.

Wiersma (2005) afirma que há grande queda na participação de crianças e adolescentes após os 13 anos de idade, muitas vezes justificada pela ênfase exagerada na competição, excesso de treinamento, falta de diversão, pressão dos pais ou treinadores(as) e falta de competência percebida. Embora essas observações não sejam novas, a maneira atual pela qual a maioria das

instituições esportivas que promovem os eventos é estabelecida não esclarece adequada e sistematicamente seus propósitos, filosofias e ênfases. Caso os programas esportivos fossem mais explícitos no que diz respeito aos seus objetivos, esses fatores poderiam ser minimizados, pois dessa forma, a criança poderia estar matriculada em um programa que melhor correspondesse a sua motivação, habilidade e maturidade.

Nesse sentido, o autor propõe uma classificação estabelecida a partir de um sistema padrão, que forneceria informações sobre os eventos esportivos, com base nas demandas físicas, sociais e psicológicas. Tal sistema seria eficaz a partir do momento em que descrevesse a filosofia e objetivos da entidade esportiva em relação ao envolvimento do jogador, ênfase competitiva, tempo e demandas monetárias, além do nível de maturidade apropriado. Assim, o Sistema de Classificação de Programas Esportivos tem inspiração no sistema de classificação utilizada em filmes e programas de televisão, que os categoriza de acordo com o nível de maturidade do conteúdo.

A responsabilidade por determinar a classificação dos programas, nesse caso, seria de cada instituição esportiva (ligas, federações, etc), de forma que refletisse melhor os seus objetivos principais. As categorias devem ser um ponto de partida que fornece com clareza o suporte para educar o público em geral, a fim de que a comunidade relacionada ao esporte jovem possa se engajar em discussões sobre as estruturas esportivas (WIERSMA, 2005).

Dessa forma apresentamos os quatro níveis de classificação para os programas de esporte para jovens norte-americanos. É importante ressaltar que os diferentes níveis podem coexistir para atletas de mesma idade cronológica e são divididos em função da abrangência da competição, formato, custos, grau de seleção e tempo de dedicação (LEONARDO, GALATTI E SCAGLIA, 2017):

- **Nível 1** - A participação é caracterizada pela ausência de competições formais, pontuações, viagens e classificações; o compromisso de tempo e dinheiro é mínimo. Modificações de equipamentos e regras são feitas de acordo com os níveis de habilidade e maturidade dos participantes. Não existe seleção e todas as crianças tendem a jogar a mesma quantidade de tempo. O objetivo principal de um programa de Nível 1 é proporcionar a experiência de crianças pequenas e desenvolver entusiasmo pelo esporte em um ambiente não competitivo.
- **Nível 2** - A participação é caracterizada por níveis relativamente baixos de competição, em que os jogos são pontuados e existe classificação, mas a ênfase principal é no desenvolvimento de habilidades e diversão, em vez de resultados individuais ou de

equipe. As viagens ainda são restritas e as práticas e jogos são geralmente limitados a uma região central. A participação é aberta a todas as crianças dentro de uma faixa etária designada e a seleção da equipe é realizada com o objetivo de distribuição uniforme de talentos entre as equipes. O tempo e o compromisso financeiro são razoáveis e limitados a uma única temporada.

- **Nível 3** – A ênfase está no nível de habilidade avançada e competição; a participação é restrita a uma única temporada, mas espera-se um maior nível de comprometimento. As viagens são reservadas para os jogadores mais avançados, havendo, portanto, seleção. O nível de maturidade física, emocional e psicológica dos participantes deve ser considerado na decisão de levar a criança a participar desse nível.
- **Nível 4** - Espera-se a participação durante todo o ano, e um nível significativo de tempo. O compromisso financeiro deve ser planejado e é provável que exista a restrição da participação em outras atividades esportivas ou extracurriculares. O objetivo principal é atingir, ao longo de vários anos, os mais altos níveis de desempenho no esporte. A intensidade do treinamento e as demandas associadas à competição devem ser coerentes com a experiência esportiva anterior, com a prontidão física e maturidade emocional da criança.

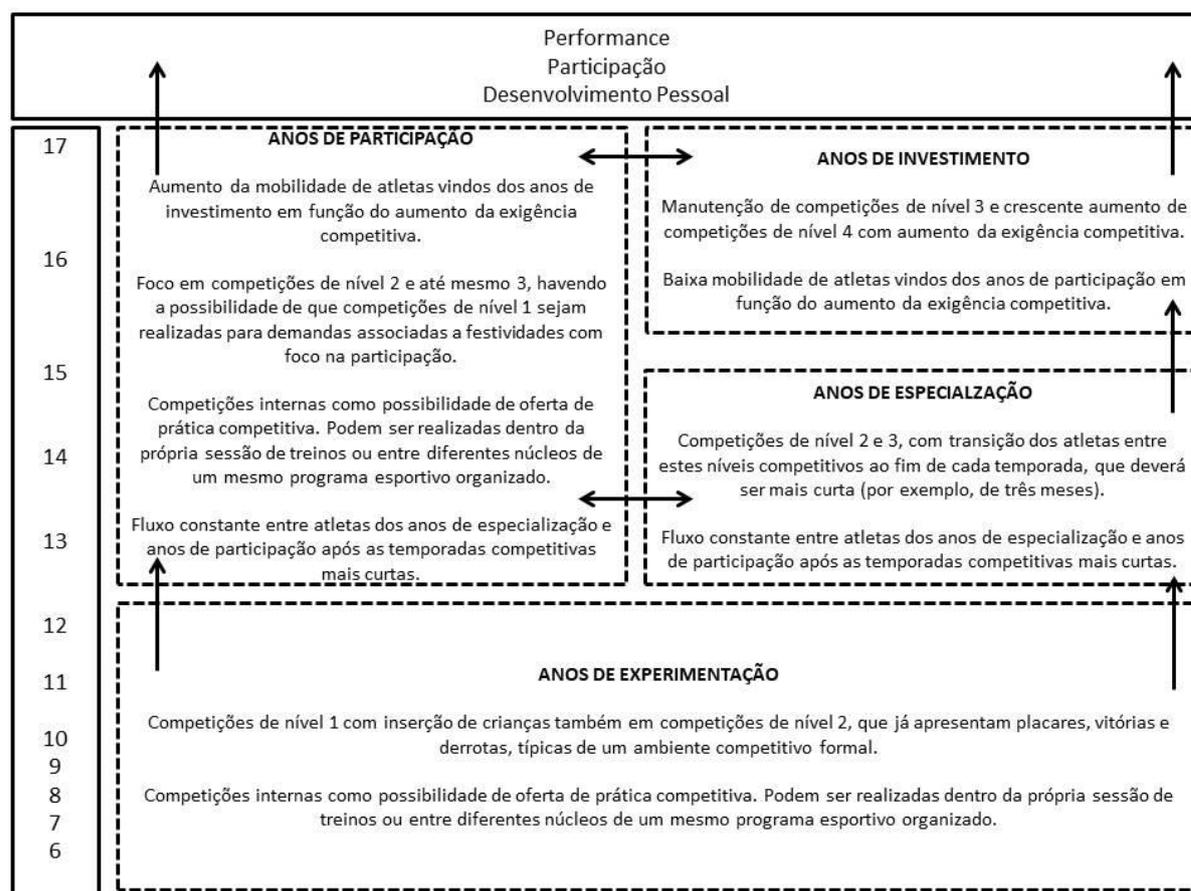
Como benefícios do sistema, os pais seriam informados da adequação dos objetivos e expectativas do programa esportivo antes de matricular a criança, além de permitir às entidades organizadoras dos eventos, a oportunidade de avaliar e esclarecer sua própria filosofia (WIERSMA, 2005). Isso promoveria um encontro dos objetivos entre quem promove e quem participa dos eventos, no que diz respeito ao comprometimento, desenvolvimento de habilidades, seleção de equipe e competição, sem necessariamente alterar as práticas das organizações, mas apenas fornecer informações sobre a natureza do programa proposto.

2.1.5 O Modelo de Participação Competitiva

Em busca de um modelo adequado de participação competitiva, que supere o modelo tradicional, no qual há o destaque de poucos atletas, Leonardo, Galatti e Scaglia (2017) e Leonardo, Krahenbühl e Scaglia (2017) propõem o Modelo de Participação Competitiva, que utiliza como base os níveis competitivos de Wiersma (2005), distribuídos nos diferentes estágios do Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva de Côté e colaboradores (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ E FRASER-THOMAS, 2007).

É fundamental modificar a competição de jovens para que a mesma seja entendida como um ambiente voltado para a aprendizagem de valores para o desenvolvimento social, moral e ético, contribuindo para o desenvolvimento pessoal para a vida (LEONARDO; KRAHENBÜHL; SCAGLIA, 2017). Dessa forma, a Engenharia Competitiva surge como um possível caminho para implementar essas alterações. A figura a seguir esquematiza a proposta do Modelo de Participação Competitiva:

Figura 10 – Proposta do Modelo de Participação Competitiva, baseada em Côté, Baker e Fraser Thomas (2007), Côté e Fraser-Thomas (2007) e Wiersma (2005)



Fonte: LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA (2017, p. 314).

Segundo o esquema apresentado na Figura 4, o processo deve iniciar com propostas competitivas dos níveis 1 e 2 nos anos de experimentação (entre 6 e 12 anos de idade) e evoluir gradativamente conforme os diferentes estágios, sendo maior a participação em competições dos níveis 3 e 4 quanto mais próximo estiverem os atletas dos anos de investimento (15 a 17-18 anos de idade). É importante também considerar que existe um trânsito livre (horizontal) entre os anos de especialização e investimento e os anos de participação (ou recreação),

justamente para que o fluxo entre os diferentes estágios seja permanente, a fim de evitar a elitização esportiva do jovem, bem como incentivar a continuidade do envolvimento com o esporte durante a vida (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2007).

De acordo com o modelo, a responsabilidade por transformar o esporte para jovens atletas está voltada para a atuação do treinador. Dessa forma, há a proposição de cinco disposições que consideram ser fundamentais para que o treinador possa promover transformações no cenário competitivo, visando o processo de formação esportiva do jovem. Partindo do treinador, essas iniciativas poderiam servir de exemplos e até trazer resultados que justifiquem a implementação desse tipo de eventos pelas instituições esportivas mais tradicionais.

A primeira delas parte do princípio de que muitas das competições promovidas pelas diferentes instituições do esporte, seguem um modelo competitivo organizado de forma semelhante ao nível 4, reforçando comportamentos e costumes do cenário competitivo para adultos. Sendo assim, os autores indicam que cabe aos treinadores(as) promover a oportunidade de o jovem competir em diversos níveis, elaborando competições com diferentes direcionamentos (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017).

A segunda disposição sugere que sejam realizadas temporadas mais curtas e opções por festivais, principalmente na fase de transição dos anos de experimentação para os anos de especialização. Nesse sentido, os autores recomendam temporadas com no máximo seis meses, a fim de considerar o nível de evolução dos jovens durante o período. Outra possibilidade seria a organização de vários festivais de um dia de duração ao longo do ano, que permitiriam maior experiência competitiva e conseqüentemente a comparação de resultados em diferentes períodos do ano, ampliando a percepção de aprendizagem dos atletas.

Organizando as próprias competições, os treinadores(as) conseguem modificar o formato do evento, possibilitando em uma mesma partida disputas orientadas para diferentes níveis competitivos, a terceira disposição proposta. Isso reduziria a quantidade de datas necessárias para os eventos e conseqüentemente o calendário de jogos. A quarta possibilidade é a promoção de competições internas, com ajuste de regras de acordo com os objetivos de aprendizagem dos atletas – por exemplo, festivais com diferentes temas – aumentando, por exemplo, o volume de eventos para aqueles atletas que se encontram nos anos de participação. Por fim, os autores indicam aos treinadores(as) buscar ambientes menos burocratizados, diminuindo as exigências em relação à oportunidade de inscrição, principalmente nos anos de experimentação e de especialização (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2007).

Dessa maneira, a oferta de diferentes níveis competitivos pode acontecer, atendendo aos diversos interesses e percepções de rendimento de crianças e jovens envolvidas com o esporte. Para isso, a atuação do treinador é reforçada, por meio de iniciativas que vão ao encontro de um cenário competitivo mais ajustado e equalizado.

Compreendemos que os diferentes modelos aqui apresentados para pautar o ajuste das competições esportivas para os diferentes estágios de desenvolvimento de atletas, são complementares e seus conceitos vão ao encontro do que acreditamos que deva acontecer em qualquer processo de formação de atletas. Contudo, percebemos que algumas das estratégias propostas se aplicam melhor aos esportes coletivos, nos quais há confronto direto, como, por exemplo, o rodízio de posições ou as regras “*catch-up*” da Engenharia Competitiva, ou a própria graduação de idades por estágio do MDPD.

Acreditamos que, apesar de conceitualmente as proposições se adequarem a outros esportes como a ginástica, por exemplo, existe um desafio de compreender quais estratégias trariam os benefícios esperados e quais aquelas que teriam que ser repensadas e reformuladas para a realidade da ginástica rítmica. Além disso, é importante destacar, que os modelos trazidos representam pesquisas desenvolvidas em contextos da América do Norte e, portanto, não devem ser simplesmente reproduzidos. Contudo, entendemos que servem como balizadores para refletirmos sobre a realidade da ginástica brasileira e passar a compreendê-la e analisá-la sob essa perspectiva.

Deste modo, apresentamos no capítulo a seguir as características da ginástica rítmica e seus eventos, bem como modelos já implementados de formação de ginastas em longo prazo, que nos dão suporte para refletir sobre o ambiente competitivo da modalidade nos diferentes estágios.

2.2 Formação esportiva em ginástica rítmica: as especificidades da modalidade

2.2.1 Características e especificidades da modalidade

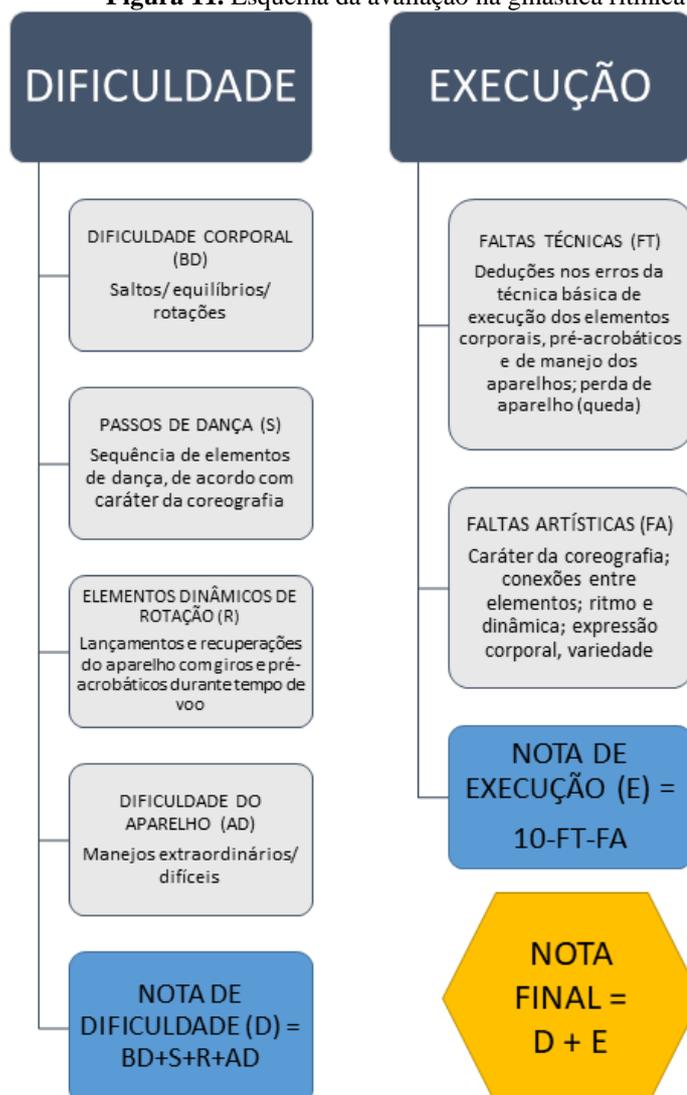
A ginástica rítmica é uma modalidade olímpica, que pela regulamentação oficial da Federação Internacional de Ginástica (FIG), compreende apenas atletas do sexo feminino. Caracteriza-se por aliar o trabalho corporal, ao uso da música e ao manuseio de aparelhos de pequeno porte, tais como a corda, a bola, o arco, as maçãs e a fita (TOLEDO, 2009; BARBOSA-RINALDI, 2009; ZETARUK, et al2006). Seus movimentos corporais compreendem elementos de saltos, equilíbrios e rotações, que exigem das ginastas alto grau de flexibilidade e preparo

físico em geral, para que se alcance a plástica e estética prevista pelas regras do Código de Pontuação oficial da modalidade.

São elementos corporais bastante complexos que se tornam ainda mais difíceis ao aliar o trabalho com os aparelhos e o ritmo da música e sendo assim, o sucesso de qualquer programa de identificação e desenvolvimento de talentos depende do claro entendimento das exigências do esporte (DOUDA, et. al., 2008). Dessa forma, o treinamento na ginástica rítmica é moldado de acordo com os diferentes níveis de competição – em cada nível, as atletas são obrigadas a dominar movimentos cada vez mais difíceis, estabelecidos pelos órgãos reguladores internacionais do esporte (LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007).

As competições oficiais da categoria adulta de GR preveem um programa individual no qual a ginasta deve executar quatro exercícios, um com cada aparelho previsto pelo regulamento, para que possa concorrer ao concurso do individual geral, que nomeia a ginasta mais completa. A prova de conjuntos é realizada por cinco ginastas em duas apresentações: uma com cinco aparelhos iguais, denominada conjunto simples e outra com aparelhos diferentes (3+2), denominada de conjunto misto. As séries de exercícios têm a duração de 1'15'' a 1'30'' para o individual e 2'15'' a 2'30'' para o conjunto e são apresentadas em um tablado de 13m x 13m. As ginastas são avaliadas por uma banca de arbitragem, composta por aproximadamente 20 árbitros, divididos em dois quesitos: Dificuldade e Execução, sendo o primeiro responsável por avaliar o grau de dificuldade dos elementos corporais e do aparelho executados pela ginasta e o segundo por deduzir pontos por faltas artísticas e técnicas (FIG, 2018).

No quesito Dificuldade, a ginasta deve cumprir algumas exigências, como dificuldades corporais de saltos, equilíbrios e rotações, sequências de passos de dança, tudo aliado aos movimentos técnicos dos aparelhos. Além disso, deve realizar movimentos complexos de lançamento e recuperação dos aparelhos, realizando rotações e movimentos pré-acrobáticos durante a fase de voo do aparelho (Elementos Dinâmicos de Rotação), e combinação de manejos extraordinários dos aparelhos, chamados de Dificuldade de Aparelho, para somar mais pontos em sua rotina. No quesito Execução são avaliados os mínimos detalhes do movimento corporal e do aparelho, assim como dos aspectos artísticos, sendo previstas deduções por posicionamento incorreto dos segmentos corporais, movimentos incompletos, manejo incorreto dos aparelhos, desequilíbrios, quedas de ginastas e aparelhos, perda de ritmo, falta de unidade entre os elementos, entre outros, nos mínimos detalhes (FIG, 2018). A Figura 11 apresenta o esquema dos quesitos levados em consideração para a avaliação na ginástica rítmica, segundo o Código de Pontuação (FIG, 2018):

Figura 11. Esquema da avaliação na ginástica rítmica

Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado de FIG (2018).

O alto grau de complexidade das tarefas e a exigência da perfeição na execução acaba trazendo a necessidade de um início precoce na modalidade, tendo em vista o longo percurso até a completa aquisição das habilidades necessárias, mesmo que a ginasta já tenha perfil desejado para a modalidade. Assim, a participação na GR geralmente tem seu início por volta de seis anos de idade, para que haja tempo para a aquisição e aprimoramento de habilidades tão específicas e também para o início em competições na primeira categoria prevista oficialmente pela CBG aos nove anos de idade, o pré-infantil. Esse início em baixas idades, muitas vezes ligado à especialização e investimento precoce na carreira esportiva, pode trazer impactos à saúde das ginastas, aumentando sobremaneira o risco de lesões (LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007).

De acordo com Tsukamoto e Nunomura (2005), existe uma tendência em antecipar cada vez mais o início em modalidades esportivas, a fim de alcançar rapidamente o sucesso,

porém as autoras apontam que essa atitude é contrária às necessidades das crianças, principalmente por desconsiderar a importância da variedade de experiências nessa fase. Antualpa (2011) afirma que mesmo na iniciação esportiva na GR, o objetivo dos trabalhos tem sido voltado para o treinamento de futuras atletas, selecionando apenas as crianças que têm aptidão para a prática competitiva. Esse pensamento é justificado por Lanaro Filho e Bohme (2001) pela necessidade do aproveitamento das fases para obtenção de determinados domínios motores ou melhoria de alguma capacidades físicas como, por exemplo, o alto grau de flexibilidade nas articulações, o que segundo os autores só é possível por volta dos seis aos nove anos de idade.

Assim, ao pensarmos a iniciação esportiva na GR, notamos que as características próprias do esporte nos levam a trabalhar com crianças muito novas e, justamente por isso, mais do que pensar a evolução da ginasta, devemos pensar o seu crescimento e desenvolvimento como ser humano. Normalmente ginastas que alcançam o nível internacional, se envolvem desde cedo apenas em poucas atividades antes de se especializarem na ginástica rítmica, e mesmo assim, elas são relacionadas de alguma forma à modalidade, como ballet ou música (LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007).

Ao reproduzir as exigências das competições da categoria adulta para as ginastas iniciantes, acreditamos que não se esteja contribuindo para uma formação esportiva que leve em consideração os diferentes aspectos do desenvolvimento da criança, pensando em uma formação em longo prazo. Para tanto, é comum em algumas modalidades, inclusive na ginástica, a utilização de festivais esportivos, com diferentes denominações (copas, torneios, festivais, troféu, etc.), que promovem alguns ajustes na estrutura e regras buscando a adequação ao público.

Arena e Böhme (2004) já apontavam para esse caminho na ginástica, nas categorias de base da GR previstas pela Confederação Brasileira de Ginástica (pré-infantil e infantil). Nessas categorias, segundo os autores, em sua pesquisa em federações esportivas, nos regulamentos da CBG, existe a inserção da série de mãos livres, ou seja, sem aparelhos e, a execução de apenas duas provas, com regulamentos adaptados para a idade. Os mesmos aspectos foram encontrados na pesquisa semelhante, que investigou as alterações propostas para as competições de base pelas federações de diversos esportes no Paraná, e na ginástica encontrou, juntamente com o handebol e basquetebol, as maiores mudanças estruturais (MILISTETD, et al, 2014).

Apesar disso, uma análise sobre o sistema competitivo da ginástica artística feminina no Brasil, com foco nas categorias de base, observou que apesar das diversas adequações feitas nas competições para crianças, estas se mostraram insuficientes para atender tanto as

necessidades de formação técnica, quanto às capacidades e interesses das atletas. Além disso, o formato das competições analisadas se mostrou muito próximo ao adotado nas competições adultas (KUMAKURA, 2018). Apesar de não se tratar da mesma modalidade, a estrutura das competições nacionais da modalidade é semelhante à da GR.

As federações estaduais normalmente seguem os regulamentos previstos pela CBG (do pré-infantil ao adulto) centro, para que haja a possibilidade de participação de suas equipes em eventos nacionais, porém, como a entidade não apresenta nenhum indicativo ou orientação sobre como devem acontecer os eventos para as idades anteriores ao pré-infantil, percebemos que até mesmo a nomenclatura dessas categorias – mirim, estreante, iniciante, pré-equipe – é bastante divergente, de estado para estado.

Assim, consideramos importante que haja uma orientação para evitar que o esporte adulto seja reproduzido nos eventos desde a iniciação, a fim de proporcionar às crianças envolvidas uma formação esportiva de qualidade, que respeite as etapas de seu desenvolvimento, nos mais diferentes aspectos relacionados ao esporte; que a criança seja estimulada a participar dos eventos, sem cobranças excessivas de resultados e com premiações incentivadoras da prática; que ela possa se divertir e se sentir valorizada no que é capaz de aprender em cada fase de sua vida; que a participação nos eventos possam estimular o prazer pela prática e a vida ativa no futuro, além de proporcionar o desenvolvimento das habilidades técnicas.

Dessa forma, julgamos necessário compreender quais são as características dos eventos de ginástica rítmica no Brasil, para que possamos refletir sobre essas estruturas e as reais necessidades de ajustes para as categorias de base da modalidade.

2.2.2 Competições de Ginástica Rítmica no Brasil: a natureza dos eventos

A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), entidade responsável por regulamentar as modalidades ginásticas no país, promove os principais eventos realizados em nível nacional (CBG, 2016). Os campeonatos brasileiros (CB) englobam a elite das competições nacionais e é por meio deles, que existe a seleção das atletas que representam o país em nível internacional (ANTUALPA, 2011).

A CBG divide nos CBs as idades das ginastas participantes em quatro categorias: pré-infantil (9-10 anos), infantil (11-12 anos), juvenil (13-15 anos) e adulto (16 + anos). Segundo Toledo e Antualpa (2014), o padrão de organização das competições é o da FIG para as categorias juvenil e adulto e da União Pan-americana de Ginástica (UPAG) para o pré-infantil

e infantil. Para o juvenil, percebemos que apesar de utilizarem as mesmas regras do Código de Pontuação da FIG, existe uma subdivisão da categoria no momento de premiação. São premiadas separadamente para o individual geral, ginastas de 12-13 anos e ginastas de 14-15 anos, configurando assim uma pequena alteração com relação às regras da FIG (CBG, 2019), que oportuniza que mais ginastas sejam premiadas e desempenhos de idades mais próximas sejam comparados diretamente.

Outro evento promovido pela CBG é o Torneio Nacional de Ginástica Rítmica (TNGR), que de acordo com Antualpa (2011) é um evento considerado preparatório para a participação de ginastas em campeonatos nacionais. De acordo com a autora o evento possibilita a participação em nível nacional de inúmeras entidades e é dividido em dois níveis, não sendo permitida a participação de atletas que já participaram de campeonatos brasileiros. O nível II é voltado para ginastas estreantes em suas categorias e daquelas que ainda não obtiveram o índice para subir ao nível I. O TNGR teve sua primeira edição no ano de 2003 e tem o regulamento adaptado em alguns sentidos (TOLEDO; ANTUALPA, 2014).

O grande número de participantes nas competições de Torneio Nacional, fez com que a CBG passasse a promover, seguindo as mesmas regras, a partir de 2013, os Torneios Regionais de Ginástica Rítmica (TRGR), que são organizados pelas federações estaduais de cada região do país. Nestes são selecionadas, de acordo com a classificação, as ginastas que participarão do Torneio Nacional – as quatro melhores no individual geral de cada região, em cada categoria. O quadro a seguir descreve as principais alterações nas competições, para as categorias pré-infantil e infantil, em comparação à categoria adulto, em Campeonatos Brasileiros (CB) e Torneio Nacional (TN):

Quadro 1 – Principais ajustes feitos às categorias pré-infantil e infantil em Campeonato Brasileiro e Torneio Nacional de GR

Categorias	ALTERAÇÕES PREVISTAS NO REGULAMENTO					
	Provas		Aparelhos		Regras	
	CB	TN	CB	TN	CB	TN
Pré-infantil 9 - 10 anos	3	2	*1 prova de mãos livres; *2 provas de aparelho. *dimensões dos aparelhos	*1 prova de mãos livres; *1 prova de aparelho. *dimensões dos aparelhos	*Presença de dificuldades corporais obrigatórias para ML; *Valor máximo para dificuldades corporais; *Elementos Dinâmicos de Rotação, podem ser validados com apenas um movimento de rotação.	
Infantil 10 - 11 anos	4	2	*1 prova de mãos livres; *3 provas de aparelho.	*1 prova de mãos livres; *1 prova de aparelho.	*Presença de dificuldades corporais obrigatórias para ML; *Valor máximo para dificuldades corporais; *Dividido em dois níveis;	

			*dimensões dos aparelhos	*dimensões dos aparelhos		
Juvenil 13 - 15 anos	4	2	*4 provas de aparelho *dimensão do aparelho (arco/fita)	*2 provas de aparelho *dimensão do aparelho (arco/fita)	*Dividido em dois níveis;	*Exigência de um pivot obrigatório; *Exigência de no mínimo 1 dificuldade de aparelho *Dividido em dois níveis;
Adulto 16 + anos	4	2	4 provas de aparelho	2 provas de aparelho	*Dividido em dois níveis;	*Dividido em dois níveis;

Fonte: elaborado pela autora com base em (CBG2019; CBG2019a).

Legenda: CB: Campeonato Brasileiro; TN: Torneio Nacional; ML: mãos livres

Nos campeonatos brasileiros, notamos que, para as categorias pré-infantil e infantil, de acordo com os regulamentos dos eventos, existem diversos ajustes nas competições. O primeiro deles é a inserção da prova de “mãos livres” em ambas as categorias, que é realizada sem aparelhos, o que possibilita às ginastas mais jovens o aprimoramento das técnicas corporais e amadurecimento frente às exigências das competições. No pré-infantil, vemos também que o número de provas é diminuído de quatro aparelhos, para três. Já no infantil, apesar de termos a prova de mãos livres, existem ainda mais três provas, permanecendo um total de quatro exercícios, assim como no juvenil e no adulto (CBG, 2019).

Com relação ao nível de dificuldades, percebemos que para as categorias pré-infantil e infantil existe na prova de mãos livres dificuldades corporais obrigatórias, dos três grupos (saltos, equilíbrios e rotações), além da exigência de elementos pré-acrobáticos e ondas corporais, mostrando uma preocupação com o trabalho da técnica corporal de base. Para as provas com aparelhos, existe um limite de valor para as dificuldades corporais, o que restringe a possibilidade de ginastas executarem dificuldades que não estão de acordo com a sua maturidade corporal. No que diz respeito aos elementos do aparelho, há uma alteração no pré-infantil com relação à complexidade dos Elementos Dinâmicos de Rotação, que são os lançamentos com movimentos de rotação durante o voo do aparelho. Nas outras categorias é necessário realizar pelo menos dois movimentos de rotação no voo do aparelho, enquanto para o pré-infantil a dificuldade foi diminuída ao considerar a possibilidade de executar apenas um elemento (CBG, 2019).

Percebemos que no quesito Dificuldade (D), o regulamento das categorias de base foi alterado em alguns aspectos, porém quando olhamos para a execução, os critérios permanecem os mesmos do que os das avaliações da categoria adulta. Além disso, o formato das competições não se altera, assim como o número de árbitros e a premiação, que é prevista do primeiro ao

terceiro lugar. Acreditamos que o fato do objetivo dos campeonatos brasileiros, mesmo nas categorias pré-infantil e infantil, ser o de selecionar ginastas para eventos internacionais, faça com que as características da competição adulta não se modifiquem tanto nas categorias de base, pois a maioria dos campeonatos e copas internacionais para todas as idades mantém o mesmo formato e, a participação brasileira depende da preparação antecipada para os eventos.

Os regulamentos do TNGR e TRGR seguem as mesmas categorias dos campeonatos brasileiros. Por ser considerado um evento de massificação, que busca promover um espaço de competição em um nível diferente dos campeonatos brasileiros, para todas as categorias, inclusive para o adulto, são previstos apenas dois aparelhos para as provas individuais, sendo que nas categorias pré-infantil e infantil, uma das provas é a de mãos livres (CBG, 2019a).

Notamos que apesar de haver alguns ajustes de regras para as categorias menores, elas acontecem praticamente da mesma forma para o campeonato brasileiro e para o torneio nacional. Em alguns casos, a dificuldade obrigatória selecionada para a categoria difere de um evento para o outro, mas a presença de elementos obrigatórios nas provas de mãos livres está em ambos os eventos. Dessa forma, o que mais diferencia um evento do outro é a possibilidade de disputar com ginastas de níveis semelhantes e principalmente a quantidade de provas e/ou aparelhos a se realizar na competição. Toledo e Antualpa (2014) acreditam que os eventos de massificação nacionais e estaduais deveriam ser mais bem estruturados, com ampliação na diversificação dos níveis de dificuldade, diferentes formas de premiação e classificação, melhor infraestrutura, a fim de motivar uma maior participação de ginastas, considerando que as equipes provêm de contextos diferenciados, como escolas, clubes, projetos de extensão universitária.

Outro aspecto importante é que para todas as categorias também existe o Campeonato Brasileiro de Conjuntos e no TN a prova de conjuntos. Porém os ajustes nas regras seguem a mesma lógica do individual.

Um fato interessante a se notar é que as alterações nas competições de GR promovidas pela CBG acontecem no que diz respeito principalmente à quantidade e adaptação de aparelhos e às regras de avaliação, o que vai ao encontro das propostas de ajustes da Engenharia de Competição (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011), porém não contempla outros aspectos previstos por elas, como a mudança nas instalações e inserção de regras de socialização, por exemplo. Talvez seja interessante em alguns níveis competitivos e categorias refletir sobre as possibilidades de promover outros tipos de ajustes a fim de contribuir ainda mais para um ambiente competitivo agradável e saudável, principalmente nas primeiras categorias.

Essa realidade dos eventos nacionais normalmente é replicada pelas federações de ginástica dos estados, porém vemos que em nível estadual, existem alguns eventos promovidos para idades anteriores às que a CBG categoriza. Todavia, como não há uma orientação da entidade nacional no que diz respeito aos eventos destinados a essas faixas-etárias, cada federação estadual promove suas competições a partir de iniciativas próprias. Existem algumas iniciativas interessantes, como por exemplo, o Troféu São Paulo, um evento de massificação em nível estadual, promovido pela Federação Paulista de Ginástica, que é dividido por categorias e níveis de complexidade, o que permite que a cada semestre a ginasta possa “passar de nível”, percorrendo uma trajetória de ascensão gradativa na modalidade (TOLEDO; ANTUALPA, 2014).

Desta forma, consideramos necessário conhecer quais são as características das competições/eventos previstos para ginastas em fase de iniciação esportiva, presentes em modelos de formação de atletas em longo prazo, pensados para a ginástica e já estabelecidos em diferentes lugares. Para tanto trazemos nos próximos tópicos o *Age Group Program* da Federação Internacional de Ginástica, como exemplo proposto pela entidade reguladora da ginástica mundialmente; o *Long Term Athlete Development* para a ginástica, desenvolvido pela *Gymnastics Canada*, federação nacional de ginástica do Canadá, modelo pioneiro na estruturação do desenvolvimento de atletas em longo prazo na ginástica; e a estrutura competitiva da federação nacional de ginástica dos Estados Unidos – *USA Gymnastics*, que contempla diversas idades em variados níveis competitivos, o que pode favorecer a experiência competitiva em diferentes estágios de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas.

2.2.3 Modelos de formação/competição em ginástica rítmica: O *Age Group Program* da Federação Internacional de Ginástica

Os espaços de treinamento são centros de educação e não de competição. [...] a ginástica é complicada, não porque deve ser difícil, mas porque tem ser bela (FIG, 2019, p.14. tradução livre).

O manual *Age Group Development and Competition Program* para a ginástica rítmica foi desenvolvido principalmente por um grupo de trabalho formado por Helena Dias, Nadya Aleksandrova, Dr^a Eunice Lebre, Dr^a Marta Bobo, dirigido por Hardy Fink, diretor dos programas educacionais da FIG. A primeira edição foi lançada em janeiro de 2015, sendo atualizada até a edição mais atual, a de janeiro de 2019 (FIG, 2019).

O *Age Group Program* (AGP), é um programa de desenvolvimento e competição de grupos por idade, elaborado pela Federação Internacional de Ginástica, inicialmente nas modalidades de ginástica artística e rítmica e, mais recentemente também para a ginástica de trampolim. O programa é composto de testes, monitoramento e desenvolvimento de habilidades físicas e técnicas, assim como de competições de vários níveis, com modificação de regras e exercícios obrigatórios para cada faixa-etária, em cada modalidade. Mesmo que não seja uma obrigação, a ideia da FIG sobre o programa é que o mesmo sirva de orientação para federações nacionais que não possuem conhecimento ou recursos para desenvolver seus próprios programas (FIG, 2018a).

Em todas as modalidades, já foram promovidos cursos de formação, com os conteúdos do AGP para mais de dois mil treinadores(as) de 106 países diferentes, sendo que 49 federações nacionais já sediaram o evento, entre elas as federações de países da América Latina como Argentina, Colômbia, Bolívia, México e Cuba, por exemplo (FIG, 2018b). Do Brasil, participaram dos cursos do programa de ginástica rítmica, quatro treinadoras, sendo uma delas considerada *expert* na modalidade (FIG, 2018c). Apesar de nem todos os países o adotarem, as regras dos níveis mais avançados do fluxo de alto desempenho do programa, são recomendadas pela FIG para as competições internacionais, para que o evento tenha a aprovação da entidade, o que acaba fazendo com que as federações nacionais tentem se aproximar dos regulamentos, para poder ter nível técnico compatível nas competições internacionais.

Segundo a filosofia do programa, o aumento rápido do nível de dificuldade das provas de ginástica, levou ao aumento do volume e da intensidade do treinamento para as idades mais jovens. Isso fez com que profissionais das áreas médicas, educacionais e até mesmo a mídia passasse a usar a ginástica como exemplo de treinamento abusivo e excessivo, muitas vezes com razão. A FIG, nesse sentido, tem trabalhado para mudar essa visão, propondo alterações nas regras, assim como tem promovido a formação de treinadores(as) para que o conhecimento seja compartilhado e o trabalho seja eficaz, sem causar danos aos ginastas. Assim o *Age Group Program* é conectado com o *FIG Academy Program*, que é o programa de formação de treinadores(as) da instituição (FIG, 2019).

Com a evolução do treinamento da ginástica nos últimos 50 anos, a FIG se propõe a superar os modelos tradicionais de ensino, nos quais muitas vezes a saúde, segurança e cuidado com as crianças são ignorados. Segundo a FIG (2018) o *Age Group Program* tem foco na qualidade do desempenho e na saúde das crianças, antes de pensar no nível de dificuldade dos exercícios. Pautados em aspectos biológicos, fisiológicos e do treinamento esportivo, o manual reúne também algumas orientações voltadas para cuidados com a carga de treino, crescimento

e maturação, alimentação, técnica de execução de alguns elementos para evitar lesões, entre outros. Ademais, durante a gestão do Presidente Bruno Grandi da FIG, o AGP foi pensado para ser um programa para o desenvolvimento em longo prazo de ginastas, de forma segura e saudável (FIG, 2019), o que corrobora as pesquisas realizadas sobre a formação do atleta em longo prazo, com objetivos para além do desempenho de alto nível, na atualidade (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; HAY, 2002).

A visão global do AGP sobre o programa de desenvolvimento em longo prazo - *Long Term Performance Development (LTPD)* de ginastas, é a de que é necessário levar em consideração os princípios de crescimento e maturação das atletas para que se preserve a modalidade e para que se tenha a aceitação social da mesma. Segundo o manual do AGP para a GR (FIG, 2019), utilizar a especialização precoce nos treinamentos, com elementos de alta dificuldade no início da carreira da atleta, contribui para performances não estéticas, lesões e rejeição da modalidade pelo público. Nesse sentido, é importante garantir uma proporcionalidade segura e contínua de treinamento e competições. Para tanto, a FIG propõe o seguinte quadro com os estágios e características essenciais do LTDP:

Figura 12 – Estágios e características essenciais do Long Term Performance Development (LTPD) do Age Group Performance da FIG

	Treino Básico		Treino Preparatório		Treino Avançado		Treino de alto desempenho
	6/7 anos	8/9 anos	9/10 anos	11/12 anos	13/14 anos	15/16 anos	16/17 + anos
Praticar e aprender a treinar	1. Treinar frequentemente 2. Criar e aprender pré-requisitos		Treinar para educação 1. Criar pré-requisitos 2. Aprender 3. Competições e controle físico e técnico 4. Treinar para o programa de competição		1. Treinar para educação/aprendizagem 2. Treinar para o programa do Campeonato Mundial		1. Treinar para competições 2. Treinar para o desenvolvimento adicional
Unidade de treino	1-2 vezes/semana	2-3 vezes/semana	4-5 vezes de 3h cada/semana	5-6 vezes de 3h cada/semana	6-7 vezes de 3h cada/semana	8 vezes de 3h cada/semana	9-10 vezes/semana
Quantidade	1h30m cada	2h cada	aprox. 15h	aprox. 18h	aprox. 21h	aprox. 24h	aprox. 27-30h

Fonte: Adaptado de FIG (2019) (Tradução nossa)

Os pré-requisitos citados no quadro 2 dizem respeito à flexibilidade, força, técnica básica, aprendizagem de técnicas motoras, refinamento dos movimentos e estabilização. A metodologia básica do programa prevê em cada estágio o quanto deve ser treinado cada um desses requisitos:

Quadro 2 – Metodologia básica do LTPD

Pré-requisitos	Treino Básico	Treino Preparatório	Treino Avançado	Treino de alto desempenho
Flexibilidade	+++	+++	manutenção	manutenção
Força	++	++	+++	+++
Técnica/ Estruturas básicas	+++	+++	+++	+++...
Aprendizagem	Pré-requisitos de técnica motora	+++	+++	+++
Refinamento	Execução exata dos movimentos	+++	+++	+++
Treino/Estabilização	+	++	+++	+++

Fonte: Adaptado de FIG (2019) (Tradução nossa)

Cada estágio de treinamento tem um objetivo específico destacado pelo programa: para o estágio de Treinamento Básico busca-se desenvolver os pré-requisitos fundamentais e específicos do esporte, especialmente a coordenação motora e controle neuromuscular. O objetivo do estágio de Treinamento Preparatório é aumentar o nível de desempenho dos pré-requisitos gerais e específicos (coordenação, técnica, velocidade, flexibilidade, força), assim como aumentar a capacidade de carga de treino. O Treinamento Avançado consiste na transição do treinamento das idades iniciais para o treinamento de alto desempenho, por meio do aumento sistemático das demandas específicas de treinamento e inserção no nível internacional. No Treinamento de alto desempenho, os objetivos são voltados para o desenvolvimento de pré-requisitos para o aumento das demandas de treinamento (FIG, 2019).

É importante mencionar que concluir as tarefas de cada estágio, assim como a prontidão física e mental, são critérios considerados para a transição para um nível superior. Além disso, as tarefas relacionadas para cada idade devem ser consideradas a partir do desenvolvimento biológico e não da idade cronológica. Dessa maneira, os objetivos do LTPD são voltados para os aspectos educacionais das habilidades técnicas e físicas e não para as metas previstas para a competição, visando assim, criar pré-requisitos necessários para o aumento estável e contínuo do desempenho ao longo dos anos (FIG, 2019).

Para além dos programas de competição previstos no AGP, são também detalhados testes de habilidades físicas, incluindo modelos de fichas de avaliação para flexibilidade, força e resistência; testes para habilidades técnicas relacionadas ao nível de dificuldade para elementos corporais, música e coordenação rítmica, exercícios pré-acrobáticos, técnica de

aparelhos; testes para habilidades relacionadas às aulas de ballet aplicadas à ginástica rítmica. Como o presente estudo se destina a avaliar as competições de base da modalidade, detalhamos no tópico seguinte, como se estabelece o programa de competições do *Age Group Program*.

2.2.3.1 As competições de ginástica rítmica do *Age Group Program*

As competições de ginástica rítmica do *Age Group Program*, foram pensadas pela FIG com objetivo de oportunizar competições para ginastas de todos os níveis e idades, tendo em vista que é complicado atender a todas as demandas a partir de um único conjunto de regras. Considerando que existem ginastas que participam da ginástica por diferentes razões, voltadas à recreação ou ao alto nível, a FIG considera importante manter todas essas ginastas na prática, proporcionando oportunidades significativas de participação e sucesso, pois permitem a entrada tardia na ginástica e longos anos de participação (FIG, 2019).

O programa de competições do AGP tem sua estrutura dividida em dois fluxos: um de participação e outro de alto desempenho. O primeiro é dividido em quatro classes de competição, que podem ser subdivididas em vários grupos de idade, que permitem que ginastas iniciantes com diferentes idades participem com sucesso. Já o fluxo de alto desempenho é dividido em quatro classes de competição progressiva. A HP1 e HP2 são as mesmas do fluxo de participação, porém com restrição de idade, já a HP3 (pré-juvenil) e HP4 (primeiro ano de juvenil) são mais complexas, tornando esta vertente mais difícil; a classe HP5 já adota as regras da categoria júnior da FIG, presentes no Código de Pontuação oficial da modalidade. As Classes 1 e 2, comuns aos dois fluxos devem formar a base de qualquer ginástica de competição (FIG, 2019).

Por meio do seguinte quadro, podemos visualizar melhor a estrutura das competições previstas pelo *Age Group Program*:

Quadro 3 – Estrutura e programa de competições de ginástica rítmica do AGP

FIG Age Group Program – Estrutura e Programa de competições de ginástica rítmica					
Fluxo de Participação			Fluxo de alto desempenho		
Classe P1	Idade >7 7-8; 9-11; 12-14; 15+	1 exercício obrigatório (grupo)	Classe HP1	7-8 anos	1 exercício obrigatório (grupo)
Classe P2	Idade > 9 9-10; 11-12; 13-14; 15+	1 exercício obrigatório (grupo)	Classe HP2	9-10 anos	1 exercício obrigatório (grupo e/ou individual)
Classe P3	Idade > 11 11-12;13-14;15+	1 exercício opcional com regras da classe HP2			

Classe P4	Idade > 13 13-14; 15+	1 exercício opcional com regras da classe HP3		
			Classe HP3	11-12 anos 1 exercício obrigatório 1 opcional (grupo e/ou individual)
			Classe HP4	13-14 anos Grupo: 1 exercício obrigatório e 1 exercício opcional Individual: 1 exercício obrigatório e 1 opcional

Fonte: Adaptado de FIG (2019). (tradução nossa)

A divisão de aparelhos por fluxo e classes é descrita no quadro a seguir:

Quadro 4 – Aparelhos para os exercícios dos fluxos de participação e alto desempenho

Fluxo de Participação	Somente grupo	Fluxo de alto desempenho	Grupo	Individual
Classe P1	Mãos Livres	HP1	Mãos Livres	
Classe P2/ P3	Bola ou Corda	HP2	Bola ou Corda	Bola ou Arco
Classe P4	Arco ou Corda	HP3	Arco ou Corda	Maças e Arco
		HP4	Arco ou Bola	Corda, Bola e Fita

Fonte: Adaptado de FIG (2019). (tradução nossa)

Percebemos que, com relação às competições adultas, existe um cuidado em diminuir a quantidade de aparelhos para o individual no fluxo de alto desempenho, oferecendo a possibilidade em algumas das vezes, de executar um exercício obrigatório e um opcional. Isso também acontece nas competições brasileiras de categorias de base, principalmente nos Torneios Nacionais, em que são exigidos apenas dois aparelhos para cada categoria (ANTUALPA, 2011; CBG, 2018b). Apesar de acompanhar algumas das modificações estruturais das competições para esse tipo de evento propostas pela FIG, a CBG ainda carece de um cuidado maior, principalmente no que diz respeito à avaliação.

No caso das competições propostas pelo *Age Group Program* as regras do julgamento pela banca de arbitragem são modificadas. Os árbitros selecionados para o evento são responsáveis tanto pela banda de Dificuldade – júri D – quanto pela banca de Execução – Júri E, e a quantidade de árbitros pode ser reduzida. Além disso, os descontos para a execução técnica e artística são deduzidos de um valor total de 10 e os valores das faltas alterados conforme quadro 5:

Quadro 5 – Descontos de execução para as diferentes classes

Classes P1, 2, 3, 4 e HP1, 2	Classes HP 3, 4
Faltas pequenas = 0,10	Faltas pequenas = 0,10
Faltas médias = 0,20	Faltas médias = 0,30
Faltas graves = 0,30	Faltas graves = 0,50
Queda ou perda de aparelho = 0,50	Queda ou perda de aparelho = 0,70

Fonte: Adaptado de FIG (2019). (tradução nossa)

Outro aspecto importante de ser mencionado acerca da avaliação, é que a parte artística tem uma dedução total máxima de 1,00 ponto, enquanto no Código de Pontuação oficial da FIG, o total de descontos para execução artística chega a 10. No que diz respeito ao quesito de Dificuldade, os valores de cada elemento previsto pelo regulamento no AGP são de 0,30 – independente do seu valor no Código de Pontuação da FIG, que pode chegar a mais de 1 ponto – e o valor total da série de exercícios é dado pela soma deles; é importante ressaltar que o valor de um movimento é reconhecido mesmo com erros, a menos que eles sejam tão extremos que alterem o caráter do elemento (FIG, 2019).

Essas alterações na forma de avaliar os exercícios permitem que as pontuações finais não sejam tão baixas (ou até negativas, como tem acontecido em alguns eventos no Brasil), além de proporcionar um equilíbrio entre os escores finais, não causando um distanciamento tão grande entre as primeiras colocações e as últimas. Essa aproximação de pontuação é vista em uma das Metas de Engajamento de Atletas, propostas pela Engenharia Competitiva, a de manter os resultados próximos para aumentar a motivação e o prazer pela prática (BURTON, GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011).

No que diz respeito às idades da competição, recomenda-se no programa de competições do AGP que ginastas com menos de sete anos de idade não participem de competições formais. No entanto, a realidade de eventos de algumas federações estaduais no Brasil, tem previsto competições para categorias a partir de cinco anos.

Por fim, no programa de competições do AGP, são especificados em uma tabela para cada classe, a descrição, o desenho e o valor dos elementos obrigatórios, além de ter uma coluna destinada à definição dos erros mais comuns para cada um dos movimentos, o que é uma orientação aos treinadores(as) relacionada com os cuidados com a execução técnica dos elementos, que vai ao encontro da filosofia do programa de garantir a segurança e saúde das ginastas no aspecto físico.

2.2.4 *Long Term Athlete Development* – o caso do Canadá

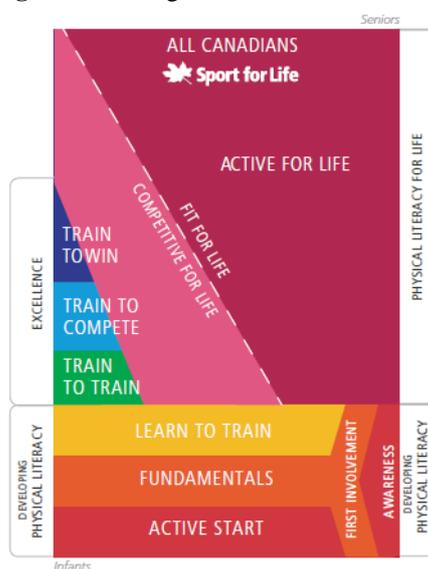
O *Long Term Athlete Development* (LTAD) para a ginástica teve origem em uma política canadense de grande escala, que teve seu início em 2002, com o compromisso do país

em aumentar a participação, excelência e capacidade de interação no esporte canadense. O objetivo era permitir que todos os canadenses experimentassem e se envolvessem no esporte, na medida de seus interesses e habilidades, além de fomentar um maior e melhor desempenho nos mais altos níveis competitivos. Para tanto, a agência governamental canadense responsável pelo esporte em todos os âmbitos, investiu no chamado *Canadian Sport for Life* (CS4L), com base central no LTAD. O documento produzido apresenta a estrutura do esporte e atividades físicas para todos os canadenses, assim como pretende revitalizar o país como uma foça competitiva internacionalmente (SPORT FOR LIFE SOCIETY, 2016).

O programa consiste em numa abordagem periodizada em etapas de acordo com a idade do praticante e o tipo de esporte. Balyi (2001) apresenta uma diferenciação em esportes de especialização precoce, na qual esportes como a ginástica artística, ginástica rítmica, patinação artística, saltos ornamentais e tênis de mesa se enquadram, por exigirem a especialização em uma modalidade já no início do treinamento; e esportes de especialização tardia, como atletismo, esportes de combate e esportes coletivos, que exigem uma abordagem generalizada para o treinamento inicial. Nesses esportes a ênfase do treinamento deve estar no desenvolvimento de habilidades motoras e técnico-táticas fundamentais. Considerando que existem poucos esportes classificados como de especialização precoce, o autor sugere que cada modalidade deve desenvolver um modelo específico, pois um programa genérico levaria a simplificações que não se ajustariam a todos eles (BALYI, 2001).

De uma maneira geral, o LTAD se apresenta hoje em dia com uma divisão de estágios representados pela figura a seguir e serve de referência inclusive para o Ministério do Esporte Brasileiro, em sua proposta do Sistema Nacional do Esporte (PNUD, 2017):

Figura 13 – Progressão do LTAD no CS4L



Fonte: (SPORT FOR LIFE SOCIETY, 2016).

Os sete estágios do LTAD são: Início Ativo, FUNdamentos (com destaque para o termo “*fun*” – diversão, o que demonstra que esse aspecto deve estar presente nessa fase), Aprender a Treinar, Treinar para Treinar, Treinar para Competir, Treinar para Ganhar e ser Ativo para a Vida. Os três primeiros estágios combinados formam a base da “alfabetização física” sobre a qual o fluxo de excelência (Treinar para Treinar, Treinar para Competir e Treinar para Ganhar) e o engajamento em atividade física para a vida toda (Ativo para a Vida) são construídos. No programa, atletas com deficiência têm dois estágios adicionais: Sensibilização e Primeiro Contato. Eles são particularmente importantes para indivíduos com uma deficiência adquirida, que muitas vezes podem não ter conhecimento e vivência anterior no esporte e atividade física (BALYI; WAY; HIGGS, 2013; SPORT FOR LIFE SOCIETY, 2016).

Atualmente, o sistema representa o paradigma organizacional de desenvolvimento do esporte e faz parte oficialmente da Política de Esporte do Canadá. Assim como a ginástica, vários esportes desenvolveram seus modelos específicos de desenvolvimento do atleta, pautados no CS4L-LTAD, e como o foco deste tópico é apresentar modelos relacionados à ginástica rítmica, destacaremos as especificidades do LTAD para a ginástica.

2.2.4.1 *Long Term Athlete Development* para a ginástica

O documento intitulado “*LTAD Gymnastics: the ultimate human movement experience*”, foi elaborado pela federação nacional de ginástica do Canadá (GCG, 2008), respeitando os princípios do LTAD (SPORT FOR LIFE SOCIETY, 2016) e reforçando a visão, missão e objetivos da *Gymnastics Canada Gymnastique*. A estrutura do LTAD para a ginástica inclui todos que fazem parte do sistema da modalidade no país: participantes, treinadores(as), pais, clubes, federações das províncias e associações, dirigentes, líderes e voluntários do esporte, educadores, equipes de desempenho, patrocinadores e parceiros.

Partindo do princípio de que a ginástica é mais do que vemos nos Jogos Olímpicos, o programa trata de seis diferentes modalidades gímnicas: ginástica artística masculina, ginástica artística feminina, ginástica rítmica, ginástica de trampolim, ginástica acrobática e ginástica aeróbica. No sistema, a ginástica para todos (GPT), por ser base cultural de todas as ginásticas, incorpora toda a parte educacional e recreativa das atividades ginásticas, por meio de uma filosofia de participação baseada na diversão (*fun*), fitness e fundamentos para todas as idades (GCG, 2008). A proposta se assemelha aos fundamentos da ginástica para todos, considerada a base para as ginásticas pela FIG, que prevê para a prática os chamados 4 F’s como base filosófica: *fun*, *fitness*, *fundamentals*, *friendship* (diversão – como motivação para a prática,

fitness – para desenvolver as capacidades físicas, fundamentos – relacionados aos elementos específicos da ginástica e amizade – como parte de um ambiente social (FIG, 2018d).

Para a GCG (2008), todas as crianças devem ter a oportunidade de participar da ginástica e o acesso universal à prática da modalidade, só pode ser alcançado pela integração das atividades ginásticas no sistema de educação do Canadá. Nesse sentido, o LTAD fornece uma estrutura para a elaboração de programas da formação de treinadores(as) regionais e dos clubes. Dez fatores influenciam o programa de ginástica (GCG, 2008):

1. Fundamentos: por meio da aprendizagem dos movimentos da ginástica (aterrissagens, rotações, balanços, manipulação de aparelhos, entre outros), as crianças desenvolvem uma gama completa de habilidades físicas e motoras;

2. Idade biológica x idade cronológica: o programa se baseia na maturidade e não na idade cronológica da criança, respeitando o tempo e a diferença entre os indivíduos;

3. Aproximação holística: o treinador deve considerar o atleta por completo e não dar ênfase somente nos aspectos físicos e técnicos do treinamento;

4. Especialização: habilidades ginásticas básicas e complexas são aprendidas mais facilmente antes da puberdade, portanto é recomendado o início antes dos 10 anos de idade;

5. Treinabilidade: os treinadores(as) devem planejar os programas de modo a otimizar a capacidade de resposta dos atletas em cada estágio de crescimento e maturação;

6. Periodização: fornece a estrutura para organizar o treinamento, a competição e a recuperação em um cronograma lógico e cientificamente baseado para alcançar o desempenho ideal no tempo necessário;

7. Planejamento do calendário de competições: o calendário nacional e regional deve considerar o LTAD – diferentes estágios de desenvolvimento e níveis de participação têm diferentes exigências para o tipo, frequência e nível de competição;

8. A regra dos 10 anos: considerando o tempo necessário para a formação de um atleta de elite de no mínimo 10 anos, objetivos de desempenho em curto prazo não devem estar presentes, evitando prejuízos ao desenvolvimento do atleta em longo prazo;

9. Alinhamento e integração do sistema: LTAD reconhece que a educação física, escolas de esportes, atividades recreativas e esporte competitivo são interdependentes – todos devem estar integrados para alcançar os objetivos;

10. Melhoria Contínua: promoção de formação continuada, acompanhamento das observações, inovações e pesquisas, reflexão sobre as práticas.

O LTAD para ginástica, no Canadá é dividido em oito estágios que podem ser observados no quadro 6. É importante ressaltar que a idade dos participantes em cada um deles

depende da modalidade, geralmente a ginástica rítmica e a ginástica artística feminina tem atletas mais jovens. Além disso, todos os ginastas progridem sequencialmente pelos estágios do LTAD, mas nem todos os participantes vão passar por todas as etapas.

Quadro 6 – Estágios do LTAD para ginástica e respectivas idades

Estágios do LTAD para ginástica	Idade/ sexo
1. Início ativo	0-6 anos / F e M
2. Diversão, fitness e padrões de movimentos fundamentais	6-8 /F 6-8/9 /M
3. Construindo habilidades da ginástica	7-9 /F 9-10 /M
4. Especialização em uma modalidade ginástica	9-11 /F 10-12 /M
5. Tornando-se um competidor	10/11-13+ /F 12-15+ /M
6. Vencendo em todos os níveis	13/14-18 /F 15-18+ /M
7. Excelência internacional e desempenho de pódio	16+ /F 18+ /M
8. Ginástica para a vida/ Vida ativa	Qualquer idade

Fonte: elaborado pela autora com base em dados do GCG (2008).

Para cada um dos estágios de desenvolvimento, o LTAD prevê uma série de orientações relacionadas aos objetivos da etapa, aos aspectos que não pertencem à determinada fase, quais são as qualidades esperadas, o tempo de prática, funções dos pais, monitoramento e indicação do tipo de eventos e atividades. Neste estudo daremos ênfase aos eventos e atividades, assim como às atividades não recomendadas à faixa-etária.

Para o primeiro estágio “Início ativo” há uma subdivisão das idades: entre 0-18 meses, de 18 meses a 3 anos, 3-6 anos. Para idades menores de quatro anos são previstas aulas um vez por semana, com duração de 30 a 45 minutos; de 4-6 anos as aulas passam a ter de 45 a 60 minutos. Nessa etapa atividades repetitivas e prolongadas, assim como treinamento voltado à competição não são recomendadas. O treino de habilidades ginásticas e de flexibilidade não deve ser o foco, bem como deve existir adaptação de equipamentos para as crianças. As abordagens de ensino não devem ser diretivas nem inflexíveis. O ambiente do estágio Início Ativo não prevê competições, porém interações e compartilhamentos no grupo, durante as aulas, com pequenas sequências de movimentos, são recomendados como eventos (GCG, 2008).

No segundo estágio, denominado “Diversão, Fitness e Padrões de Movimentos Fundamentais”, há a continuidade do desenvolvimento dos movimentos fundamentais, por meio de todas as modalidades gímnicas, mas também é nessa fase que se inicia a aprendizagem das habilidades ginásticas específicas, em um programa bem estruturado, no qual os

participantes têm a oportunidade de curtir o esporte e se divertir. A GCG (2008) aponta essa fase como um “estágio de experimentação”, em que as crianças devem vivenciar várias atividades esportivas, com pouca pressão, pois a diversão deve permear o ambiente.

Essa visão vai ao encontro do estágio inicial do Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (CÔTÉ, 1999), chamado de “Anos de Experimentação”, em que é recomendada a diversificação e diversão pelo esporte, por meio do jogo deliberado. A diferença entre os modelos se dá, principalmente, na previsão das idades, que MDPD varia de seis a 13 anos e no caso do LTAD da ginástica, varia de seis a oito anos para as meninas, e seis a nove anos para meninos.

Outro aspecto em comum entre os dois modelos é o pensamento de que as habilidades adquiridas nesse estágio serão benéficas tanto para as atividades competitivas, quanto para as recreativas, melhorando a qualidade de vida e saúde dos praticantes e estimulando a participação em atividades esportivas ao longo da vida. Nesse sentido, a GCG (2008) não recomenda para o segundo estágio do LTAD repetições excessivas de exercícios de condicionamento, posições de riscos e seguindo a linha do primeiro estágio, abordagens de ensino diretivas também devem ser evitadas. A seletividade e ênfase na comparação de habilidades físicas e motoras, assim como testes que a estimulam, também são características que não devem fazer parte do programa, nesse estágio.

No que diz respeito aos eventos, são previstas demonstrações internas, nas próprias aulas ou para os pais. Apresentações públicas devem acontecer de forma local e a participação em eventos com foco na diversão, como por exemplo, “dia das fitas” ou “demonstração de habilidades” é incentivada. Os programas recreativos nessa fase se resumem a uma aula por semana, com duração de 1 hora a 1 hora e meia; para programas mais avançados, de duas a três aulas por semana, de 1 hora e meia a 3 horas de duração. É importante destacar que é recomendado que todas as crianças continuem a participar ao menos em outras três ou quatro atividades regularmente (GCG, 2008).

O estágio “Construindo habilidades da ginástica” tem foco no desenvolvimento de habilidades esportivas globais e específicas da ginástica, como agilidade, equilíbrio, coordenação e flexibilidade; postura corporal e força do *core*, devem estar bem estabelecidas nessa fase. A faixa etária entre sete e nove anos para as meninas e oito a dez anos para os meninos, é o momento também de construir habilidades básicas nos aparelhos de grande porte, assim como com os aparelhos de manipulação, favorecendo a participação posterior em ginástica recreativa, de demonstração ou competitiva. A competição, nessa fase não é o objetivo principal, porém a participação em eventos competitivos formais pode ser iniciada ao final do

estágio. Como possibilidades dessa participação, o LTAD propõe para além das apresentações internas e eventos de participação com foco na diversão, o envolvimento em eventos regionais como encontros, ginastradas (festivais de GPT) e demonstrações em grupo, além de encontros de clubes para introduzir o formato da competição formal, porém com foco no desempenho, sem comparação de resultados (GCG, 2008).

O próximo estágio do LTAD para ginástica, “Especialização em uma modalidade ginástica”, que compreende a fase entre os nove e 11 anos para o feminino e 10 e 12 anos para o masculino, é considerado um dos mais importantes períodos de desenvolvimento motor em que todas as habilidades básicas da ginástica já devem estar bem estabelecidas para que as habilidades específicas de cada modalidade gímnica possam se desenvolver. Para a GCG (2008), aqueles que se mantêm na prática de ginástica com essa idade, normalmente já desenvolveram paixão e prazer pelo esporte e provavelmente se decidiram se especializar na ginástica como sua principal atividade, é o momento de comprometimento com a participação no esporte em longo prazo. A diversão ainda é importante, porém os treinos se tornam mais estruturados e orientados para as habilidades ginásticas (práticas deliberadas), que são desafiadoras para os praticantes. Se comparado ao MDPD (Côté, 1999), esse estágio do LTAD já seria a introdução aos “Anos de Especialização”, mais uma vez diferindo principalmente no que diz respeito à faixa-etária dos participantes.

Não são recomendadas para esse período repetições de movimentos que utilizam hiperextensão da coluna, assim como elementos sobre os joelhos. É necessária uma atenção especial para evitar o *overtraining* e garantir a recuperação necessária às necessidades individuais das atletas. Com relação à participação em competições, deve ser mantida uma variedade de combinação de eventos incluindo festivais de ginástica, ginastradas regionais ou nacionais e encontros recreativos. As competições formais são usadas, nessa fase para medir o desempenho e qualidade das habilidades técnicas, mas não são orientadas pelos resultados (GCG, 2008).

O quinto estágio previsto pelo LTAD, de 10/11 – 13 anos para o feminino e 12 – 15 anos para o masculino, chamado “Tornando-se um competidor”, compreende uma fase em que as habilidades básicas já estão consolidadas e a complexidade dos elementos de dificuldade das séries de exercícios é aumentada. É o momento de aprender a competir em variadas condições. Nesse sentido já são previstas participações em eventos como os campeonatos nacionais e regionais, seletivas, apresentações especiais e competições internacionais da categoria juvenil. Há um aumento considerável na quantidade de treino e o foco passa a ser em aprender como competir de acordo com as regras da FIG (GCG, 2008).

Entre 13/14 anos aos 18, no caso das meninas e dos 15 aos 18 para os meninos, os praticantes de ginástica entram no estágio “Vencendo em todos os níveis”. É o período de aperfeiçoar o desempenho de acordo com os objetivos individuais; alguns vão começar a competir internacionalmente nas categorias juvenil e adulto e também em eventos maiores como Jogos Pan-americanos, por exemplo. A quantidade de treinamento para a ginástica rítmica passa a ser de cinco e seis vezes por semana, em um total de quatro a cinco horas por treino. Ao passar para o estágio seguinte, “Excelência internacional e desempenho de pódio”, atletas a partir de 16 anos (feminino) e 18 anos (masculino) se encontram no mais alto nível de competições internacionais, representando o país em campeonatos mundiais, copas do mundo, Jogos Olímpicos e outros eventos internacionais (GCG, 2008).

Por último, o estágio “Ginástica para a vida – Vida ativa” compreende ginastas de todas as idades, com qualquer experiência e diferentes níveis de desempenho, inclusive para aqueles que nunca participaram da ginástica anteriormente. Permite a aprendizagem de novas habilidades, fazer parte de grupos de demonstração, experimentar novas modalidades gímnicas e até mesmo representar o país em eventos internacionais. Ademais, é um estágio que incentiva ex-ginastas a se envolverem em outras práticas, aplicando suas habilidades gímnicas, para que permaneçam ativos por toda a vida. Os eventos previstos são as apresentações locais, regionais, nacionais e internacionais, como festivais, ginastradas canadenses e mundiais, encontros recreativos, competições escolares e universitárias (GCG, 2008).

De uma maneira geral, percebemos que há no LTAD para ginástica, um planejamento cuidadoso, que considera a progressão gradual em todos os aspectos, desde o tipo de movimentos a serem ensinados, para quais idades são recomendados, até as abordagens de ensino adequadas e eventos destinados para cada estágio. Notamos também a importância de um programa que permeia todas as idades, em um nível recreativo, o que faz com que a participação possa acontecer de forma contínua, mesmo para aqueles que abandonam a carreira competitiva, ou para os que nunca tiveram interesse pela competição.

Da mesma forma, o MDPD (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ E FRASER-THOMAS, 2007), prevê como um dos estágios do desenvolvimento dos atletas, os “Anos de recreação” (ou participação), para os quais os atletas têm a possibilidade de migrar caso tenham a vontade ou necessidade de se envolver com o esporte pelo prazer que a prática proporciona. Jones (2011) corrobora as ideias apresentando paralelos entre os dois modelos, trazendo principalmente os aspectos do foco da diversão e o prazer pela prática nos primeiros anos e a possibilidade de transição horizontal entre as fases de especialização e recreação. Nesse sentido, ambos os modelos se convergem para uma estrutura, que apesar de serem diferentes no que diz

respeito à classificação das faixas etárias, dão ênfase a formação do atleta em longo prazo, respeitando aspectos motores e sociais dos indivíduos.

2.2.5 A estrutura competitiva dos Estados Unidos: Os programas *Xcel* e *Junior Olympic*

A Federação Nacional de Ginástica dos Estados Unidos – USAGYM é a entidade esportiva reguladora da ginástica no país e é responsável por promover e desenvolver a ginástica de base e nacional, em um ambiente de treinamento seguro, capacitado e positivo. Sendo assim, existe uma variedade de programas para todas as idades e níveis de habilidade, que vão do básico ao avançado, visando fornecer uma experiência de aprendizagem positiva para os interessados na ginástica (USAGYM, 2020). Especialmente na ginástica rítmica, os Estados Unidos têm apresentado, nos últimos anos, resultados internacionais significativos, com ginastas do individual entre as 24 melhores do mundo, e medalhistas por aparelhos em diversas etapas de copas do mundo.

A Federação possui programas de formação competitiva e recreativa para instrutores(as) e treinadores(as), bem como de negócios e de arbitragem em todas as modalidades gímnicas. Além de todo o programa formativo disponível aos profissionais, destacamos neste tópico a estrutura competitiva da ginástica rítmica, que abrange uma grande divisão de níveis, o que proporciona ambientes competitivos bastante abrangentes.

Estão presentes dois programas competitivos de formação, o *Junior Olympic Program* (JO) e o *Xcel Program*, além dos níveis competitivos de elite. O JO compreende oito níveis – 3 ao 10 – que promovem uma progressão gradual de exigências técnicas, até que a ginasta conquiste a qualidade necessária para executar os requisitos do regulamento da FIG (USAGYM, 2019). O *Xcel Program* prevê a divisão de quatro níveis (A, B, C e D), porém tem sua filosofia voltada para uma prática participativa, que tem por objetivo promover experiências competitivas positivas, com foco no desenvolvimento pessoal e não no resultado competitivo (USAGYM, 2020a). Podemos identificar os diferentes níveis e a progressão pretendida pela estrutura competitiva norte-americana, por meio do quadro a seguir:

Quadro 7 – Programas de competição da Federação Nacional de Ginástica dos Estados Unidos - USAGYM

PROGRAMA	NÍVEIS
<i>Xcel Program</i>	Nível A: atletas iniciantes, apenas para se acostumarem a se apresentar em público.
	Nível B: atletas capazes de começar a mostrar musicalidade e expressão e podem apelar ao público com sua performance.
	Nível C: atletas que mostram grande capacidade de apresentar-se de forma completa e com bom desempenho.
	Nível D: atletas que demonstram nível quase profissional de habilidade e desempenho.

Junior Olympic Program	Nível 3: primeiro estágio de avaliação da formação competitiva da atleta. Foco no desenvolvimento de habilidades.
	Nível 4: para ginastas que conseguem executar com sucesso as exigências corporais e de aparelho do nível 3.
	Nível 5: para ginastas que conseguem executar com sucesso as exigências corporais e de aparelho do nível 4.
	Nível 6: para ginastas que conseguem executar com sucesso as exigências corporais e de aparelho do nível 5.
	Nível 7 e 8: projetados para preparar ginastas para as habilidades avançadas do programa da FIG.
	Nível 9: para ginastas que demonstraram poder cumprir os requisitos do programa da FIG e estão prontos para o desafio das rotinas completas.
	Nível 10: as ginastas classificadas entre as 40 melhores nas categorias juvenil e adulto.
Elite	Ginastas das categorias juvenil e adulto que forem qualificadas para o nível de elite de acordo com critérios determinados anualmente. Exemplo: para o ano de 2019, 25 atletas juvenis e 20 adultas foram qualificadas.

Fonte: elaborado pela autora com base nos documentos oficiais da USA Gymnastics (USAGYM, 2019; USAGYM, 2020a)

Verificamos, por meio do quadro 7, que existem muitas possibilidades de participação de eventos de ginástica rítmica, divididas em duas vertentes: uma com foco na participação recreativa (Xcel); e outra voltada para a formação de ginastas de elite (Junior Olympic). Dentro de cada uma delas, as oportunidades se ampliam ao considerarmos os diferentes níveis de participação, delineados de acordo com critérios de exigências técnicas progressivas. Ademais, a maneira como as idades são organizadas, permite que crianças e adolescentes vivenciem a competição de ginástica, de acordo com seu nível técnico, independentemente da idade.

Verificamos que existem idades mínimas para o início da participação em determinados níveis, como podemos identificar no Quadro 8:

Quadro 8. Idades mínimas para a participação nos diferentes níveis do Junior Olympic Program e do Xcel Program

Idades mínimas para os níveis 3-10 do JO e Xcel – ano corrente	
Xcel	Deve completar 6 anos até 31/12
Nível 3	Deve completar 6 anos até 31/12
Nível 4	Deve completar 6 anos até 31/12
Nível 5	Deve completar 7 anos até 31/12
Nível 6	Deve completar 8 anos até 31/12
Nível 7	Deve completar 9 anos até 31/12
Nível 8	Deve completar 10 anos até 31/12
Nível 9	Deve completar 11 anos até 31/12
Nível 10	Deve completar 11 anos até 31/12

Fonte: Adaptado de USAGYM, (2019) tradução nossa.

Com relação às categorias, nos níveis de 3-10 as idades são agrupadas para determinar a sessão competitiva na qual a ginasta irá participar, assim como para definir as categorias de premiação, conforme quadro a seguir:

Quadro 9. Divisão de categorias por idades para competições de níveis 3-10

Categorias e idades – nível 3-10	
Infantil A	6 anos
Infantil B	7-8 anos
Infantil C	9-10 anos
Junior A	11-12 anos
Junior B	13-15 anos
Senior	16 anos acima

Fonte: Adaptado de USAGYM, (2019) – tradução nossa.

É importante ressaltar que todas as categorias podem participar em qualquer um dos níveis, considerando a idade de início, ou seja, em um mesmo evento, pode haver, por exemplo, competição de nível 5 para todas as categorias, exceto a “Infantil A”. Esse formato possibilita que crianças que tenham iniciado a prática mais tarde, tenham a oportunidade de participar de uma competição de nível coerente com seu tempo de prática, ou crianças com grande potencial para se desenvolverem como atletas de elite, possam participar de eventos que tenham um nível técnico mais elevado, de acordo com as idades.

No que diz respeito às exigências de dificuldade, no JO, elas acompanham a progressão dos níveis, trazendo ajustes nas regras como limitação de quantidade e valores de dificuldade, elementos básicos de manejo dos aparelhos validados como dificuldade de aparelho, validação de elementos de rotação simplificados como pré-acrobáticos nos níveis mais baixos (ex: rolamento lateral na posição sentada no eixo vertical), entre outros. O quesito artístico traz requisitos como elementos de variedade, ondas e acrobáticos, além de utilizar a avaliação da música e da expressão como bonificação, quando bem realizadas. Já a execução técnica, segue a linha do código de pontuação da FIG (USAGYM, 2020b).

Já no Xcel, a avaliação é realizada em duas partes: “lista de habilidades” e “categorias XCEL”. Na primeira, fazem parte as habilidades corporais (rotações, equilíbrios e saltos), os passos de dança, e trocas e colaborações (no caso do conjunto). Estes elementos são avaliados de acordo com critérios que definem a pontuação em cada um dos exercícios realizados pela ginasta ou conjunto. O segundo quesito avaliado nas séries do Xcel diz respeito a: execução corporal geral, manejo de aparelhos, execução em conjunto (no caso dessas provas), coreografia e impressão geral (USAGYM, 2020c). Os quadros 10 e 11, trazem exemplos de como cada um dos quesitos (lista de habilidades e categorias xcel) são avaliadas são avaliados:

Quadro 10. Critérios de avaliação da lista de habilidades corporais – Xcel Program

VALOR ATRIBUÍDO	CARACTERÍSTICA DO ELEMENTO EXECUTADO
1.0	Habilidade muito bem realizada, pés e joelho estendidos, técnica apropriada
0.8-0.9	Pés e joelhos desalinhados, mas a habilidade é executada de forma apropriada na maioria das vezes

0.6-0.7	Pés e joelhos desalinhados, forma básica da habilidade corporal não demonstrada (voltas insuficientes em um giro, equilíbrio não seguro por tempo suficiente, etc.)
0.4-0.5	Habilidade tentada, porém precisa ser trabalhada
0.1-0.3	Me desculpe, tente novamente
0	Não tentou realizar a habilidade

Fonte: Adaptado de USAGYM (2020c) tradução nossa.

Quadro 11. Critérios de avaliação da lista da categoria xcel – coreografia – Xcel Program

VALOR ATRIBUÍDO	CARACTERÍSTICA DO ELEMENTO EXECUTADO
1.0	Passos de dança criativos e expressivos, ginasta impressiona o público com uma grande performance, ginasta muda níveis, ocupa o tapete, integra habilidades do aparelho com as corporais e tem movimentos criativos
0.8-0.9	Passos de dança muito bons, ginasta tem boa presença na quadra, ocupa a maioria do tapete, muda níveis na série, integra habilidades do aparelho com as corporais
0.6-0.7	Ginasta executa passos de dança, tem boa presença, integração suficiente entre corpo e aparelho, ocupação do espaço e mudança de níveis
0.4-0.5	Passos de dança realizados sem entusiasmo, ginasta não se desloca muito, deixa a área do tapete. Movimentos do aparelho mal integrados com os corporais
0.1-0.3	Ausência de passos de dança, ginasta faz os árbitros dormirem, ficam no mesmo espaço e mesmo nível durante toda a série. Aparelho sem relação com o corporal

Fonte: Adaptado de USAGYM (2020c) tradução nossa.

As modificações previstas nas regras das competições, de acordo com os dois programas e seus níveis, quando comparadas às regras oficiais da FIG, demonstram uma preocupação da instituição em proporcionar ambientes competitivos diversos, que possam acolher uma variedade de equipes com diferentes objetivos e avaliar as ginastas de forma coerente com o seu desenvolvimento na modalidade.

Acreditamos que a estrutura competitiva apresentada, possa contribuir para que as crianças que praticam ginástica se sintam contempladas no que diz respeito à participação de eventos, uma vez que, com tão ampla divisão de níveis competitivos, todas terão espaço para participar e demonstrar sua competência, competindo com outras crianças com qualidades técnicas semelhantes. Contudo, compreendemos a necessidade de grande organização da gestão, bem como alta demanda financeira para que seja possível a realização de tantos eventos. Ainda assim, a ideia central dessa proposta de organização competitiva, de aumentar a quantidade de níveis, de acordo com a realidade e possibilidades locais, se apresenta como um direcionamento para ampliar a participação esportiva e competitiva.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Caracterização da pesquisa

A fim de responder aos objetivos da pesquisa, o presente estudo foi caracterizado como uma pesquisa qualitativa, que compreende um campo de estudos complexo destinado à compreensão de problemas de conhecimento científico em diversos setores da atividade humana (GOELLNER, et al, 2010).

Segundo Godoy (1995), a perspectiva qualitativa proporciona a melhor compreensão de um fenômeno por analisá-lo dentro do contexto em que faz parte. Nesse tipo de estudo, a busca do pesquisador é a de captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, levando em consideração os pontos de vista relevantes.

Apesar de já ter alcançado certo reconhecimento na pesquisa científica, ainda há várias críticas que recaem sobre a pesquisa qualitativa, principalmente as relacionadas às características que a definem, como por exemplo: o envolvimento do pesquisador com o cenário e a influência do conhecimento e das experiências pessoais do pesquisador no olhar para os dados do estudo (FLICK, 2009; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Essas características, no entanto, são inerentes às pesquisas nas ciências humanas, uma vez que “é essencial para o pesquisador estar presente de uma forma humana e não de uma forma neutra” (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005, p. 109).

Tomando como base nossas questões norteadoras, esta pesquisa se desenvolveu em três momentos. O primeiro deles buscou compreender a natureza dos eventos de ginástica rítmica realizados no período que compreende os primeiros anos de envolvimento com a prática. Para tanto, com base nos regulamentos das competições, utilizamos a pesquisa documental, constituída por Godoy (1995) como o exame detalhado de diferentes materiais, que permite interpretações novas e/ou complementares sobre os mesmos. Para o autor, os documentos constituem uma fonte não reativa e, portanto, sem perigo de alteração mesmo com o passar do tempo; além disso, o documento é uma fonte natural de informação, por ter origem em determinado contexto e fornecer dados sobre o mesmo.

Para o segundo momento da pesquisa, procuramos entender como a participação em diferentes tipos de eventos esportivos pode influenciar a formação esportiva da atleta de ginástica rítmica. Por meio de um estudo de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com treinadoras e gestoras de ginástica rítmica, visando compreender a visão destes profissionais sobre a importância da participação de atletas em iniciação esportiva em

competições para a formação esportiva das mesmas, assim como se existe algum planejamento pedagógico para que essa participação aconteça.

O terceiro momento da pesquisa consistiu na observação dos eventos que tiveram seus regulamentos analisados no primeiro momento do estudo, que objetivou confirmar e detalhar aspectos identificados na primeira análise (documental) e nas entrevistas. A observação como técnica é utilizada amplamente em pesquisas qualitativas, o que tem permitido descrições detalhadas de lugares, objetos, situações, interações, aproximando o pesquisador dos contextos e das pessoas, se tornando cada vez mais importante no trabalho de campo (SANTOS; ARAÚJO; BELLATO, 2016). Neste caso, utilizamos a observação não participante, na qual o observador presencia o fato sem se envolver pelas situações, fazendo o papel de espectador de forma consciente, dirigida e ordenada para determinado fim (MARCONI; LAKATOS, 2002).

3.2 Critérios para a definição dos participantes

A ideia central da pesquisa volta-se para a compreensão das competições destinadas aos anos iniciais da formação esportiva de atletas de ginástica rítmica e, portanto, a definição dos sujeitos participantes das entrevistas e dos regulamentos analisados, foi direcionada para aqueles que se relacionam diretamente com essa faixa etária.

Considerando que o início das competições formais na GR se dá aos nove anos de idade, na categoria pré-infantil estabelecida pela CBG, optamos por analisar os resultados dos campeonatos brasileiros individuais, bem como dos campeonatos brasileiros de conjunto, desta categoria, acontecidos entre 2013 e 2018. A análise foi feita com base nos resultados oficiais divulgados no site da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG, 2018). Assim, identificamos as equipes que obtiveram os melhores resultados na prova por equipe dos campeonatos individuais, e da classificação geral dos campeonatos de conjunto, para assim selecionarmos de quais entidades seriam os treinadores(as) entrevistados, bem como quais seriam as federações estaduais que teriam seus regulamentos analisados.

A prova por equipe dos campeonatos individuais consiste no somatório de notas de todas as pontuações individuais de cada ginasta da equipe (três ginastas) e o resultado geral da prova de conjuntos consiste na soma da apresentação da classificatória com a da final. Portanto, pressupõe-se que os resultados reflitam o trabalho de preparação das instituições para que as ginastas iniciem suas participações em competições formais, considerando assim não somente os resultados dos talentos individuais, mas da equipe. Além disso, consideramos importante conhecer a realidade de equipes, por meio do discurso de treinadoras que possuem experiência

nas categorias de base no viés competitivo mais formalizado, como por exemplo, os campeonatos brasileiros, assim como em eventos competitivos menos formais e eventos demonstrativos com caráter festivo.

Dentre as equipes medalhistas nestes cinco anos, utilizamos como critério de consistência dos resultados, aquelas que figuraram entre as três primeiras colocadas em pelo menos dois dos seis anos analisados.

Assim chegamos às cinco equipes, das federações dos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo:

Quadro 12 – Equipes medalhistas nos campeonatos brasileiros de conjunto e individual e suas federações

Instituição	Quantidade de vezes medalhista - individual	Quantidade de vezes medalhista - conjunto	Total	Federação estadual
Equipe A	5	5	10	PR
Equipe B	5	1	6	PR
Equipe C	0	4	4	SP
Equipe D	1	2	3	PR
Equipe E	2	0	2	SC

Fonte: elaborado pela autora

Dessa maneira, foram entrevistadas as treinadoras das categorias de base das equipes selecionadas de acordo com os critérios pré-estabelecidos. Assim, ficaram também definidos as gestoras dos comitês técnicos da modalidade de ginástica rítmica e as federações estaduais que tiveram seus regulamentos analisados e observados: Federação Paranaense de Ginástica, Federação de Ginástica de Santa Catarina e Federação Paulista de Ginástica.

Os eventos analisados seguiram os seguintes critérios de inclusão: prever a participação de ginastas de idades de 7 a 8 anos; apresentar alterações na estrutura e/ou regras, quando comparados ao Torneio Nacional e Campeonato Brasileiro de GR. Foram identificados seis eventos, sendo dois de cada federação. Desses, alguns ainda foram divididos em etapas, ampliando o número de competições no ano.

3.3 Instrumentos para a coleta de dados

3.3.1 Instrumentos para análise dos regulamentos das competições

Os regulamentos selecionados de acordo com os critérios descritos serão avaliados levando em consideração os seguintes aspectos:

1. Nível da competição – 1, 2, 3, 4 (WIERSMA, 2005);

2. Estágio de desenvolvimento - anos de experimentação, anos de experimentação, anos de investimento, anos de participação – MDPD (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; FRASER THOMAS, 2007), considerando na GR os anos de experimentação como os anos iniciais de prática até a primeira categoria oficial, na qual percebemos já existe indícios de especialização (5/6 anos até 8/9);
3. Adequação do nível da competição aos estágios do MDPD - proposta do Modelo de Participação Competitiva (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017);
4. Avaliação dos ajustes do evento, de acordo com as estratégias da Engenharia Competitiva: a. mudanças nas regras; b. mudanças nas instalações; c. mudanças no equipamento; escolha de nível competitivo (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011);
5. Avaliação dos efeitos dos ajustes para as Metas de Engajamento de Atletas da Engenharia Competitiva: a. aumentar a ação e a pontuação; b. criar alto envolvimento pessoal; c. manter pontuações próximas; d. promover relações sociais positivas (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011);

A avaliação de cada evento foi descrita em uma Ficha de Análise dos Regulamentos, por evento, elaborada pela pesquisadora (ANEXO 1) no Software Microsoft Office – Excel, com intuito de melhor organização, e posteriormente foi compilada na Ficha de Resumo dos Eventos (ANEXO 2), para uma melhor análise geral dos regulamentos.

As observações dos eventos foram realizadas posteriormente à avaliação dos regulamentos e seguiram os mesmos critérios, buscando captar maiores detalhes relacionados aos aspectos detectados na Ficha de Avaliação por Evento, bem como as impressões da pesquisadora com relação ao ambiente de competição e as relações entre os envolvidos: ginastas, treinadores(as), gestores(as), árbitros, público. As percepções foram anotadas em diário de campo.

3.3.2 Entrevistas com treinadoras e gestoras

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as treinadoras de base das equipes selecionadas, assim como com as gestoras responsáveis pelo Comitê Técnico de Ginástica Rítmica de cada federação estadual. Essas gestoras são os responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos das competições propostas pelas federações.

Optamos pela entrevista, pois de acordo com Thomas; Nelson; Silverman (2012, p.293), ela é “mais válida [do que um questionário], porque as respostas tendem a ser mais confiáveis”,

além de poderem ser adaptáveis, com reformulações das perguntas para melhor esclarecimento das questões. Outro aspecto importante é a possibilidade de discernir a sensibilidade do assunto e a intensidade dos sentimentos dos entrevistados, além de ter uma taxa maior de respostas.

Segundo Moreira, Simões e Porto (2005, p.111) sobre as entrevistas,

A importância está na construção da pergunta geradora. Esta não pode ser na direção de respostas monossilábicas, o que impediria os sujeitos de emitir seus pensamentos com detalhes. Também a pergunta deve ser feita após explicação do porquê da pesquisa, dando aos sujeitos o tempo necessário para organizarem o pensamento antes da resposta. Se, em alguns casos, o fenômeno a ser investigado exigir mais que uma pergunta geradora, elas deverão ser feitas por etapas, onde a seguinte só deverá ser proferida após a resposta dada à anterior. Caso contrário, as questões subsequentes poderão, em certo sentido, deformar o que se pretendia investigar nas questões anteriores.

Dessa forma, utilizamos um roteiro para as entrevistas com as treinadoras (ANEXO 3) e outro para as entrevistas com as gestoras (ANEXO 4). Ambos foram divididos em três momentos: o primeiro visou detectar informações sobre o sujeito, como dados pessoais, formação e atuação profissional; o segundo momento partiu da questão geradora: “Conte-me em que medida a competição é inserida aos seus atletas?”, para as treinadoras e “Conte-me de que maneira os eventos de GR são estruturados na Federação?”, para as gestoras; por fim, o terceiro momento ficou aberto para qualquer outra informação que o sujeito achasse necessário acrescentar.

Foi realizado um estudo piloto no qual foram entrevistadas uma treinadora/coordenadora de equipe e uma gestora de comitê técnico de ginástica rítmica de uma federação estadual de ginástica. Após avaliação das respostas por professores doutores na área de investigação, o roteiro foi reformulado, chegando à configuração final.

3.3.3 Perfil das gestoras entrevistados no estudo

Foram entrevistadas três gestoras, um de cada federação estadual participante da pesquisa: São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Todas os participantes dessa amostra são do sexo feminino, com média de idade de 52 anos, com vasta experiência na modalidade – média de 33 anos de atuação. O Quadro 13 mostra o perfil das entrevistadas:

Quadro 13. Perfil das gestoras entrevistadas no estudo

	G1	G2	G3
FORMAÇÃO ACADÊMICA	<ul style="list-style-type: none"> • Graduação em Educação Física; • Especialização em Treinamento Desportivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Graduação em Educação Física; • Especialização em Ginástica Rítmica; • Mestrado em Pedagogia do movimento; • Doutorado em Formação Profissional em Educação Física 	<ul style="list-style-type: none"> • Graduação em Educação Física; • Especialização em Ginástica Artística e Gestão Esportiva; • Mestrado em Ciências do Movimento Humano
FORMAÇÃO ESPORTIVA	Ex-ginasta de GR em nível nacional	Ex-ginasta de GR em nível internacional	Ex-ginasta de GR em nível nacional
ÁRBITRA DA MODALIDADE	Sim – Nível Nacional	Sim – Nível Internacional	Sim – nível Internacional

Fonte: elaborado pela autora.

3.3.4 Perfil das treinadoras entrevistados no estudo

Foram entrevistadas 11 treinadoras das equipes selecionadas como amostra do estudo, sendo seis do Paraná, três de Santa Catarina e duas de São Paulo, com idade média de 42 anos. As equipes nas quais elas atuam são equipes que têm prioritariamente o objetivo de formar atletas para o alto rendimento, sendo que todas mantêm para a faixa etária investigada na pesquisa turmas de escolinha e turmas de rendimento.

Nove treinadoras possuem Especialização em Ginástica Rítmica ou áreas afins, como Treinamento Desportivo ou Fisiologia do Exercício, uma delas é Mestre na área de Educação Física, tendo também curso de Especialização na área e uma possui apenas a Graduação em Educação Física. É interessante destacar que todas as treinadoras afirmaram participar continuamente de cursos de aperfeiçoamento na modalidade e/ou de estágios de treinamento com treinadores(as) estrangeiros(as).

Todas as treinadoras entrevistadas afirmaram já terem formado ginastas para competição, sendo que sete delas já formaram ginastas para a seleção brasileira de ginástica rítmica. Além disso, todas as técnicas também foram ex-atletas, sendo uma delas de outra modalidade esportiva e 10 de ginástica rítmica em nível nacional e/ou internacional.

Outra característica é que a maioria das treinadoras também é árbitra da modalidade: Oito são árbitras com diferentes brevês (n=2 internacional; n=1 nacional e n=5 estadual), o que indica uma possível atuação em diversos papéis dentro do esporte, assim como a necessidade da compreensão do Código de Pontuação da modalidade para sua própria atuação profissional como treinadora.

3.4 Procedimentos

A primeira etapa da pesquisa consistiu na avaliação dos regulamentos técnicos dos eventos. Os mesmos foram obtidos por download no site ou rede social oficial da federação estadual responsável.

Após a análise documental dos eventos, as entrevistas com as treinadoras e gestoras foram agendadas via ligação telefônica, e a pesquisadora se dirigiu até o local marcado pelos sujeitos entrevistados. As entrevistas foram realizadas em um ambiente tranquilo, sem tempo determinado, de forma que a pessoa se sentisse à vontade para fazer a sua fala. As entrevistas foram transcritas na íntegra e posteriormente enviadas para cada sujeito para validação do conteúdo. As entrevistas com as treinadoras tiveram em média 30 minutos de duração cada uma, obtendo a média de 10 páginas de transcrição; já com as gestoras, as entrevistas tiveram uma média de duração de 38 minutos, resultando em média 11 páginas de transcrição.

Quadro 14. Cronograma de entrevistas realizadas

Data	Sujeito	Cidade	Duração	Transcrição (nº pág.)
05/11/2018	G1	São Paulo - SP	24'11"	7
15/03/2019	T1	Curitiba - PR	31'53"	10
15/03/2019	T2	Curitiba - PR	24'09"	7
21/03/2019	T3	Campinas - SP	19'47"	7
21/03/2019	T4	Campinas - SP	19'14"	8
01/04/2019	T11	Joinville - SC	62'35''	16
02/04/2019	T10	Joinville - SC	41'20"	12
02/04/2019	T9	Joinville - SC	27'14"	9
12/04/2019	G3	Florianópolis - SC	51'49"	14
02/05/2019	T5	Toledo - PR	22'36"	10
02/05/2019	T6	Toledo - PR	30'43"	10
21/05/2019	T7	Londrina - PR	26'40"	9
21/05/2019	T8	Londrina - PR	23'32"	8
21/05/2019	G2	Londrina - PR	37'06"	11

Fonte: Elaborado pela autora

No terceiro momento, os eventos selecionados foram observados nas datas previstas pelo calendário das federações estaduais (Quadro 15), como forma de obter maior detalhamento sobre o ambiente competitivo e questões pertinentes à participação das atletas. As informações foram anotadas em diário de campo pela pesquisadora, e foram feitos registros fotográficos durante a realização dos eventos.

Quadro 15. Cronograma de observação de eventos – ordem cronológica de realização

DATA	FEDERAÇÃO	EVENTO	CIDADE
------	-----------	--------	--------

26/05/2019	FGSC	Copa Estreante de Ginástica Rítmica – Etapa conjuntos	Florianópolis - SC
02/06/2019	FPG	Troféu São Paulo – 1ª etapa	São Bernardo do Campo - SP
09/06/2019	FPRG	Torneio Elisabeth Laffranchi – Etapa regional 1	Londrina - PR
17/08/2019	FPG	Copa São Paulo - Baby	Pindamonhangaba - SP
01/09/2019	FGSC	Copa Estreante de Ginástica Rítmica - individual	Joinville - SC
07/09/2019	FGSC	Copa Primeiros Passos – Regional 1	Florianópolis - SC
07/12/2019	FPRG	Campeonato Paranaense de Estreantes	Araucária - PR

Fonte: Elaborado pela autora

Como procedimentos éticos, todos os sujeitos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 7), dando anuência de sua participação na pesquisa, assim como os responsáveis pelas federações assinaram um Termo de Autorização (ANEXO 8) para a coleta das observações nos eventos de sua responsabilidade. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo parecer nº 1.993.995 do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo.

3.5 Análise dos dados

A análise dos regulamentos dos eventos da foi realizada a partir do preenchimento da Ficha de Análise dos Regulamentos (ANEXO 1), descrito no tópico “4.3 Instrumentos para a coleta dos dados”. Os ajustes detectados nos regulamentos foram agrupados de acordo com as características da Engenharia Competitiva: a. mudanças nas regras; b. mudanças nas instalações; c. mudanças no equipamento; escolha de nível competitivo; com base nas modificações percebidas nos eventos em relação aos padrões das competições oficiais de ginástica rítmica.

Para analisar as entrevistas com gestoras e treinadoras utilizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições dos conteúdos das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção das mensagens. No caso deste estudo, optamos pela análise qualitativa, caracterizada pelo “fato da inferência ser fundada na

presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.) e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual” (BARDIN, 2011, p. 146).

Primeiramente as entrevistas foram transcritas na íntegra para dar início ao procedimento da Análise de Conteúdo, que compreende três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados.

A pré-análise consiste no momento de organização do material, selecionar os documentos a ser utilizados, elaborar indicadores de interpretação, ou seja, “sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p.125).

A exploração do material, após a pré-análise, consiste realização sistemática das decisões tomadas na fase anterior.

O tratamento dos dados consiste na codificação e categorização dos mesmos, momento em que os dados brutos são transformados de forma organizada e agregados em unidades visando o esclarecimento das características do texto. Para Bardin (2011, p. 134) essas são as unidades de registro, consideradas como “a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando à categorização”.

Para tanto, as entrevistas foram analisadas a fim de detectar os temas que respondessem as questões geradoras dos roteiros da entrevista semiestruturada para gestoras e treinadoras. O tema é a unidade de registro que surge naturalmente do texto analisado a partir de critérios da pesquisa e “corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma)” (BARDIN, 2011, p. 135). Dessa maneira, “fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação (BARDIN, 2011, p. 135)”.

Posteriormente essas respostas foram contextualizadas (unidades de contexto) e agrupadas por temáticas afins, as quais deram origem às categorias e subcategorias.

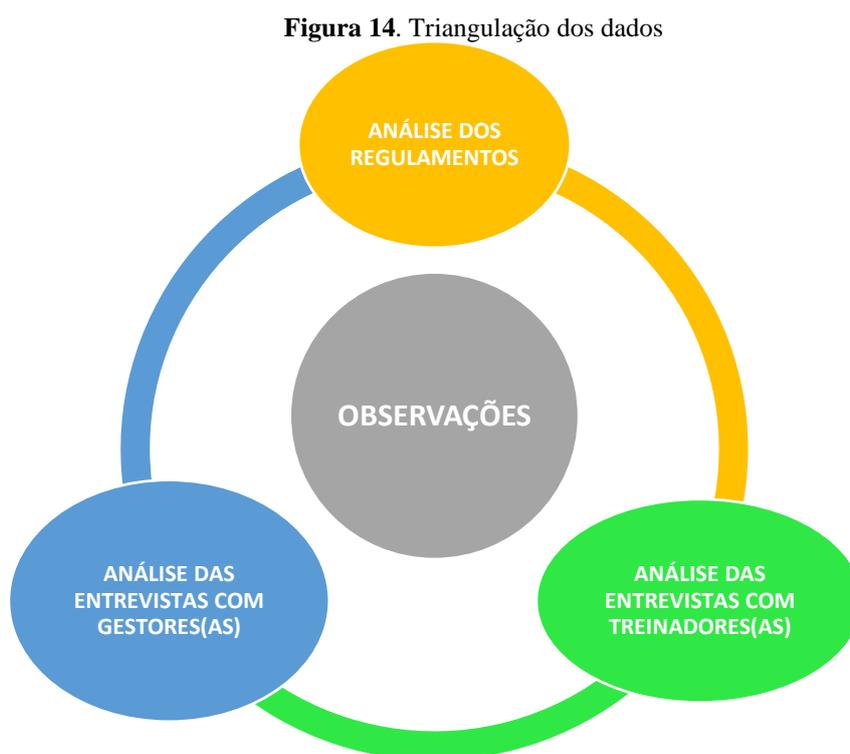
4.1 O processo de triangulação dos dados: confiabilidade da pesquisa

A fim de conferir maior confiabilidade da análise dos dados, foi realizada a triangulação dos dados obtidos a partir da análise dos regulamentos, da análise das entrevistas e das observações: “A triangulação dos dados refere-se ao uso de diferentes fontes de dados” (FLICK, 2004, p. 237). Ela requer o uso de fontes independentes de dados para sustentar a conclusão: “os pesquisadores podem, por exemplo, usar dados das entrevistas com estudantes e com professores e também da observação para fundamentar o resultado” (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012, p.386).

Dessa forma, “a triangulação representa mais uma alternativa para a validação que amplia o escopo, a profundidade e a consistência nas condutas metodológicas – do que uma estratégia para validar resultados e procedimentos” (FLICK, 2004, p.238).

Ademais, foi realizada a verificação da sistematização das análises por outro pesquisador da área. Esse processo, segundo Flick (2004, p.237) consiste na triangulação do investigador, ou seja, “o emprego de diferentes observadores para detectar e minimizar as visões tendenciosas resultantes da condição humana do pesquisador”.

Assim, podemos visualizar a triangulação dos dados dessa pesquisa a partir do esquema trazido pela Figura 14:



Fonte: elaborada pela autora

A triangulação realizada relacionou os resultados obtidos na análise dos regulamentos, com os dados das entrevistas com gestoras e treinadoras, permeados pelas anotações do diário de campo obtidas por meio da observação dos eventos e assim, foram feitas as inferências e discussões acerca das competições de ginástica rítmica para a categoria mirim.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos a seguir os resultados obtidos em cada etapa do processo de análise dos dados separadamente, para que haja uma melhor compreensão dos mesmos para uma posterior triangulação e discussão.

4.1 Análise dos regulamentos dos eventos da categoria mirim³

A primeira análise consistiu na avaliação dos regulamentos dos eventos da categoria mirim (7 e 8 anos) presentes nas federações estaduais selecionadas como amostra da pesquisa. Foram analisados os regulamentos de seis competições do ano de 2019, das três federações que se enquadraram nos critérios de seleção da amostra: Paraná, Santa Catarina e São Paulo.

Consideramos os seguintes itens para a avaliação: o nível da competição (WIERSMA, 2005); para qual estágio de desenvolvimento do MDPD o evento se destina (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; FRASER THOMAS, 2007); ajustes realizados no regulamento, em comparação a eventos oficiais, de acordo com as estratégias da Engenharia Competitiva (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011); as Metas de Engajamento de Atleta da Engenharia Competitiva possíveis de ser alcançadas por meio dos ajustes propostos (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011). Apresentamos essa análise no Quadro 16:

Quadro 16. Ajustes propostos nos regulamentos dos eventos da categoria mirim

ESTRATÉGIA (EC)	ALTERAÇÃO	EVENTOS	META DE ENGAJAMENTO (EC)
Ajuste de regra	Flexibilização do número de ginastas na prova de conjunto	E1	-
	Apresentação única	E1; E2; E3; E4; E5; E6	-
	Classificação percentual – 20% 1º lugar, 30% 2º lugar, 50% 3º lugar	E1; E2	Criar alto envolvimento pessoal
	Ajustes do julgamento da Execução técnica e artística	E1; E2; E3; E4; E6	Manter pontuações próximas
	Elemento de dificuldade corporal é validado com erros	E1; E2	Aumentar ação e pontuação

³ Pertinente elucidar que as discussões relativas especificamente aos regulamentos e realizadas pela análise documental foram aprofundadas e publicadas por Reis-Furtado e Carbinatto (2020), em artigo científico intitulado “Competição esportiva na infância: análise dos regulamentos de ginástica rítmica” no periódico Motrivivência. Na presente tese, essa análise compôs a triangulação dos dados, sendo discutida juntamente com as demais fontes (entrevistas e observações).

	Banca de arbitragem reduzida	E1; E2; E4; E6	-
Ajuste de regra	Obrigatoriedade de elementos de dificuldade corporal (valor, quantidade, tipo, exercício completo)	E1; E4; E6	Manter pontuações próximas
	Redução na duração do exercício	E3; E6	Aumentar ação e pontuação
	Divisão em níveis com critérios de progressão	E4	Manter pontuações próximas
Ajuste nas instalações	Redução da área de apresentação	E2; E3; E4; E6	Aumentar ação e pontuação
Ajustes no equipamento	prova única sem aparelhos (mãos livres)	E1; E2; E3; E4; E5; E6	Aumentar ação e pontuação
	Ajustes na vestimenta (sugestão de uso de fantasia temática ou uniforme de treino para apresentações)	E1; E2; E3	Criar alto envolvimento pessoal

Constatamos durante a análise dos regulamentos e dos calendários de evento das federações, que as três instituições propõem, no mínimo, três eventos anuais voltados para a categoria mirim, demonstrando a preocupação em oferecer eventos de base aos seus filiados, direcionados para a participação e preparação para os eventos das categorias oficiais. Alguns dos eventos foram ainda divididos em etapas, ampliando conseqüentemente a possibilidade de participação das ginastas dessa faixa etária em competições.

Todos os eventos analisados trouxeram propostas de ajustes em seus regulamentos, buscando atenuar a pressão e nível de exigência das competições para a faixa etária. Dessa forma, eles apresentaram um caráter de iniciação e participação, além de níveis competitivos baixos ou muito baixos – níveis 1 e 2 na Classificação para Programas Esportivos (WIERSMA, 2005).

Identificamos que a maior parte dos ajustes ocorreu nas regras, trazendo modificações no que diz respeito às exigências técnicas de elementos e dificuldades corporais, obrigatoriedade de movimentos, música ou série, tempo do exercício, banca de arbitragem e forma de julgamento, classificação e premiação.

Todos os eventos apresentaram ajustes no que diz respeito à quantidade, valor e/ou obrigatoriedade dos elementos de dificuldade corporal. O encaminhamento geral foi o de limitar o valor e/ou quantidade de dificuldade dos elementos, deixando o maior foco da avaliação para a execução. Para tanto, alguns regulamentos previam apenas o valor de dificuldade limitado,

enquanto outros indicavam elementos obrigatórios a serem executados; apenas um evento (E4) indicou a realização de série obrigatória (música, exercícios, distribuição no espaço e sequência coreográfica).

O tempo do exercício foi outro ajuste identificado. Nas séries individuais de competições oficiais, o tempo é de 1 minuto e 15 segundos até 1 minuto e 30 segundos; nos eventos em que essa alteração estava presente, a orientação é para a realização de rotinas com no máximo 1 minuto de duração. Esse tempo também foi regulado nos eventos em que as músicas eram obrigatórias e a própria federação as fornecia, apesar de não estar explícita no regulamento a duração do exercício.

No que diz respeito à arbitragem, percebemos a redução do número de árbitros como um aspecto presente nos regulamentos, o que não está diretamente relacionado às estratégias de ajustes da Engenharia Competitiva, mas traz redução de custos ao evento, que proporciona à organização possibilidade de ampliação do número de eventos, já que a demanda financeira é menor do que em eventos oficiais. O julgamento das séries foi um aspecto em que houve diferentes tipos de ajustes: a. alteração dos valores das dificuldades corporais, a fim de padronizar o valor final da dificuldade; b. redução do valor das penalidades de execução técnica e artística, para que as ginastas iniciantes não sejam avaliadas com o rigor do Código de Pontuação da modalidade e sim de acordo com seu nível técnico; c. validação das dificuldades corporais, mesmo com faltas técnicas pequenas ou médias, valorizando e incentivando a execução e inclusão dos movimentos nas coreografias.

Sobre os ajustes nas regras, notamos que em um dos eventos não estava prevista a classificação das ginastas – elas apenas se apresentavam, eram avaliadas e a arbitragem emitia um *feedback* aos treinadores(as). Neste caso, todas as ginastas eram igualmente premiadas. Outros eventos classificavam e ampliavam a premiação para além dos três primeiros lugares (6º ou 10º) e incluíam medalhas de participação para as demais participantes. Contudo destacamos a classificação dos eventos E1 e E2, que dividiu a premiação de todas as ginastas em 1º, 2º e 3º lugar, por percentuais, em que 20% das ginastas – as melhores avaliadas – recebiam medalhas de ouro; 30% eram premiadas com a prata; e as demais 50% recebiam a terceira colocação, ficando com o bronze. Dessa maneira todas as ginastas participantes seriam chamadas ao pódio e premiadas, não havendo assim o “consolo” da medalha de participação.

Com relação aos ajustes nas instalações, a maioria dos eventos previu no regulamento a redução do espaço, seja utilizando o tapete quadrado (área de competição) em dimensões reduzidas, seja por meio de retângulos formados pelas “tiras” do tapete oficial, de forma

separada. Isso permite às ginastas uma melhor utilização do espaço, adequada ao seu tamanho e maturidade corporal e, por consequência, um melhor desempenho.

Quando analisados os equipamentos, as modificações propostas para a categoria envolveram a supressão da utilização dos aparelhos manuais, sendo prevista apenas a prova a “mãos livres”, em apresentação única, em todos os eventos. A coreografia sem aparelho permite um maior controle dos movimentos corporais, sem que exista a preocupação com a manipulação dos aparelhos, assim como um maior foco na execução desses elementos.

Outro equipamento que teve ajuste proposto nos regulamentos é a vestimenta das ginastas, com propostas que sugeriram a utilização de fantasias temáticas e uniforme de treinamento para a apresentação. A ideia de se trabalhar com fantasias temáticas (E1, E3) nos remete ao incentivo à criatividade e ao trabalho artístico de interpretação do tema e expressão corporal, características fundamentais para desenvolver o aspecto artístico das coreografias. Ademais, a outra modificação relacionada à vestimenta é a de utilizar o próprio uniforme de treino para as apresentações (E2), o que pode contribuir para diminuir os custos das equipes com collants de competição.

A partir dos diversos ajustes identificados nos regulamentos, foi possível perceber que três das quatro Metas de Engajamento de Atleta da Engenharia Competitiva (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011) foram contempladas – Aumentar ação e pontuação, Criar alto envolvimento pessoal e Manter pontuações próximas – conferindo aos eventos um estímulo à autonomia e envolvimento das ginastas participantes. Entretanto, a meta de Promover Relações Sociais Positivas da EC, por meio de ações que incentivem as regras de socialização ou tarefas conjuntas entre equipes, por exemplo, não foi identificada e demonstra uma lacuna a ser preenchida pelos eventos com intuito de promover a participação esportiva.

4.2 Análise das entrevistas com as gestoras das federações estaduais

As entrevistas realizadas com as gestoras das federações incluídas no estudo tiveram como questão geradora a frase: “Conte-me de que maneira os eventos de ginástica rítmica são estruturados na federação.” A partir da análise de conteúdo das entrevistas transcritas obtivemos cinco principais categorias:

1. **ASPECTOS PEDAGÓGICOS** – compuseram essa categoria as unidades de significado que trouxeram questões pedagógicas relacionadas aos eventos. Essas unidades foram agrupadas em duas subcategorias: **a. Linha de progressão pedagógica** - discursos que demonstraram haver uma sequência progressiva nos

eventos, de acordo com nível técnico; **b. Cuidados pedagógicos** - unidades que apresentaram uma preocupação com a elaboração dos eventos, trazendo características adequadas ao público em questão.

2. **OBJETIVOS DOS EVENTOS DE BASE** – Unidades de significado que apresentaram claramente os objetivos da realização dos eventos para a categoria mirim. Essa categoria foi subdividida em: a. **Desenvolver aspectos técnicos** - trouxe o desenvolvimento técnico como forma de preparação para os eventos oficiais; **b. Possibilitar participação** - unidades de significado que trouxeram o sentido de oferecer eventos em que cada vez mais ginastas possam participar; **c. Formação de atleta** - reuniu unidades em que o gestor afirmou que o evento possibilita conhecer a modalidade da qual a ginasta participará no futuro; **d. Formação de treinadores(as)** - trouxe as unidades de significado que indicaram que os eventos e seus regulamentos orientam os treinadores(as) para o desenvolvimento do trabalho de base.
3. **ELABORAÇÃO DOS REGULAMENTOS** – Categoria que engloba a ideia de como são elaborados os regulamentos dos eventos. Também dividida em duas subcategorias: **a. Elaboração conjunta** - quando os regulamentos são elaborados por um coletivo de profissionais (comitê técnico da modalidade), com espaço para sugestões dos treinadores(as) e clubes participantes; **b. Orientação Superior de Instituições** - unidades de significado que trazem indicação que os regulamentos seguem orientações de instâncias superiores, como a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Confederação Sul-americana de Ginástica (CONSUGI), ou programas de formação como o Age Group Program da FIG.
4. **ESTRATÉGIAS DA GESTÃO** – a categoria reúne unidades em que o significado aponta para o uso dos eventos para fomentar o trabalho com as escolinhas nos clubes, bem como para conquistar novos filiados para a federação.
5. **RESPONSABILIDADE** – Traz a responsabilidade social e a corresponsabilidade de diversos atores do esporte (federação, clubes, treinadores(as), família) para que os eventos contribuam para a formação do cidadão.

Para uma melhor visualização das categorias, subcategorias, apresentamos a seguir o quadro 17:

Quadro 17. Análise das entrevistas com as gestoras das federações – Categorias e subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	Exemplo
ASPECTOS PEDAGÓGICOS	Linha de progressão pedagógica	“Se a ginasta participar do Evento 6, ela tem um caminho depois, que é o Evento 5” (Gestora 2).
	Cuidados pedagógicos	“O Evento 1 veio pra dar pra ginástica um... permitir uma iniciação à ginástica de uma forma mais agradável para as crianças. Pra que ele não tivesse uma característica pesada em termos de competição” (Gestora 3).
OBJETIVOS DOS EVENTOS DE BASE	Desenvolver aspectos técnicos	“Então esse é o objetivo do Evento 1, que embora seja um evento mais leve, ele tem uma... uma hierarquia dos elementos que a criança deve cumprir nos seus 7/8 anos, nos seus 9/10 anos, pra dar base pra ela competir lá” (Gestora 3).
	Possibilitar participação	“Então a ideia principal desse evento é colocar todas as ginastas dentro da quadra mais de uma vez no ano” (Gestora 2).
	Formação de atleta	“[...] vai preparando pra que ela entenda que o esporte que ela está inserida é um esporte que tem nota, que essa nota que faz a diferença pra ela ser a campeã, a vice ou não ter um resultado importante” (Gestora 2).
	Formação de treinador	“Todos os elementos têm os mesmos valores, pra quê? Para que o técnico não procure o valor. Pra que ele procure a técnica de execução do movimento” (Gestora 3)
ELABORAÇÃO DOS REGULAMENTOS	Elaboração conjunta	“Então o olhar de cada uma na hora de compor o regulamento, faz bastante diferença. Mas a gente faz provisório, envia para os clubes, os clubes podem opinar, devolver com a sua... é... proposta ou... alguma coisa que não acha, que não tá interessante, e aí a gente bate o martelo na Assembleia” (Gestora 2)
	Orientação superior	“baseada nos regulamentos da CBG né, que vem da CONSUGI, aí nós montamos [o regulamento]. O estadual segue totalmente o da CBG, o da Copa nós seguimos o do regional (Torneio)” (Gestora 1).
ESTRATÉGIAS DE GESTÃO	-	“os pequenos clubes que estavam lá e não são da federação, puderam conhecer o presidente, entender como a federação funciona e o resultado disso é que... da minha entrada na federação até hoje, a gente tem 1/3 a mais de clubes do que a gente tinha” (Gestora 2)
RESPONSABILIDADE	-	“Tem essa coisa da responsabilidade. Responsabilidade da federação, responsabilidade do clube, responsabilidade do profissional e responsabilidade da família” (Gestora 2).

Fonte: elaborado pela autora.

4.3 Análise das entrevistas com treinadoras de ginastas da categoria mirim

A partir das entrevistas com as treinadoras das equipes incluídas como amostra do estudo, foram obtidas cinco categorias/temas principais, relacionados à questão geradora “Conte-me em que medida a competição é inserida para suas atletas”.

1. **FOCO NO RENDIMENTO** – incluiu as unidades que demonstraram que o direcionamento do trabalho, mesmo nas idades iniciais é para o alto rendimento. Essas questões foram divididas em duas subcategorias: **a. Seleção por idade** - descreve que o início da participação em competições depende exclusivamente da idade e, dessa forma, as meninas são selecionadas para comporem as equipes; **b. Transição brusca para o rendimento** – apresenta situações em que as ginastas passam de um nível de evento de participação/apresentação para o alto nível de forma abrupta; **c. Foco no resultado** – Destaca a importância do desempenho nas competições.
2. **ASPECTOS PEDAGÓGICOS** – Categoria composta por quatro subtemas que indicam questões pedagógicas presentes nas falas das treinadoras: **a. Progressão pedagógica de participação** – demonstra que há um planejamento gradual da participação das ginastas em eventos, até que se iniciem as competições oficiais; **b. Cuidados pedagógicos** – falas que trazem ações que buscam adequar o ambiente de treinamento e competição para as crianças, por meio da ação do treinador; **c. Dificuldades das competições infantis** – relata os desafios e dificuldades presentes nas competições infantis; **d. Atleta de rendimento como exemplo** – descreve situações em que os eventos locais proporcionam contato com as atletas do alto rendimento e isso serve como inspiração para as iniciantes.
3. **OBJETIVOS DA PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS** – Inclui as falas das treinadoras que indicam os diferentes objetivos da participação das crianças de 7 e 8 anos em eventos: **a. Motivar** – envolve as frases que demonstram que se apresentar é o estímulo principal para a permanência no esporte, seja em festivais, pequenos eventos internos, competições, etc.; **b. Preparar para competição** – apresenta indícios de que a participação nos eventos auxilie a ginasta iniciante adquirir experiências (contato com público, arbitragem, outras atletas, etc.) como forma de preparação técnica, artística e emocional para as competições oficiais; **c. Avaliar desempenho** – demonstra que os eventos são utilizados pelas treinadoras

como momentos para avaliar o seu próprio trabalho, bem como o desempenho das ginastas.

4. **EVENTOS DA FEDERAÇÃO** – Reúne as impressões das treinadoras sobre os eventos oferecidos pela federação estadual da qual sua equipe participa: **a. Regulamentos direcionam o trabalho** – indica que o trabalho de desenvolvimento das ginastas é pautado nos regulamentos das competições que as crianças irão participar; **b. Avaliação dos eventos da federação** – reúne as falas das treinadoras que trazem uma avaliação dos eventos para a categoria mirim que sua federação oferece; **c. Sugestões** - apresenta sugestões das treinadoras para os eventos da federação para a categoria mirim; **d. Acessibilidade** – trata da importância de oferecer eventos acessíveis financeiramente e geograficamente para a participação de mais atletas.
5. **EVENTOS DE PARTICIPAÇÃO** – essa categoria apresenta as falas sobre os eventos de participação e suas representações para as treinadoras: **a. Mais eventos** – reúne as falas em que as treinadoras expressam a necessidade de haver mais eventos para as idades iniciais (de organização interna, da federação, do governo, entre outros); **b. Corresponsabilidade** – apresenta a ideia de que os eventos participativos conseguem envolver diferentes atores do esporte, principalmente a família; **c. Participação geral** – demonstra que nos eventos de participação, é importante que todas as crianças tenham oportunidade de participar, independente de nível técnico; **d. Prazer pela prática** – agrupa as falas das treinadoras que indicam que nos eventos demonstrativos (festivais e apresentações extras), as crianças se sentem menos pressionadas e participam com mais prazer; **e. Eventos Internos** - descreve sobre a importância da realização de eventos internos (datas comemorativas) para aumentar a participação das ginastas iniciantes.

A seguir, apresentamos o Quadro 18, que traz as categorias, suas respectivas subcategorias, assim como exemplos das falas das treinadoras, para maior compreensão dos resultados:

Quadro 18. Análise das entrevistas com treinadoras das equipes da categoria mirim

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	Exemplo
FOCO NO RENDIMENTO	Seleção por idade	<i>“De 8 pra 9 ela já começa a competir, então ela já começa a vir todos os dias. De 6 e 7 a gente segura 3 vezes na semana ainda”</i> (Treinadora 4).
	Transição brusca entre eventos	<i>“Esse ano elas competem o Evento 5, o ano que vem talvez antes do Brasileiro elas tenham só o Estadual[...] e aí a terceira competição da vida, já é um Brasileiro”</i> (Treinadora 2).
	Foco no resultado	<i>“Em uma competição de 8.. a partir de competição de 8 anos da federação, eu quero resultado”</i> (Treinadora 1).
ASPECTOS PEDAGÓGICOS	Progressão pedagógica de participação	<i>“Isso é pensado mesmo num processo pedagógico de competição. Ela tem a primeira participaçãozinha dela que ela vai competir sozinha [...], depois ela parte pra um evento de conjunto, que depende da colega”</i> (Treinadora 1).
	Cuidados pedagógicos	<i>“Então naquele momento, mesmo que ela se destaque, eu tento não evidenciar isso dentro da turma, então eu levo todas as meninas [...] porque as meninas não entendem assim - ela é melhor, por que eu não. Não adianta. Não é o lugar adequado pra fazer essa distinção entre as crianças”</i> (Treinadora 11)
	Dificuldades da competição infantil	<i>“Não é uma situação tão simples, né? Um ser humano se apresentar e ser julgado”</i> (Treinadora 1).
	Atleta de rendimento como exemplo	<i>“Elas acham o máximo elas poderem estar em contato com as meninas do alto rendimento. É como se fossem dois mundos diferentes. Então aquele momento em que elas estão juntas ali no mesmo tapete, no mesmo evento, apresentando pro mesmo público, é como se fosse mágico pra elas”</i> (Treinadora 9).
OBJETIVOS DA PARTICIPAÇÃO	Motivar	<i>“Na verdade, o que estimula a criança a querer ficar é se apresentar!”</i> (Treinadora 1).
	Preparar para a competição	<i>“O objetivo primeiro é elas começarem a entrar nesse meio competitivo pra elas começarem a sentir o friozinho na barriga, pra elas sentirem como é apresentar pra um público maior... pra gente inserir elas mesmo nas competições, porque no próximo ano algumas sobem pro pré-infantil, que já tem competição oficial, né”</i> (Treinadora 8).
	Avaliar desempenho	<i>“[a apresentação] É uma análise geral do seu trabalho, do desenvolvimento da criança”</i> (Treinadora 6).
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	Exemplo

EVENTOS DA FEDERAÇÃO	Regulamentos direcionam o trabalho	<i>“Qual a exigência de uma apresentação? Ah, que elas estejam fazendo bonitinho, que elas não errem... então a gente vai ensaiar e treinar em função de cada evento, do que aquele evento tá exigindo” (Treinadora 1).</i>
	Avaliação dos eventos da federação	<i>“Hoje a federação já consegue separar e oferecer [eventos] pra cada uma realmente, dentro da sua capacidade, dentro da sua categoria, do seu nível” (Treinadora 9).</i>
	Sugestões de modificações nos eventos	<i>“A questão do aparelho... a gente acaba deixando de lado, porque o Evento 5 nessas idades é só mãos Livres. Não sei se talvez fosse ideal competir com o aparelho nessa idade, mas não sei.... eu acho muito importante o trabalho do aparelho já desde pequena e, provavelmente a maioria, e inclusive eu, perto de competição, não vou pegar mais nada de aparelho” (Treinadora 2).</i>
	Acessibilidade	<i>“Eu não participo [do evento da federação] porque sempre é em outra cidade [...] por questão de custo, e tem as meninas da escolinha e envolve muita coisa, então geralmente elas não participam” (Treinadora 1).</i>
EVENTOS DE PARTICIPAÇÃO	Mais eventos	<i>“Além da competição, a gente coloca muita apresentação né? Então quanto mais apresentação elas tiverem, pra nós é melhor” (Treinadora 4).</i>
	Corresponsabilidade	<i>“O evento [sobre festivais], eu já pensei sobre isso uma vez. Ele atinge não somente o atleta. Mas ele permite atingir a família. Assim, entende? Então assim... a família, para que tudo isso aconteça, ela tem que estar junto. E ela acaba participando também. Então o atleta, querendo ou não numa apresentação, num festival, a família está ali para prestigiar, porque em muitas competições ela também não vai” (Treinadora 4).</i>
	Todas participam	<i>“Antes de competir os oficiais, todas competem tudo. Que é a tua idade ali, né... até os 8 anos todas participam de tudo” (Treinadora 11).</i>
	Prazer pela prática	<i>“No festival elas sabem que é pra apresentar bonito, pros pais, é mais... lúdico, no caso. Até as coreografias são mais lúdicas mesmo [...] elas gostam muito mais, porque... Porque elas, nossa... se divertem. Pela diversão mesmo” (Treinadora 8).</i>
	Eventos internos	<i>“Participam de duas apresentações, no mínimo [...] julho... de inverno [...] E daí depois em dezembro que é o encerramento. Certo. E daí tem... tem apresentação do dia dos pais, apresentação disso, apresentação dia das mães, [...]” (Treinadora 5).</i>

Fonte: elaborado pela autora

4.4. Observação não participante dos eventos

Após a coleta das entrevistas, foi realizada a observação das competições selecionadas para análise, de acordo com o calendário de eventos das federações estaduais participantes da pesquisa. No total sete competições foram analisadas, a partir das quais, elaboramos sete diários de campo, sendo um para cada evento, totalizando 42 páginas de folha A4. Relatamos as impressões da pesquisadora, confirmando aspectos dos regulamentos e acrescentando aspectos sensíveis sobre a organização e realização das competições. Dessa forma, seguem temas obtidos a partir da análise dos diários de campo:

Quadro 19. Temas da análise dos diários de campo das observações

Temas	Exemplos
Brincadeiras espontâneas	Ao final do evento, após apresentarem, as pequenas ginastas permaneciam na área de aquecimento brincando de fazer ginástica: lançavam seus bichinhos de pelúcia e tentavam recuperá-los após realizarem giros e estrelinhas! Aquela brincadeira parecia tão legal quanto apresentar suas coreografias – era um grande desafio! (DC 4).
Envolvimento da família	Foi possível notar grande movimentação nas arquibancadas, com os pais e professoras dividindo tarefas como a preparação de cabelo, maquiagem e alimentação das crianças (DC1).
Regulamento direciona o planejamento do treinador	Durante aquele evento, realizado no fim do ano, quando a maioria das escolas já entrou em férias, uma conversa de bastidores entre treinadoras me chamou atenção para o quanto o cotidiano do ginásio é direcionado pelas competições: “É muito ruim campeonato em dezembro, as meninas ficam muito tempo só treinando mãos livres” (DC7).
Objetivos voltados para o rendimento	As treinadoras se comportavam como se a competição fosse um campeonato mundial, exigindo das crianças repetições incessantes (DC5).
Premiação	Em contraste com a alegria das meninas chamadas ao pódio, o anúncio para a premiação com as medalhas de participação aconteceu de uma forma bastante desmotivante: “ <i>os conjuntos que não levaram medalha, compareçam na frente para receber medalha de participação</i> ”. (DC2).
Uso das fantasias	E lá estavam elas, as ginastas. De um lado Moanas, Elsas, Malévolas e Mônicas rodopiavam e pareciam flutuar pelos bastidores. Seus olhos transpareciam uma leveza e alegria contagiante! Do outro, meninas de 7 anos perfiladas, apontando suas pontas de pés ao “infinito e além”, sem entender muito bem o que isso significava (DC5).
Competição como local de aprendizagem das tradições	Durante a premiação, as ginastas foram orientadas pelo microfone a cumprimentar as demais colegas premiadas, no sentido de educar para os rituais de premiação habituais na ginástica rítmica, assim como para reconhecer o mérito dos adversários. (DC4).
Flexibilização das regras	Ao ouvir seu nome sendo chamado para a apresentar, a criança ficou tão nervosa que começou a chorar e paralisou [...] Houve uma conversa por alguns instantes e após a ginasta se acalmar, a competição continuou com a próxima criança, enquanto aquela iniciou novamente sua preparação para apresentar ao final de todas (DC4).

Fonte: elaborado pela autora

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de discutir os resultados obtidos na pesquisa, buscamos, para uma melhor compreensão, dividi-los em quatro principais eixos. Destacamos que os temas se inter-relacionam e, por vezes, algumas categorias das entrevistas, bem como ajustes propostos nos regulamentos acabam sendo mencionados em mais de um eixo, ainda que mantendo o foco em determinado aspecto da discussão.

No primeiro tópico trazemos a dinâmica dos eventos existentes nas federações investigadas no estudo: a quantidade de eventos e estratégias adotadas para a ampliação deste número; a progressão pedagógica idealizada e a busca por um processo natural de inserção das ginastas nas competições formais; a maneira como os regulamentos dos eventos são pensados e elaborados.

O segundo eixo de discussão visa discutir os objetivos tanto da oferta dos eventos por parte das federações envolvidas, bem como da participação das ginastas nas competições, pela ótica dos treinadores(as) entrevistados.

A terceira parte da discussão traz à luz os aspectos relacionados aos ajustes ocorridos nas competições, destacando as observações em campo, que originaram reflexões sobre os aspectos omissos aos regulamentos, mas que ainda assim são importantes para a construção de ambientes competitivos apropriados para crianças.

Por fim, trazemos, no último tópico da discussão, uma reflexão sobre a necessidade de se repensar a competição na infância na GR, em busca de uma ginástica que contemple o prazer pela prática, seja por meio do desafio, seja pela diversão. Neste caso, lançamos mão dos eventos internos realizados pelas equipes e suas características, como possibilidade para refletir sobre o “jogar” na ginástica rítmica, de forma diversificada e ampliada, visando à superação de modelos institucionalizados.

5.1 A dinâmica dos eventos de ginástica rítmica para a categoria mirim nas federações estaduais

As competições de ginástica rítmica dentro das federações estaduais seguem as categorias oficiais determinadas pela Confederação Brasileira de Ginástica (pré-infantil, infantil, juvenil e adulta), bem como suas orientações relacionadas aos regulamentos técnicos. Porém, esses não são os únicos eventos propostos nos estados. A oferta de competições pelas federações estaduais esportivas para categorias menores é comum, no Brasil, em várias

modalidades esportivas, tais como futsal, ginástica, natação e judô, mesmo que muitas vezes não sejam recomendadas pelas federações internacionais dos respectivos esportes (ARENA; BÖHME, 2004).

Na ginástica rítmica, os eventos para a categoria mirim (7 e 8 anos) se mostraram como possibilidades de abraçar um público muito presente nas escolinhas dos clubes da modalidade, e figuram entre as competições oferecidas pelas federações estaduais, como verificamos no Quadro 19:

Quadro 20. Eventos de ginástica rítmica para a categoria mirim previstos pelas federações estaduais de ginástica no ano de 2019

EVENTOS DA CATEGORIA MIRIM POR FEDERAÇÃO		
FEDERAÇÃO	EVENTO	ETAPAS
F1	Evento 1	Individual
		Conjunto
	Evento 2	Etapa regional 1
		Etapa regional 2
		Etapa regional 3
		Etapa regional 4
		Etapa regional 5
Etapa estadual		
F2	Evento 3	Única
	Evento 4	Etapa 1 - 1º semestre
		Etapa 2 - 2º semestre
F3	Evento 5	Única
	Evento 6	Etapa regional 1
		Etapa regional 2

Fonte: elaborado pela autora

De acordo com o calendário anual de 2019, das três federações estaduais analisadas no estudo, todas possuem dois regulamentos de eventos voltados para essa faixa-etária (7 e 8 anos) e essa quantidade é maior se considerarmos as diferentes etapas de realização dessas competições, chegando até oito por ano. A duração dos eventos ocorre, geralmente, em um ou dois dias, normalmente aos finais de semana, corroborando as características das competições estaduais de esportes individuais para as categorias menores encontradas em estudos anteriores (ARENA; BÖHME, 2004).

Vemos a ideia de realizar os eventos em diferentes etapas como uma possibilidade de ampliar o número de competições, de experiências competitivas e de alcançar e manter um maior número de participantes, já que a oportunidade de participar de eventos esportivos

também é considerada uma maneira de motivar a permanência na prática (CANAN, 2018; MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

Destacamos, neste sentido, a estratégia de regionalização dos eventos, identificada principalmente na Federação 1 (F1), pois essa é uma maneira de ampliar significativamente o número de equipes participantes, já que proporciona às equipes menor custo e preparação com viagens. Assim, vemos uma aproximação com a proposta dos eventos de nível 1 do Sistema de Classificação para Eventos Esportivos, adequados para os primeiros anos da iniciação esportiva, em que o compromisso de tempo e dinheiro investido para a participação é mínimo (WIERSMA, 2005; LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017). É fundamental que as federações se atentem para o fato de que quanto mais próximos forem os eventos dos locais onde as equipes desenvolvem seu trabalho, haverá maior envolvimento dos clubes, treinadores(as), ginastas e pais. A necessidade de reduzir os custos para que mais equipes possam participar fica evidente na fala dos treinadores(as):

Eu não participo [do evento da federação] porque sempre é em outra cidade [...] por questão de custo, tem as meninas da escolinha e envolve muita coisa, então geralmente elas não participam (Treinadora 1).

Como a gente tem um calendário vasto com várias categorias, teve ocasiões que a gente não conseguiu levar no Evento 4 por causa de problema de orçamento, então ficamos só em competições internas (Treinadora 3).

O que nós queremos ver é se temos dinheiro pra elas irem pro evento, sabe? Mas só se tiver dinheiro (Treinadora 5).

Levar as competições para perto das equipes é também uma forma de possibilitar a participação em eventos da federação, já que muitas vezes o deslocamento e os custos de uma viagem as tornam menos acessíveis:

Trazer um evento desse para a cidade significa mais facilidade de colocar essas nossas crianças pra participar. Porque como são muito novas, estão conhecendo ainda a modalidade, nem sempre os pais entendem que é importante participar de um evento assim: “Ah... tem que ir até a cidade vizinha? Dá 40 minutos, né? Ah, não! não quero”. E se é dentro da cidade é uma facilidade que tem de fazer esse evento dar certo (Treinadora 11).

Facilitar o acesso é importante para que os pais passem a compreender a dinâmica dos eventos e se envolvam efetivamente, permitindo a participação de suas filhas. Uma das principais barreiras para a participação de crianças no esporte é o tempo e o custo, sendo o último relacionado principalmente às demandas financeiras para treinamento, viagens e competições, que ficam sob responsabilidade dos pais na maioria das vezes (SOMERSET; HOARE, 2018).

Além disso, os eventos de participação, como os festivais internos e as primeiras competições com esse caráter, proporcionam o engajamento da família nos primeiros passos da vida esportiva da criança, como identificamos nos relatos das treinadoras:

O evento, eu já pensei sobre isso uma vez. Ele atinge não somente o atleta. Mas o evento permite atingir a família. Então assim... para que tudo isso aconteça, a família tem que estar junto. E ela acaba participando também. (Treinadora 4).

Você traz a família das crianças para participar do evento, entendeu? Não fica uma coisa largada que traz a criança e vai embora. Então acho que a família fica mais unida (Treinadora 7).

Além disso também tem os pais, que gostam muito... ah! Todo pai sente orgulho de ver seu filho ali, apresentando, competindo, com um collant bonitinho, então é mais um incentivo também pros pais, pra eles apoiarem um pouco mais, porque até então... eu sinto que a família não entende o objetivo de trazer pro treino (Treinadora 8).

Trazer os pais pro ginásio [...] e colocar as crianças pra mostrarem um pouquinho que deu tempo de elas aprenderem, já é uma forma de: “Ah! que legal, minha filha já está fazendo isso, já consegue fazer isso, já aprendeu isso”.(Treinadora 11).

O envolvimento dos pais ficou nítido durante os eventos observados no estudo. O público nos ginásios era formado prioritariamente pela família das ginastas participantes que torciam pelas equipes e, na maioria das vezes, estavam envolvidos na preparação das meninas, fato recorrentemente anotado nos diários de campo:

Foi possível notar grande movimentação nas arquibancadas, com os pais e professoras dividindo tarefas como a preparação de cabelo, maquiagem e alimentação das crianças (DC1).

É importante ressaltar que no primeiro estágio da participação esportiva, os pais têm fundamental relevância e responsabilidade de suscitar o interesse das crianças e permitir que elas experimentem diversas atividades prazerosas sem foco no treinamento intenso (GALATTI, et al, 2017; CÔTÉ, 1999). Ademais, a falta de apoio dos pais também foi identificada como outro importante barreira para a participação de crianças no esporte (SOMERSET; HOARE, 2018). Nessa faixa-etária, as crianças são ainda muito dependentes de seus pais e a forma como eles entendem a participação esportiva influencia sobremaneira o envolvimento das crianças na prática. É fundamental, portanto, integrar os pais ao programa esportivo no qual seus filhos estão inseridos, tendo em vista que eles são os principais responsáveis pelas crianças, neste momento (BALBINO, et. al., 2013).

Na GR, a importância da família se manifesta desde o ingresso no esporte, que ocorre, frequentemente, por uma escolha familiar, devido à idade precoce das crianças em iniciação

esportiva, bem como na continuidade da prática, seja pelo apoio emocional, incentivo, reconhecimento e demandas financeiras. Instruir os pais acerca de aspectos fundamentais da prática é essencial para o desenvolvimento da praticante e seu desempenho atlético, pois cobranças excessivas e pressões desnecessárias podem acarretar prejuízos para a formação das praticantes (NAKASHIMA, et al, 2018).

Dessa maneira, a participação das ginastas nas competições proporciona a aproximação entre pais e treinadores(as), principalmente na fase de iniciação, em que o acompanhamento da família é indispensável para a permanência da criança na prática. Ademais, o evento se coloca como uma oportunidade de treinadores(as) orientarem os pais acerca da modalidade, do próprio evento e da participação de suas filhas, oportunizando um envolvimento ativo.

Consideramos importante salientar a necessidade de se ampliar o número e o acesso aos eventos, tendo em vista que todos precisam ter oportunidade de participar das competições, a fim de evitar que haja maiores possibilidades apenas para aqueles que são notados como mais aptos e preparados para competir (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017). Para isso também é fundamental que as competições consigam abranger diferentes públicos e níveis. Promover uma competição equilibrada e conseqüentemente mais desafiadora é essencial para que as equipes se encontrem em níveis próximos de habilidade e de compreensão do próprio esporte (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

No programa de competições do *Age Group Program* (FIG, 2019), vemos que existem duas vertentes de eventos, uma voltada para o fluxo de participação e outra para o fluxo de alto desempenho. O programa de competições dos Estados Unidos separa muitos níveis de competições com progressão técnica crescente até o nível de elite, o que acaba fazendo com que haja espaço de competição para todos (USAGYM, 2019). Dentre os eventos analisados nessa pesquisa, duas gestoras indicaram que as competições em seus estados também buscam a diferenciação de público-alvo:

O evento que a gente tem a partir de 7 anos é o Evento 1 e o Evento 2, [...] são eventos com características diferentes, que buscam um público diferente. Então o Evento 1 tem por objetivo qualificar a menina e oferecer para ela uma formação em longo prazo. O Evento 2, tem por objetivo trabalhar com aquelas crianças que dificilmente serão grandes atletas [...] é um evento que tem uma característica, em termos de regras simplificadas e que vai permitir que ela participe desses eventos durante a vida inteira. Então são públicos diferentes. (Gestora 3)

O Evento 4 é massificação, então é a possibilidade de todo mundo do estado inteiro participar de um evento, mesmo os treinadores(as) que já têm experiência, ou professores que estão iniciando agora ou que fazem algum trabalho de ginástica em escola. Como é série obrigatória, está disponível na

internet, eles têm a possibilidade de estudar a coreografia e participar. Então o objetivo é esse, abrir para todos [...] O Evento 3 é o lúdico né, com um pouquinho de base, para iniciar as competições porque elas são muito pequenininhas ainda, mas a gente já pede alguns elementos de formação básica (Gestora 1).

Diante da análise dos regulamentos e das observações, foi possível perceber que, de fato, nas três federações existe um evento que tem foco maior na participação (E2; E4; E6) e outro, em que apesar de ser voltado para ginastas “estreadantes”, a ênfase é para o desenvolvimento da futura atleta (E1; E3; E5), com características mais semelhantes às competições formais. Todavia, apenas alguns dos regulamentos apresentam essa diferença nos objetivos da competição, sem trazer maiores detalhes:

O objetivo do Evento 1 é incentivar a prática da Ginástica Rítmica no Estado, assim como detectar possíveis talentos na modalidade (Regulamento Evento 1).

O objetivo do Evento 2 é incentivar e massificar a prática da Ginástica Rítmica no Estado (Regulamento Evento 2).

Durante as observações dos eventos essa diferença de característica ficou clara, principalmente ao comparar o nível técnico das participantes. Nos eventos com foco na participação foi perceptível que a maioria das ginastas eram iniciantes, pois executavam exercícios mais simples e com técnica de execução bastante falha em relação ao exigido pela modalidade no alto nível, porém coerente com a própria proposta da competição; nos eventos que buscam desenvolver uma base para o alto rendimento a participação maior foi de meninas que já apresentavam um nível técnico melhor, executando elementos de maior dificuldade e com maior precisão, ficando nítido que eram ginastas que dedicam mais tempo à prática e de uma maneira orientada ao rendimento.

Além disso, a configuração do espaço nos eventos de nível participativo para tiras de tapete (13m x 3m ou 13m x 5m) - ajustes nas instalações, em vez do uso do quadrado completo, como é utilizado nos eventos que visam a formação da atleta de rendimento e a utilização de músicas e/ou séries obrigatórias, vistas nos eventos com foco na participação (ajustes na regra), permitem que várias ginastas se apresentem ao mesmo tempo, aumentando o número de crianças envolvidas e diminuindo o tempo total do evento. A possibilidade de participar utilizando uniforme de treinamento das equipes (ajustes no equipamento) traz maior acessibilidade; e ajustes na forma de julgamento e premiação (ajustes na regra), são modificações na estrutura do evento que propiciam que essas competições estejam direcionadas para o nível participativo (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

É relevante considerar que nesses eventos, além da categoria mirim, existem também outras categorias que compreendem as idades maiores, levando em conta que as crianças podem iniciar a prática em qualquer idade e continuar participando das competições. Essa ação, além de proporcionar maior participação, se torna uma **estratégia da gestão** para contemplar todos os níveis em que os clubes desenvolvem a ginástica e mantê-los filiados e ativos em suas federações:

Além de pensar nas ginastas de base, nós também pensamos nas escolinhas, que desenvolvem o trabalho da ginástica e que são importantes. Porque muitas vezes o clube só sobrevive por causa das escolinhas, com dinheiro das mensalidades. Então, seria injusto que essas meninas mais velhas não tivessem o que fazer dentro da federação. Então elas podem participar do evento mesmo mais velhas (Gestora 2).

De todos os eventos analisados no estudo, apenas um deles era exclusivo para a categoria mirim. Os outros a contemplavam, porém ofereciam a possibilidade de participação para outras idades, sendo que as competições com foco maior na participação abrangiam até a categoria juvenil e adulta e aquelas com ênfase na formação da atleta de rendimento, compreendiam no máximo até a categoria pré-infantil.

Outro aspecto relacionado à organização observado nos eventos é o fato de alguns deles acontecerem simultaneamente com competições oficiais como os campeonatos estaduais, como verificado no Diário de Campo 1:

Logo após as finais do Campeonato Estadual da categoria adulta estava previsto o início do Evento 1. Assim, durante as apresentações das melhores ginastas do estado, as pequenas ginastas estreantes iam chegando com seus pais e professores, aglomerando-se nas arquibancadas juntamente com suas equipes e, enquanto finalizavam a maquiagem e o cabelo, observavam atentas o espetáculo das atletas adultas (DC 1).

Realizar diferentes competições nas mesmas datas é uma **estratégia da gestão** para que seja financeiramente possível sua realização, já que, por vezes, os campeonatos estaduais possuem poucos participantes que não cobrem os custos de sua organização. Os eventos de participação normalmente têm um grande número de inscritos, o que promove uma receita maior, haja visto que possuem uma menor despesa (ARENA; BÖHME, 2004), o que garante o pagamento das duas competições. Essa disparidade entre o número de participantes de um e de outro evento na ginástica rítmica, confirmou essa realidade.

Em se tratando de redução nos custos dos eventos de ginástica rítmica, um fator significativo na demanda financeira da competição é o número de árbitros. Nos eventos de caráter participativo, ele pode ser reduzido de maneira efetiva. Como as regras são ajustadas, não é necessária a utilização da banca de arbitragem completa. As exigências técnicas mais

simples e as séries de mãos livres facilitam a atuação do árbitro, que consegue acumular funções e avaliar dois quesitos ao mesmo tempo, como prevê o seguinte regulamento: “Cada árbitro irá pontuar a dificuldade e a execução” (Regulamento Evento 2).

Nos eventos em que as ginastas se apresentaram em espaço reduzido (tiras do tapete), essa redução foi ainda maior. Nos Eventos 2 e 6, observamos a participação de apenas cinco árbitros – um para cada tira de tapete, além de outro árbitro e um secretário responsáveis por computar as notas, organizar as fichas arbitradas e organizar a classificação, quando estava prevista. Nos demais, mesmo que a banca estivesse composta por juízes em todos os quesitos previstos pelo código de pontuação oficial da modalidade, o número total de árbitros foi também reduzido (de 08 a 10 árbitros).

Além disso, os próprios ajustes na forma de julgamento também presentes nos regulamentos, propiciam essa redução, como por exemplo, o Evento 6, no qual apenas a execução dos elementos exigidos é avaliada, já que os elementos de dificuldade são obrigatórios para todas as ginastas:

Os elementos serão avaliados pelos seguintes critérios: • Execução incorreta: 0,10 • Execução sem forma fixa e definida 0,50 • Execução com posição segmentar incorreta 0,80 • Execução correta 1,00 (Regulamento Evento 6).

Diminuir a quantidade de árbitros permite às federações reduzir custos, pois o pagamento desses profissionais é um dos aspectos de maior demanda na organização de competições de ginástica rítmica. Quando consideramos eventos nacionais e internacionais, em que são necessárias duas bancas, o número total pode chegar a 26 árbitros, levando em consideração o júri superior e juízes de controle (FIG, 2018).

Em eventos voltados para a participação e massificação, é necessária a redução desses custos para que sua realização seja possível. Essa economia é considerável para a organização e, por conseguinte, suscita a uma baixa demanda financeira aos participantes, pois podem proporcionar uma redução das taxas de inscrição, por exemplo. Essas características voltadas para a acessibilidade dos eventos também estão presentes nas competições de nível 1 e 2 do Sistema de Classificação para Programas Esportivos, voltados para as categorias de base (WIERSMA, 2005).

Quando os eventos de participação são realizados paralelamente a campeonatos oficiais, além de reduzir os custos, a presença das crianças iniciantes e seus pais em um evento oficial os aproximam da realidade da modalidade, contribuindo para a inspiração e ao estímulo à participação, como vemos no relato da Treinadora 9:

Elas acham o máximo poderem estar em contato com as meninas do alto rendimento. É como se fossem dois mundos diferentes. Então aquele momento em que elas estão juntas ali no mesmo tapete, no mesmo evento, apresentando para o mesmo público, é como se fosse mágico para elas.

Mesmo que realizados no mesmo dia, ficou clara a mudança da atmosfera entre os eventos. Em todas as competições para a categoria mirim foram observadas que a decoração, as músicas e até a presença de personagens do mundo infantil faziam parte dos eventos, demonstrando a preocupação das federações em aproximar a realidade das competições de ginástica com a linguagem das crianças, ainda muito novas.

Tendo em vista que aos nove anos de idade as ginastas já podem participar de campeonatos oficiais nacionais e internacionais, os eventos para a categoria mirim, além de fazerem parte do processo de aprendizagem da modalidade, são essenciais para a preparação dessa criança para enfrentar um ambiente competitivo mais formal, que não demora a ser uma realidade para as meninas:

Se a gente não começar com esses eventos antes dos nove anos, quando ela for para um campeonato brasileiro, um torneio internacional ou sul-americano, ela não vai ter nem noção do que está acontecendo ali. Então é importante passar por esses processos (Gestor 2).

Nesse sentido, as gestoras entrevistadas afirmaram que existe uma linha pedagógica idealizada nos eventos propostos, que é gradual e progressiva para que as ginastas cheguem às competições oficiais ambientadas com o contexto competitivo da modalidade:

Nós temos um evento de base, que nós chamamos de evento de massificação, onde as coreografias são séries obrigatórias. Depois nós temos outra competição, que segue o regulamento do torneio regional da CBG [...] são quatro níveis de trabalho, nível 3, 2, 1 e elite [...] com pequenas obrigatórias, pequenos elementos obrigatórios, mas a série é livre. Depois entra o campeonato estadual (Gestora 1).

Nós temos, pensando na formação em longo prazo... o Evento 2 e depois a gente começa a seguir as categorias da federação. Aí a gente tem os Torneios Estaduais e o Campeonato Estadual (Gestora 3).

Em concordância, as treinadoras afirmaram existir em suas equipes um planejamento de participação, por vezes citando para além das competições da federação, alguns eventos internos e copas promovidas pelos próprios clubes da região:

Eu acho que isso é pensado mesmo em um processo pedagógico de competição. Ela tem a primeira participaçãozinha dela que ela vai competir sozinha, [...] depois ela parte pra um evento de conjunto, que depende da colega (Treinadora 1).

A gente sempre faz essa sequência: participa da Copa Regional, que é uma copinha aqui mesmo, que é só regional, aí tenta fazer um estadual nível 2, do estadual nível 2 pra um Torneio Nacional e assim vai acrescentando até o Brasileiro (Treinadora 6).

Elas têm os festivais (internos), sempre no meio do ano e final do ano. Elas têm um campeonato chamado Evento 6 [...] e algumas no final do ano competem o Evento 5. Quando a gente consegue fazer o conjunto, o conjunto, se não a gente leva algumas no individual. As com mais de oito anos, pra baixo de oito anos não pode (Treinadora 8).

Apesar de as federações oferecerem essa progressão gradual de participação em eventos e muitos treinadores(as) indicarem realizar suas ações seguindo também um planejamento, outros não compreendem, ou mesmo não percebem as competições federativas dessa forma e indicam que há ainda uma transição muito brusca entre os eventos:

O Evento 6 é muito iniciação e a gente pula para o Evento 5 que já é competitivo assim, realmente, né? A gente chega lá, as meninas fazem um equilíbrio *boucle*, sabe assim quando você sai do *passé* para o *boucle*⁴? Eu acho que tem bastante diferença... eu acho que a gente poderia ter uma progressão (Treinadora 2).

A gente tem uma diferença gritante, por exemplo, se a gente pega nove anos, elas vão para um brasileiro e com oito elas competiram só um estadual de estreantes [...] Realmente, esse ano elas competem o estadual de estreantes, o ano que vem talvez antes do brasileiro elas tenham só o estadual de individual [...] e aí a terceira competição da vida, já é um brasileiro (Treinadora 2).

Se pensarmos a oferta de eventos como responsabilidade única das federações, talvez essa falha na progressão possa até acontecer, pois além das instituições gerirem as competições de base, ainda existem os eventos das quatro categorias oficiais em diferentes níveis para organizar. Outrossim, sua distribuição deve ser paralela ao calendário nacional da CBG.

Destacam-se os eventos das outras modalidades gímnicas das quais as federações também podem ser responsáveis (ginástica artística, ginástica de trampolim, ginástica acrobática, ginástica aeróbica, ginástica para todos). Logo, ampliar o número de competições da categoria mirim de GR nas federações que já realizam de dois a oito eventos anuais, como é o caso das entidades participantes dessa pesquisa, talvez seja inviável do ponto de vista da gestão.

⁴ Equilíbrio *boucle* é uma dificuldade corporal do Código de Pontuação da GR, atualmente com valor de 0,30 pontos. É realizado quando a ginasta segura a perna flexionada formando um círculo por trás do corpo, tocando o pé na cabeça; *Passé* é também um equilíbrio, porém muito mais simples, de valor 0,10, no qual a ginasta eleva a coxa em 90° mantendo o pé em contato com o joelho da perna de base. Normalmente é a primeira dificuldade corporal de equilíbrio estático ensinada para as crianças.

Ainda assim, é importante que elas figurem no quadro de eventos da entidade. Entretanto, é possível encontrar, no Brasil, federações estaduais de ginástica que promovem eventos apenas para as categorias oficiais, nos moldes das competições da CBG, o que poderia ser revisto, em busca de proporcionar mais e diferentes experiências às ginastas em formação:

Eu vejo que tem estados que não tem nem competição. Tem ginástica, mas não consegue competição [...] as meninas acabam não conseguindo chegar tão preparadas para as competições, porque não tem eventos para elas se prepararem para o principal evento. O principal evento é O evento do ano. Não tem um preparatório então (Treinadora 11).

Dessa maneira, para que competições de diferentes níveis competitivos das federativas ocorram, possibilitando mais oportunidades de experiências em eventos, é interessante que os treinadores(as) exercitem a autonomia na elaboração de competições com diferentes adequações, pois, assim, elas poderão ser mais bem ajustadas às metas de aprendizagem de suas equipes e atletas. Tais iniciativas exemplificam boas práticas a serem também implementadas em cenários competitivos mais tradicionais (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017). Portanto, é necessário, para repensar as competições para crianças, a união de esforços dos muitos envolvidos com a promoção do esporte: governos, escolas de esportes, clubes, federações e confederações esportivas (DE ROSE JR.; KORSKAS, 2006).

Mesmo que nos estados que analisamos existam as competições federativas para essa faixa-etária, iniciativas dentro das equipes são percebidas nos argumentos das treinadoras, quando descrevem os eventos internos dos quais as suas ginastas da categoria mirim participam:

Participam de duas apresentações, no mínimo [...] em julho, de inverno [...], E daí depois em dezembro que é o encerramento. E daí tem apresentação do dia dos pais, apresentação do dia das mães, etc. (Treinadora 5).

Com esse trabalho iniciado, nós temos algumas competições que eu mesma organizo (Treinadora 1).

Essas apresentações, geralmente com caráter mais livre, suprem a necessidade de participação em mais eventos, no formato de festival de demonstração ou competições simplificadas e auxiliam no processo de formação competitiva, já que proporcionam às ginastas apresentarem, por meio das coreografias, o trabalho realizado até então, vivenciam o contato com o público e recebem um *feedback* por meio da avaliação dos árbitros ou das próprias treinadoras.

A formação de ligas ou associações de clubes que proporcionem outras experiências competitivas paralelas aos eventos federativos também pode ser uma maneira de preencher essa

lacuna, porém ainda são poucas iniciativas do tipo na ginástica rítmica, ficando mais a cargo das federações promover e organizar os eventos.

Independentemente de quem organize, é essencial que as treinadoras ofereçam oportunidades de participação em competições de forma planejada, pensando a formação dessa atleta em longo prazo e de forma coerente com as diferentes fases do desenvolvimento da ginasta, pois a competição na infância, dentro de uma proposta pedagogicamente orientada, faz parte do processo de aprendizagem do esporte e tem potencial de gerar aprendizados construtivos para a vida do participante (BALBINO, et al, 2013). Se há um cuidado na elaboração e organização dos eventos competitivos para crianças, provavelmente existirá uma construção dos conceitos da própria competição e o processo passa a ser natural:

Então se ela participa dos festivais, se ela vai pra apresentações, apresenta pros pais, apresenta pro amigos, o clube faz seu festival anual ou semestral, ela vai pro Evento 6, ela vai pra umas copinhas, ela vai pro Evento 5, acaba sendo um caminho natural pra criança essas diferentes formas de avaliação e de como dizer esse resultado (Gestor 2).

Para que os eventos ocorram de forma planejada pelas federações e contemplem também os anseios das instituições que participam, é imprescindível que haja comunicação entre gestores(as), treinadores(as) e árbitros(as). Para isso, dentro das federações existem os comitês técnicos de cada modalidade, formado por aqueles(as), que são responsáveis pela elaboração dos regulamentos e pela organização dos eventos. A **elaboração conjunta** foi percebida nos enunciados das gestoras entrevistadas e confirmada pelas treinadoras:

Então o olhar de cada uma na hora de compor o regulamento, faz bastante diferença. Mas a gente faz o provisório (regulamento), envia pros clubes, os clubes podem opinar, devolver com a sua proposta ou alguma coisa que acha que não está interessante, e aí a gente bate o martelo na Assembleia (Gestora 2).

Na verdade a gente vai coletando as informações durante o ano, então a gente vai pro evento, a gente faz as reuniões, a gente escuta os técnicos, o que eles acham de cada evento, a gente discute essas questões no comitê, a gente elabora o regulamento, a gente encaminha o regulamento pros clubes, os clubes leem os regulamentos, mandam pra gente as sugestões (Gestora 3).

Ano passado a federação criou o Evento 2. Aí foi feita de uma maneira que durante a participação, durante o ano inteiro, os clubes chegaram à conclusão de que poderia mudar, ser de alguma outra maneira essa copa. E aí foi feito esse ano (Treinadora 9).

Sempre que a gente tem alguma opinião, a gente coloca e a gente tenta também fazer com que as coisas melhorem. Nem sempre saem como a gente gostaria, ou a gente esperava que fosse. Mas eu acho que isso é importante. Que as

mudanças sempre ocorrem pensando no melhor para as ginastas, para as crianças (Treinadora 9).

Além do trabalho colaborativo entre as diferentes pessoas envolvidas no esporte, existe também uma **orientação superior** para a elaboração dos regulamentos, que parte de outras instâncias, por exemplo: CBG – Confederação Brasileira de Ginástica; CONSUGI – Confederação Sul-Americana de Ginástica; UPAG/PAGU – União Pan-americana de Ginástica; FIG – Federação Internacional de Ginástica, e acabam direcionando principalmente aspectos técnicos dos eventos realizados:

Baseada nos regulamentos da CBG, que vem da CONSUGI, aí nós montamos: o [Campeonato] estadual segue totalmente o da CBG, o regulamento da Copa Estadual nós seguimos o do [Torneio] Regional (Gestora 1).

Às vezes até nem concordamos com algumas coisas da CBG, mas, pensando no trabalho da treinadora e na possibilidade da ginasta, a gente deixa [o regulamento] exatamente igual (Gestora 2).

A gente usou o programa de idades de FIG [*Age Group Program*] e adaptou regulamento para esse programa. (Gestora 3).

As competições realizadas nacional e internacionalmente, balizadas pelas instituições responsáveis pela modalidade em cada instância, direcionam para que as demais entidades se organizem e proponham seus eventos, como é o caso dos campeonatos brasileiros das categorias pré-infantil e infantil, que seguem o regulamento da CONSUGI, com algumas adaptações para a realidade local (CBG, 2018).

Sobre isso, em uma das ações virtuais da CBG, ocorridas em decorrência da pandemia causada pelo Corona Vírus em 2020⁵, a coordenadora do Comitê Técnico de GR da entidade expôs a intenção de alinhar com as instituições das Américas (União Pan-americana de Ginástica – UPAG e Confederação Sul-americana de Ginástica – CONSUGI) os regulamentos das categorias de base na CBG. Isso vem sendo feito desde 2017, com maior ênfase em 2019. Esse alinhamento, segundo a coordenadora, é necessário em função da percepção da necessidade de aumentar a longevidade da carreira das ginastas, que segundo dados apresentados na ocasião, ainda é muito curta, com maior abandono na fase dos 13 e 14 anos de idade, antes mesmo de completar o ciclo da categoria juvenil.

Nessa perspectiva, vemos influência do programa de competições do *Age Group Program* (AGP) da FIG nos regulamentos da CONSUGI, principalmente no que diz respeito à

⁵ Webinar promovido pela Confederação Brasileira de Ginástica, nos dias 15, 16 e 18 de junho de 2020: “Curso de atualização de arbitragem de ginástica rítmica”, não disponibilizado pela entidade para consulta.

divisão das idades nas categorias. Esses modelos são ótimas formas de guiar o trabalho dos(as) gestores(as) das federações e confederações, uma vez que atuam no sentido de pensar o desenvolvimento das ginastas, organização das competições e conseqüentemente, direcionam o trabalho do treinador, contribuindo para sua própria formação continuada.

De maneira geral, dentro das federações que fizeram parte dessa pesquisa, pudemos notar que os eventos para a categoria mirim são organizados levando em consideração alguns aspectos importantes do desenvolvimento das crianças e são elaborados em um comitê técnico que considera também sugestões dos treinadores(as) das equipes participantes. Dessa forma, a avaliação que as treinadoras têm sobre os eventos realizados são positivas:

O estado, a nossa federação oferece bastante evento para atender esse tipo de público. E é bem bacana isso. [...] Hoje a federação já consegue separar e oferecer para cada uma realmente, dentro da sua capacidade, dentro da sua categoria, do seu nível (Treinadora 9).

Eu acho que hoje a federação atinge todo mundo. Quem é federado, quem não é federado, quem está visando um brasileiro, quem está visando um estadual só, Torneio Nacional... então eu acho que é uma grande grade pra todo mundo (Treinadora 4).

Eu acho que a nossa federação está se preocupando muito com a questão de a ginástica no estado estar crescendo, sabe? De termos muitos clubes pequenos e eles tão fazendo muitos eventos para isso. E estão se preocupando muito também com as meninas que estão começando. A gente tem os eventos para elas, a gente tem eventos para as meninas grandes que querem fazer ginástica, mas não tem condições de competir [em alto nível]. A gente tem campeonato estadual e a gente tem torneio estadual. Então a gente tem campeonato estadual primeira e segunda divisão, e ainda tem o torneio estadual nível A e B, porque eles estão mesmo querendo abraçar e massificar a ginástica no estado. Então eu acho que a gente tem uma federação bem empenhada em procurar eventos para as meninas, tanto para as menores, quanto para as meninas maiores que não tem o nível (Treinadora 10).

Contudo, as competições esportivas são eventos elaborados e organizados por adultos e, muitas vezes, os objetivos preconizados por eles não atendem às expectativas infantis. Existe uma tendência em buscar atender às metas dos adultos, bem como os propósitos e valores das instituições, ficando os anseios das crianças e jovens em segundo plano, ou até mesmo ignorados (BALBINO, et al, 2013; SCHIAVON; TOLEDO; AYOUB, 2017). Assim, trazemos no próximo tópico dessa discussão o foco para **os objetivos dos eventos** de ginástica rítmica para a categoria mirim, analisados nesse estudo.

5.2 Objetivos dos eventos de GR para a categoria mirim: ampliar a participação x formar atletas de alto rendimento

Diversos fatores movem as instituições a organizar e aos treinadores(as) e equipes a participar de competições. Nas federações estaduais de ginástica analisadas nessa pesquisa, observamos que existem eventos voltados para a categoria mirim, com propostas distintas e para públicos diferentes.

A iniciação esportiva deve abranger os aspectos educativos do esporte, além de ser realizada em um processo prazeroso, o que possibilitará maiores chances de a criança permanecer na prática. Entretanto, é comum que ela seja organizada em contextos que objetivam a revelação de talentos de forma prematura, a fim de alimentar categorias maiores (BALBINO, et. al., 2013), bem como promover renovação futura e massificar o esporte (ARENA; BÖHME, 2004). Superar a visão já consolidada de práticas pedagógicas do treinamento de alto rendimento e sua aplicação no ambiente da iniciação esportiva é um objetivo complexo, principalmente se essa experiência ocorrer em clubes tradicionalmente vinculados à prática esportiva de competição (MENEGALDO; BORTOLETO, 2017).

No que diz respeito às competições voltadas para a fase de iniciação, as dificuldades esbarram nas mesmas questões: modelos tradicionais de eventos, pautados sobretudo nas competições adultas. Identificamos, neste estudo, que existem diferentes objetivos destacados pelas gestoras e treinadoras entrevistadas. Em geral, as gestoras visam, com essas competições, oportunizar a participação das crianças em eventos da federação, assim como iniciar as ginastas nas competições, buscando o seu desenvolvimento como atletas de alto rendimento; as treinadoras, por sua vez, pretendem com a participação em competições e apresentações motivar suas ginastas, prepara-las para as competições futuras e avaliar o desempenho das crianças e de seu próprio trabalho.

Como visto no primeiro tópico da discussão, diferentes estratégias foram adotadas pelas federações para **possibilitar a participação**, como por exemplo, direcionar os eventos para diferentes públicos, realizar as competições em etapas, regionalizar os eventos para alcançar o estado de uma forma geral. Porém, as gestoras entrevistadas manifestaram em comum a intenção de que mais crianças participem dos eventos como um objetivo de extrema importância para as competições da categoria mirim:

A ideia principal desse evento é colocar todas as ginastas dentro da quadra mais de uma vez no ano [...] você nunca vai deixar uma de fora, pode levar cinco. Se você tiver mais que cinco meninas, você pode fazer duas equipes, equipe A e equipe B. [...], a ideia é possibilitar que todas vão para a competição (Gestora 2).

Então antes, o Evento 6 era só em uma cidade, agora ele tem em duas. Mas se quiser ter em uma terceira também, nós podemos abrir mais um, não tem problema. A ideia é que mais criança participe (Gestora 2).

[...] para que essas crianças também tenham a oportunidade de participar de eventos. Os eventos dessas crianças antes, eram eventos locais. Então o Evento 1 veio pra isso. Para estimular essas crianças [...] pra que todo o estado realmente seja contemplado. O número de participantes é ilimitado, cada um traz as crianças que quiser (Gestora 3).

A meta manifestada pelas gestoras é refletida nos regulamentos dos eventos em que a participação é estimulada, por exemplo, pela quantidade possível de inscrições: ora o número de ginastas inscritas é ilimitado (E2), ora possibilita a participação de grande número de atletas (E1) ou equipes (E5), ou ainda além de não limitar, incentiva o maior número de inscrições com premiação extra (E4):

O número de participantes para as etapas regionais é livre (Regulamento Evento 2).

A Equipe poderá ser composta por no máximo 05 (cinco) ginastas. [...] O clube poderá inscrever várias equipes de individual em uma mesma categoria (Regulamento Evento 5).

As equipes poderão inscrever até 20 (vinte) ginastas, independente da categoria (Regulamento Evento 1).

Não existe limite de número de ginastas inscritas por entidade. [...] A entidade com maior número de ginastas participantes receberá o Troféu de Massificação (Regulamento Evento 4).

Se por um lado as federações trazem cada vez mais participantes para suas competições, as treinadoras também buscam que suas ginastas participem do maior número de eventos possível:

É importante participar. Deve-se participar. Quanto mais competição, melhor é. Nós temos poucas competições, muito pouco [...] na minha opinião, deveria acontecer mais vezes. Infelizmente o estado é grande, o Brasil é grande e o custo é grande, tá? E sabe... é muita burocracia, é muito difícil (Treinadora 5).

Eu acho que quanto mais apresentar, é melhor (Treinadora 8).

Quanto mais evento a gente puder fazer, não só pensando no alto rendimento [...], mas pensando sim em nível escolar. Quanto mais oportunidade delas se apresentarem, delas mostrarem o trabalhinho delas, isso é de grande valia (Treinadora 9).

Em se tratando da categoria mirim, que é quando as ginastas iniciam a prática de ginástica rítmica, há um entendimento geral entre as treinadoras de que a participação deve ser ampla e tanto os eventos internos, quanto as competições promovidas pelas federações são espaços que permitem que as ginastas tenham as primeiras experiências na quadra:

O início de tudo é todo mundo participar, porque elas são muito pequenas e você não sabe quem vai desenvolver e quem não vai. (Treinadora 1).

Antes de competir os oficiais, todas competem tudo [...] até os 8 anos todas participam de tudo (Treinadora 11).

É essencial que os eventos das federações tenham em seus regulamentos estratégias que permitam um elevado número de inscrições, pois este é o momento em que todas terão oportunidades dentro das equipes.

Pensando ainda em ampliar a participação de ginastas em eventos de ginástica rítmica, uma das treinadoras apontou uma sugestão do que poderia ser feito para adequar ainda mais os eventos para a idade em questão:

Ter mais níveis, ao invés de colocar as meninas, todas as de 6 anos competindo juntas. Mesmo que seja uma competição como um *Evento 6*, um *Evento 5* [...] acho que poderia criar isso! O que eu já escutei é que teria que ter muito mais tempo de competição, muito mais medalhas, mais árbitros, mais espaço. [...] Claro que tudo precisa de dinheiro, mas eu acho que essa questão dos níveis seria uma forma de massificar ainda mais. É oportunizar dentro da massificação essa diferença de níveis e não só colocar quinhentas crianças competindo o mesmo regulamento (Treinador 11).

Esse tipo de ajuste sugerido pela treinadora 11 teve base em uma experiência de sua equipe ao participar de competições nos Estados Unidos da América. O programa de competições da Federação nacional de ginástica dos EUA (USAGYM, 2019), prevê a divisão em idades e em oito níveis, além do nível de elite. Isso proporciona, por exemplo, que meninas de oito anos que já tenham maior experiência na ginástica concorram com outras que tenham o mesmo nível técnico, ao passo que meninas da mesma idade e sem nenhuma experiência competitiva possam participar em um nível iniciante, concorrendo com outras ginastas também iniciantes. Tal divisão corrobora a ideia do Sistema de Classificação de Programas Esportivos (WIERSMA, 2005), que divide os níveis das competições em quatro e ressalta que os diferentes níveis podem coexistir para atletas de mesma idade cronológica.

Dentro das federações que analisamos, já existe divisão em níveis dentro dos eventos, principalmente nas competições de Torneios e Campeonatos Estaduais, que são equivalentes ao nível do Torneio Nacional e Campeonato Brasileiro da CBG. Cada uma delas apresenta uma proposta quanto a isso, no sentido de tentar equalizar os níveis das competições, o que os próprios eventos da CBG já fazem: para o Torneio Nacional existem dois níveis, assim como para o Campeonato Brasileiro, em todas as categorias (CBG, 2019; CBG, 2019a). Nos eventos de participação estaduais, apenas a F2 divide o Evento 4 em diferentes níveis, apresentando critérios de progressão e idade. Contudo, na categoria mirim essa divisão não existe em nenhum

dos eventos analisados. Por exemplo, meninas de sete anos que praticam ginástica há menos de um ano concorrem diretamente com meninas que já praticam desde os quatro anos e, portanto, possuem maior experiência e conseqüentemente melhor nível técnico.

Equalizar o nível das competições é uma das possíveis estratégias para implementação da Engenharia Competitiva (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011). Na análise documental dos regulamentos dos eventos de GR para a categoria mirim (REIS-FURTADO E CARBINATTO, 2020), essa estratégia foi identificada de forma indireta, por meio do ajuste de regras como a forma de julgamento (presentes em cinco dos seis eventos analisados) e na obrigatoriedade de valores, tipos e/ou quantidades de dificuldades corporais exigidas (três eventos) – o que leva a exercícios com o mesmo nível de dificuldade, mantendo as pontuações mais próximas. Ainda assim, a diferença do nível técnico entre ginastas com diferentes experiências competitivas, mesmo que tenham a mesma idade, fica visível até mesmo ao leigo, pois a técnica de execução dos elementos nesse caso, ainda que tenham o mesmo valor de dificuldade, é completamente diferente.

Se implementadas, as ações no sentido de ampliar a quantidade de níveis competitivos também na categoria mirim, parecem ser estratégias eficientes para incentivar ainda mais a participação de equipes de diferentes níveis, contribuindo sobremaneira para a massificação e democratização da modalidade, bem como para proporcionar ambientes competitivos com caráter distintos.

Levando em consideração que ampliar a participação e o número de eventos é objetivo comum a gestoras e treinadoras, mapeamos a quantidade de participantes nas competições da categoria mirim realizadas pelas federações em 2019 e percebemos que cada estado possui realidades e características dos eventos diferentes, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 21. Quantidade de participantes em eventos das federações estaduais da categoria mirim no ano de 2019

FEDERAÇÃO	EVENTO	N1	N2	N3	TOTAL GINASTAS	N4	TOTAL EQUIPES
F1	Evento 1 - 1ª etapa	85	12	106	216	22	30
	Evento 1 - 2ª etapa	70	11				
	Evento 2 – regional 1	21	4				
	Evento 2 – regional 2	12	3				
	Evento 2 – regional 3	5	2				
	Evento 2 – regional 4	63	9				

	Evento 2 – regional 5	14	4				
	Evento 2 - estadual	52	15				
F2	Evento 3	51	10	57	247	7	25
	Evento 4 - 1ª etapa	85	14				
	Evento 4 - 2ª etapa	168	15				
F3	Evento 5	21	7	1	74	2	17
	Evento 6 - regional 1	32	6				
	Evento 6 - regional 2	22	6				

Fonte: elaborado pela autora

Legenda: N1=quantidade de ginastas participantes; N2=quantidade de equipes participantes; N3=quantidade de ginastas que participaram de dois ou mais eventos; N4=quantidade de equipes que participaram de dois ou mais eventos.

Ressaltamos que esse é um recorte dos números totais da participação em competições nos estados – o quadro apresenta apenas as quantidades de participantes da categoria mirim, nos eventos que foram foco desse estudo. Mesmo assim, suscitamos alguns aspectos para reflexão. A federação 2 teve o maior número total de ginastas participantes, tendo a federação 1 uma quantidade próxima. Alguns fatores devem ser levados em consideração nessa análise: a população dos estados, as cidades onde os eventos aconteceram e a concentração de equipes próximas, questões históricas referentes à tradição da modalidade nos estados, número de eventos, entre outras. Contudo, este estudo não nos traz ferramentas suficientes para esse tipo de análise.

Outras reflexões são relevantes e possíveis: apesar do número de ginastas na F2 ser o maior, o estado não apresenta o maior número de equipes participantes. Uma característica dos eventos dessa entidade que pode justificar o dado é que a maioria das equipes participantes da instituição são da capital e região metropolitana. A federação em questão não é a responsável por organizar eventos escolares, e sim, a Secretaria Estadual de Esportes e Prefeituras Municipais – nesse caso, supõe-se, alcança mais equipes do interior. Além disso, no estado também existem algumas ligas de ginástica independentes que promovem competições de diferentes níveis.

Essa centralização de eventos da federação e participantes na região da capital e região metropolitana já não acontece na F1. Vemos que a regionalização das competições, principalmente as de nível participativo e de iniciação, permite à instituição alcançar praticamente todo o estado, permitindo que mais equipes tenham a oportunidade de participar, ainda que o número de ginastas no total seja um pouco menor do que o da F2.

Outro fator relevante do número de participantes nesse estado é a quantidade de ginastas e equipes que participam de dois ou mais eventos no ano. Diminuir o tempo da temporada de competições, nessa fase, aumenta as chances de participação e permite que haja um ajuste do nível do atleta ao seu nível de rendimento de uma temporada para a outra, proporcionando a demonstração de seu progresso (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017; CÔTÉ; HANCOCK, 2016). Quando existem diferentes etapas de um mesmo evento em um tempo mais curto, por exemplo, divididas por semestre, como foi o caso dos Eventos 1 e 4, as chances de as mesmas ginastas participarem dos dois eventos e demonstrarem uma progressão em seu nível de rendimento dentro do mesmo ano, é maior.

É importante salientar que não necessariamente a quantidade de participantes nesses eventos da categoria mirim tenha relação direta com os resultados obtidos pelo estado nos eventos das categorias oficiais. Vemos equipes que se destacam nos campeonatos brasileiros da categoria pré-infantil e que não participam das competições da categoria mirim nos estados, assim como há equipes presentes nesses eventos que sequer participam dos campeonatos estaduais, mantêm-se apenas no nível regional. Isso depende da organização, objetivos e prioridades de cada equipe. Algumas vão priorizar que nessa idade as crianças só participem de eventos internos; outros, planejam as ações e recursos disponíveis para participar de tudo o que for possível.

Um exemplo disso é a não participação de duas equipes da F3 nas etapas do Evento 6. Apesar de terem resultados significativos estadual e nacionalmente, aquelas optaram por não participar da referida competição no ano de 2019 em razão de logística interna, priorizando recursos financeiros para as competições das equipes de rendimento e ofertando para as equipes de base apenas eventos internos, como verificado nas entrevistas com as treinadoras.

Para identificar a relação entre participação e resultados seria necessário um acompanhamento longitudinal, considerando múltiplos fatores que a influenciam. Porém, acreditamos que a experiência prévia em eventos, sejam elas em festivais, apresentações ou competições locais, agrega vivências importantes para a futura performance em eventos oficiais, como o contato com o público e arbitragem, por exemplo, além de incentivar a permanência na prática e proporcionar experiências competitivas e a compreensão da própria modalidade esportiva.

Independente de pensar os resultados, aumentar as oportunidades de participação durante a temporada é um aspecto que deve ser considerado quando pensamos em estimular a prática do esporte, assim como para ampliar a experiência competitiva das atletas. Isso é

confirmado pelas treinadoras quando afirmam que participam dos eventos como forma de **motivar as ginastas:**

Então se elas ficam o ano inteiro fazendo ginástica e não se apresentam, não fazem nada, desestimula, acha cansativo ficar repetindo, repetindo os movimentos e não tem objetivo nenhum. (Treinadora 1).

Eu acho que é um estímulo para as pequenas. É um estímulo para elas quererem continuar. Porque se você fica fazendo aquilo todo dia e não apresenta, e não faz nada de diferente, [...] não dá um estímulo para elas. (Treinadora 7).

É um incentivo para fazer com que a criança se apaixone pelo esporte, né? Que eu acho que é o principal. Eu acho que essa fase é a principal fase para ela se apaixonar pelo esporte (Treinadora 8).

O que eu acho que move as meninas a entrarem é saber que tem espaço pra elas. Não precisam ser a melhor, elas vão ter algum evento que elas vão poder participar [...] não é pensar: “nossa só vou poder usar uma bola na mão quando eu já tiver com 10 anos de idade e se eu for boa, porque se eu não for boa, não.” Todas vão poder se apresentar um dia com bola, todas vão poder ter um collant de apresentação, todas vão poder participar do mesmo encerramento de final de ano (Treinadora 11).

Estudos relacionados à motivação na ginástica artística (GA) apontam que demonstrar habilidades e movimentos publicamente é uma característica que marca a modalidade. As pesquisas em questão indicam que a estética e a apresentação é um dos fatores de motivação para a prática (CARBINATTO, *et al* 2010), assim como a participação em eventos aparece como motivo de permanência na modalidade (LOPES, *et al*, 2018). No contexto do alto rendimento, a competição também tem grande importância para ginastas se manterem ativas, pois elas indicam que enquanto tiverem boas oportunidades para competir, permanecerão treinando. Além disso, independentemente dos resultados nas competições, a motivação para treinar após um período competitivo aumenta (LOPES; NUNOMURA, 2007). Apesar dos estudos apontarem realidades da GA, percebemos que, no que diz respeito às possibilidades demonstrativas e competitivas, a GR possui as mesmas características.

Especificamente na ginástica rítmica, a competitividade aparece alimentada principalmente por meio da participação em competições, mas também pode estar presentes em atividades competitivas em diversos momentos do treino, usando brincadeiras e jogos, por exemplo. Essa característica tem relevante papel na percepção de competência de atletas e, como inerente a atividade esportiva, apresenta-se como um fator importante de incremento da motivação (FONTANA, *et al*, 2013).

Outro aspecto importante quando pensamos a elaboração de eventos para crianças é deixar claros os objetivos das competições, preferencialmente explícitos nos regulamentos para que os treinadores(as) e pais tenham acesso e consigam eleger em qual delas a equipe participará, assim como quais serão as ginastas participantes em cada uma. Embora pareça óbvio, a maneira atual pela qual a maioria das instituições esportivas que promovem os eventos acontece, não esclarece adequadamente seus propósitos, filosofias e ênfases. Quando isso não está explícito, problemas ocorrem, como por exemplo, pais e treinadoras darem ênfase à vitória, enquanto o evento ou programa em questão é voltado para promover o domínio de habilidades e a participação de todos; ou o contrário, quando o nível de uma determinada competição é bastante avançado e existem participantes não maduros o suficiente para o nível de realização (WIERSMA, 2005).

Da mesma forma, os objetivos da oferta dos eventos devem estar de acordo com os objetivos que a própria federação tem para a modalidade. Verificamos que dos seis regulamentos analisados, apenas três apresentavam no regulamento o objetivo da competição. Ainda que não explícitos, as gestoras indicaram esses objetivos de forma bastante direta nas entrevistas.

O discurso da Gestora 1 ilustra a relação entre objetivos da federação quando afirma que o trabalho de ampliar o número de participantes nos eventos de base do estado faz parte de um objetivo já iniciado em gestões anteriores e que é considerado alcançado pela gestão atual, que direciona o foco hoje para desenvolver outro nível competitivo:

Dentro da ginástica rítmica especificamente, nós sempre tivemos o objetivo de massificar, hoje o estado é grande, tem bastante criança praticando a modalidade [...] esse era o nosso principal objetivo no início, que as escolas formassem as crianças e mandassem para os clubes, associações que trabalham o alto rendimento, [...] agora aos poucos a gente está levando isso pro alto rendimento. Nós temos uma grande massa e um nível técnico intermediário enorme [...], então nós já atingimos o primeiro objetivo e já passamos para o segundo. Agora nessa nova gestão o objetivo é chegar ao alto rendimento, com resultados expressivos dentro do brasileiro e fora daqui do país como o sul-americano, pan-americano e seleção brasileira. Esse é o nosso objetivo maior: colocar as nossas ginastas, na seleção brasileira (Gestora 1).

Verificamos que, assim como no exemplo dado, **formar ginastas para o alto rendimento** também é um objetivo de destaque entre as outras gestoras com os eventos para as categorias de base, por vezes aliados ao de possibilitar a participação:

Se a gente não tiver esse número grande de criança em quadra, nós não vamos ter talento, não vamos conhecer talentos, não vamos dar possibilidades desses talentos se transformarem em ginastas com resultados expressivos. [...] Então

a gente só vai conseguir ter um bom nível realmente lá na frente, se a gente tiver muita criança praticando (Gestora 2).

Nosso objetivo [com a criação do evento] foi: a criança entrar no tapete, a criança se adaptar com a presença de um árbitro e ter autonomia de realizar uma coreografia, mas sem a cobrança da performance da competição [...] qual é a ideia? Que essas crianças, sigam para a competição de rendimento. (Gestora 3).

De tal modo, **desenvolver aspectos técnicos** da modalidade aparece como outro objetivo das gestoras quando elaboram as competições para a categoria mirim, principalmente visando formar a base necessária para alcançar o alto nível no futuro:

nós queremos dar uma base bem fortalecida, com bastante execução, então nós colocamos que criança de 7, 8 anos deve fazer uma execução bem feita [...] então nós determinamos que esses movimentos, que nós imaginamos que elas têm que ter uma boa execução, sejam obrigatórios. (Gestora 1)

Então esse é o objetivo do Evento 1, que embora seja um evento mais leve, ele tem uma hierarquia dos elementos que a criança deve cumprir nos seus 7/8 anos, nos seus 9/10 anos, pra dar base pra ela competir lá. (Gestora 3)

De fato, alguns dos regulamentos dos eventos analisados descrevem detalhadamente as dificuldades corporais e sua execução, servindo, inclusive para **orientar o trabalho do treinador**, que foi outro objetivo encontrado nas entrevistas com as gestoras e que confirma que há uma preocupação com a formação da base ginástica das pequenas atletas:

É proibido fazer dificuldades de maior nível. Porque às vezes a treinadora pensa assim: "Ai, a minha ginasta consegue fazer." Mas ela não está pronta pra fazer, né? Então ela pode ter uma perna muito alongada, mas ela não sabe fazer um *penché* aos 7, aos 8 anos de idade (Gestora 2).

Todos os elementos valem os mesmos valores, pra quê? Pra que o técnico não procure o valor. Pra que ele procure a técnica de execução do movimento (Gestora 3).

Esses ajustes nas deduções vieram pra isso [...] em fazer com que a execução não seja um limitante, mas que ela seja uma orientação pros técnicos e pras ginastas. Em termos de construção e não em termos de penalidade. (Gestora 3).

Os relatos sugeriram uma preocupação pedagógica com o processo de formação da ginasta, já que orientam o trabalho de base, para que seja realizado com excelência, possibilitando uma execução técnica dos elementos correta, evitando possíveis queima de etapas e futuras lesões.

O cuidado das gestoras em preparar regulamentos que de alguma forma direcionem o trabalho das treinadoras para uma preparação correta das atletas é de suma importância,

sobretudo àqueles técnicos iniciantes, que por vezes, ainda não conseguiram estabelecer um planejamento que contemple a evolução técnica de suas ginastas, ou mesmo aos que buscam estratégias equivocadas de aumentar o nível de dificuldade das séries visando a um melhor resultado, sem se preocupar se esse nível é adequado ao desenvolvimento da ginasta em questão. Dentre as treinadoras entrevistadas, algumas reconhecem a importância dessas ações das federações para orientar o trabalho:

Eu acho que tem que ter um direcionamento de algumas coisas, porque temos profissionais que não sabem seguir uma linha pedagógica, né? Infelizmente... e aí pula etapas [...] e vai pulando, pulando pra ela conseguir fazer aquele elemento que é só pra ela estar fazendo lá, mais velha (Treinadora 11).

A gente teria que ver se todas as técnicas teriam o bom senso de trabalhar a base realmente antes de chegar nesses elementos, que não adianta a gente querer chegar em elementos assim, se a gente não fez a base ainda. Então talvez essa limitação [de valor de dificuldade] seja até pra que tenha esse bom senso. (Treinadora 2)

Por outro lado, a influência dos eventos e de seus regulamentos é tamanha na preparação dos treinos, que outros fatores deveriam ser percebidos e incluídos na elaboração com bastante cautela pelas federações. Mesmo na categoria mirim, momento em que o foco do trabalho deveria ser em desenvolver as bases da ginástica, focando na preparação das capacidades físicas, nos fundamentos da modalidade e na participação, percebemos nos discursos das treinadoras que o planejamento de seus trabalhos, na maioria das vezes, tem interferência direta dos regulamentos dos eventos dos quais se pretende participar, demonstrando a influência da competição na organização do programa esportivo (ARENA; BÖHME, 2000):

Se não tem nenhum evento, a gente trabalha muito mais a parte técnica, foca na parte técnica, quer que ela aprenda os movimentos corretos e que ela vá aprendendo cada vez mais coisas (Treinadora 1).

A gente foca naquele evento. Qual a exigência de uma apresentação? Ah, que elas estejam fazendo bonitinho, que elas não errem... então a gente vai ensaiar e treinar em função de cada evento, do que aquele evento está exigindo. Se o objetivo é a competição, que elas pelo menos estejam conseguindo cumprir as exigências daquela competição (Treinadora 1).

A gente segue tanto o que já vem pronto – tem que seguir isso se ela for pra essa competição, tem que seguir aquilo se for pra aquela competição – então nunca parei realmente pra analisar o que é exigido ali, sabe? (Treinadora 1).

A gente faz tipo um cronograma do que elas precisam aprender até o meio do ano, exemplo: então no meio do ano a gente foca nessas dificuldades que elas fazem no Evento 6 (Treinadora 8).

Com essas pequenininhas, [a competição] muda a questão de que eu vou ter que reduzir alguma coisa no treino, tem que reduzir um pouquinho a preparação física, pra ter um tempo pra trabalhar a coreografia, né? (Treinadora 2).

Dessa forma, as federações devem ter cuidado especial ao elaborarem os eventos, principalmente os das categorias de base, pois o desenvolvimento das atletas é influenciado, sobremaneira, pelos eventos dos quais elas participam. Essa influência vai desde os exercícios que serão exigidos (quantidade e nível de dificuldade), tamanho e configuração dos espaços, tempo de coreografia, o uso ou não de aparelhos e até mesmo a data em que os eventos acontecem. Um exemplo de como o evento pode interferir no planejamento do treinamento, foi percebido no Diário de Campo 7, durante a observação de um dos eventos:

Durante aquele evento, realizado no fim do ano, quando a maioria das escolas já entrou em férias, uma conversa de bastidores entre treinadoras me chamou atenção para o quanto o cotidiano do ginásio é direcionado pelas competições: “É muito ruim campeonato em dezembro, as meninas ficam muito tempo só treinando mãos livres” (DC7).

Essa percepção foi confirmada pela explanação de uma das treinadoras entrevistadas:

A gente acaba deixando de lado o aparelho, porque o Evento 5 nessas idades é só mãos livres. É... não sei se talvez fosse ideal competir com o aparelho nessa idade, mas eu acho muito importante o trabalho do aparelho já desde pequena e, provavelmente a maioria, e inclusive eu, perto de competição, não vou pegar mais nada de aparelho (Treinadora 2).

Na análise documental dos regulamentos (REIS-FURTADO, CARBINATTO, 2020), notamos que todos os eventos para a categoria mirim preveem apenas a prova de mãos livres, ou seja, sem aparelhos. Essa é uma conduta comum na iniciação, já que, por ser uma modalidade de movimentos extremamente complexos, o domínio dos elementos corporais já é uma tarefa de difícil execução por meninas de sete ou oito anos de idade. Apesar de comum, iniciar o trabalho da GR somente com exercícios a mãos livres para depois de executados corretamente inserir o manuseio de aparelhos, é uma prática metodológica questionável, já que estudos apontam que por meio da prática como um todo – trazida na GR pela interação entre corpo e aparelho – obtêm-se um melhor resultado na aprendizagem do que a prática em partes (CAÇOLA; LADEWIG, 2008; CAÇOLA, 2007). Além disso, o trabalho do manejo de materiais é altamente motivador para as praticantes e é essencial no início do processo de ensino e aprendizagem.

Se os eventos voltados para a categoria mirim preconizam apenas apresentações sem aparelhos, é possível que grande parte das aulas/treinamentos das equipes participantes será

voltada para o ensino e treino das habilidades exigidas na competição – mãos livres, em detrimento do trabalho com aparelhos, o que pode, em longo prazo, prejudicar o desenvolvimento das técnicas de manejo, bem como desmotivar a prática. Assim como o trecho do Diário de Campo 7 e o comentário da Treinadora 2 citados anteriormente, que apontaram que os treinadores(as) não trabalham o manejo dos aparelhos quando se aproxima da competição de mãos livres, outros técnicos sugeriram nas entrevistas que os eventos da federação já na categoria mirim poderiam trazer de alguma forma o uso dos aparelhos:

A criança quando ela começava a vivenciar aparelho, tinha campeonatos de dupla, mas não duplas juntas. Elas começavam a série com aparelho, na metade da série ela saía e a outra entrava e concluía. Então isso fazia com que elas vivenciassem os aparelhos desde pequenininhas, sem ter aquela obrigatoriedade de fazer uma série de um minuto e meio sozinha, né. Então eu acho esse programa [de outro país] bem interessante pra iniciar a vivência com os aparelhos (Treinadora 8).

Acho que poderia ter algo com aparelho, até porque a gente vê vídeos de crianças de outros lugares fazendo muitas coisas com aparelho (Treinador 2).

Eu penso que aparelho é muito importante trabalhar quando pequenas, sabe? É igual andar de bicicleta, quanto mais velho você vai andar de bicicleta, mais difícil vai ser né (Treinadora 1).

Uma maneira de estimular o trabalho com aparelhos desde os anos iniciais da prática seria inserir, mesmo que de maneira simples, seu uso nos eventos. Um exemplo são os eventos de participação e diversão sugeridos pelo LTAD do Canadá para crianças de seis a oito anos, como pequenas demonstrações de habilidades, “dia da fita” ou “mini rotinas” (GCG, 2008), que podem tanto ser um evento em si, ou momentos dentro de eventos maiores. Outra possibilidade é propor exigências básicas do manejo do aparelho na série, como por exemplo, nas competições do nível 3 dos Estados Unidos (nível mais simples) (USAGYM, 2019), são exigidos para o exercício com o arco apenas movimentos de manipulação isolados, tais como passagem por dentro do arco, rolamento do arco no solo, uma série de rotações em torno da mão e um lançamento médio; não evoluindo para movimentos complexos de interação corpo-aparelho.

Aplicar ajustes aos materiais a serem utilizados nesses eventos também é essencial para que as crianças se sintam mais confortáveis e consigam realizar os movimentos com maior facilidade e isso já é oficialmente empregado nos regulamentos das competições da CBG. Essa é uma das modificações de equipamentos propostas pela Engenharia Competitiva, que visa atingir a meta de aumentar a ação e pontuação, já que aumentar ou diminuir peso e/ou tamanho

dos materiais (bola, fita, arco, por exemplo), pode facilitar a manipulação e permitir a execução correta dos elementos (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

Não obstante, utilizar outros materiais, como o barangandã, lenços, garrafas plásticas, bastões, etc., pode facilitar o desenvolvimento de habilidades de manipulação, essenciais na GR e poderia ser uma possibilidade para iniciar as apresentações das crianças nessas primeiras competições, bem como para o início do trabalho de manejo de aparelhos nas aulas/treinos, como forma de fomentar a criatividade e exploração de movimentos diversos (MENEGALDO, BORTOLETO, 2017). As ideias de aparelhos podem partir até mesmo das próprias brincadeiras das crianças, como por exemplo, o observado nos bastidores de um dos eventos deste estudo:

Ao final do evento, após apresentarem, as pequenas ginastas permaneciam na área de aquecimento brincando de fazer ginástica: lançavam seus bichinhos de pelúcia e tentavam recuperá-los após realizarem giros e estrelinhas! Aquela brincadeira parecia tão legal quanto apresentar suas coreografias – era um grande desafio! (DC 4).

Assim como as federações buscam com os eventos aprimorar o desenvolvimento técnico das ginastas visando às competições de alto nível no futuro, as treinadoras entrevistadas afirmaram que veem uma oportunidade para **preparar as ginastas para a competição** formal, tanto no que diz respeito aos aspectos técnicos como os psicológicos:

O objetivo primeiro é elas começarem a entrar nesse meio competitivo pra elas começarem a sentir o friozinho na barriga, pra elas sentirem como é apresentar pra um público maior, pra gente inserir elas mesmo nas competições, porque no próximo ano algumas sobem pro pré-infantil, que já tem competição oficial, né? (Treinadora 8).

[O objetivo] É que elas já tenham uma maturidade um pouco precoce, né? Que a gente entende que é precoce, mas que ano que vem, por exemplo, eu tenho cinco meninas que são pré-infantil. Então a intenção é que elas não estejam estreando no pré-infantil. Que quando elas entrem no pré-infantil, elas já saibam como é entrar na quadra, como é ter a banca de arbitragem, cumprimenta, vai compete, sai... então que elas já estejam um pouco mais preparadas pra não ter aquele baque de primeira competição, em uma competição que pra gente já é importante, que é o estadual pré-infantil. (Treinadora 10).

O objetivo dessas participações é preparar ela para esse momento da competição. Uma ginasta que não tem esse tipo de vivência dificilmente vai conseguir ter uma boa experiência de competição com tão pouca idade, porque são meninas muito novas. Com nove anos de idade quando compete oficialmente, elas são muito novas ainda. Então se ela não teve uma vivência de... dos aparelhos, dos eventos, de público, de diferentes lugares, eu acho que ela chega menos preparada para a competição. Eu acho que ela tem que passar por esse processo de maturação (Treinadora 11).

Considerando que as equipes que fizeram parte do estudo são voltadas principalmente para a preparação de ginastas para o alto rendimento, compreendemos que os objetivos das treinadoras estejam alinhados com essa visão. Entretanto, mesmo que não fossem equipes que objetivassem participar de campeonatos brasileiros, vemos que grande parte dos clubes que participam de eventos como os Torneios Regionais da CBG e até mesmo os estaduais em nível secundário, trabalham nesse seguimento, ainda que de acordo com as exigências de cada evento. Apesar de os treinadores(as) terem nas apresentações e competições de base uma motivação para as crianças e demonstrarem a compreensão de que nessa idade as meninas devem participar do maior número de eventos possível como forma de estímulo, essa participação já é utilizada para **avaliar o desempenho das ginastas** e o próprio trabalho:

Na verdade, é nesse momento que a gente percebe aquela menina que vai “dar pra coisa” e a que não vai dar. Como ela se comporta diante de um público, como ela se comporta diante de uma arbitragem, como ela se comporta ou antes ou depois, a ansiedade - tem menina que empaca e não entra na quadra, né? (Treinadora 1).

Então o evento é muito importante também porque ele vai te ampliando a visão do trabalho. O que vai dar certo e o que não vai. [...] Então o evento, a apresentação me ajudam muito a como eu vou chegar na competição. (Treinadora 4).

É uma análise geral do seu trabalho, do desenvolvimento da criança, (Treinadora 6).

Além da gente ir testando a ginasta, a gente já vai vendo a evolução... e é aquilo: quanto mais entra na quadra, mais você está preparando a ginasta (Treinadora 7).

Usar a participação em um evento como forma de *feedback* do trabalho é, sem dúvida, uma estratégia interessante, pois vários aspectos podem ser avaliados por meio da apresentação e do próprio comportamento da criança diante da situação. Utilizar esse retorno como forma de preparar os próximos passos do treinamento, as correções necessárias, entre outros, pode ser extremamente benéfico para a equipe. Todavia, avaliar a participação nos eventos iniciais como forma de julgar tão precocemente se a ginasta conseguirá se desenvolver para o alto rendimento no futuro é um equívoco.

Não é possível prever se a ginasta campeã da categoria mirim será a campeã ou terá bom desempenho na categoria adulta, até porque não é possível predizer com exatidão ao menos se ela continuará a praticar a modalidade até a idade adulta – muitos fatores estão relacionados com o desenvolvimento da carreira do atleta, inclusive as fases de transição entre os diferentes estágios.

Estas transições esportivas podem ser normativas, que são previsíveis e ocorrem na passagem entre um estágio de desenvolvimento e o outro, ou não-normativas, que marcam barreiras ou crises enfrentadas pelos atletas no decorrer do tempo. A primeira delas ocorre justamente entre os primeiros anos da prática e o início da especialização esportiva. Nesse momento, existe o enfrentamento do medo do fracasso em competições e a responsabilidade em demonstrar o domínio das técnicas básicas da modalidade e, por isso, deve-se criar uma atmosfera favorável de apoio, com acolhimento e informações, independentemente dos resultados. Dentre as possíveis transições não normativas, destacamos por exemplo, o fato de não ser selecionado para competições, que pode acarretar consequências na autoestima e nas relações pessoais; e a lesões que podem levar ao encerramento precoce das carreiras, trazendo perda de confiança, ansiedade e decréscimo do desempenho (GALATTI, et al, 2017).

Essas possíveis dificuldades enfrentadas nas transições citadas, estão presentes na GR já no momento entre a categoria mirim e pré-infantil ou mesmo antes, quando se dão as seletivas para sair da escolinha e compor a equipe de treinamento ou competição. É importante passar por essas dificuldades com apoio e acolhimento do/a treinador/a, de forma a construir uma bagagem que proporcione à criança entender e superar as situações adversas. Na direção oposta a esse pensamento, é comum na GR, que meninas de oito ou nove anos não sejam selecionadas para compor a equipe para determinadas competições, ou por vezes sejam até mesmo dispensadas da equipe, em função de não terem o “perfil” que os(as) treinadores(as) esperam para uma futura ginasta de alto rendimento ou mesmo por não terem obtido os resultados esperados nas primeiras participações competitivas. Existe na iniciação esportiva na ginástica rítmica uma valorização das crianças que têm aptidão para a modalidade, deixando as demais meninas de lado, pouco explorando suas potencialidades (ANTUALPA 2011).

Portanto, a fim de passar pelas fases de transição sem maiores prejuízos, o pensamento e o planejamento dos(as) treinadores(as) devem acontecer em longo prazo, evitando considerar exclusivamente o desempenho obtido nessas primeiras fases da participação esportiva, atentando-se para o fato de que existem diversas fases e transições vivenciadas pelas atletas até que cheguem ao alto rendimento e que, em cada uma delas serão frequentes os desafios para que permaneçam na prática.

Do ponto de vista da participação em competições, o empenho nessa etapa inicial deve se voltar, principalmente, para manter as crianças na prática, incentivando a participação em eventos coerentes com o estágio de formação em que a ginasta se encontra, assim como para desenvolver as bases da modalidade, tanto os aspectos físicos quanto os técnicos e psicológicos, mas principalmente dentro de um ambiente saudável de convivência.

Logo, não basta que os eventos sejam ajustados para as demandas das crianças, com cuidados pedagógicos para que cada fase seja respeitada. É importante que os(as) treinadores(as) se atentem para a forma como apresentam as competições para as ginastas. Não é suficiente que o evento tenha como objetivo a participação das ginastas de uma forma mais leve e festiva se o(a) treinador(a) estiver única e exclusivamente pensando no resultado dessa participação. Nesse sentido, é importante que sejam realizadas avaliações sobre os eventos para verificar se os objetivos foram alcançados de acordo com as propostas e, se forem necessárias, que alterações possam ser feitas para uma nova temporada:

Quando chegou no ano passado, o que a gente observou? Os técnicos estavam trazendo as crianças que iam competir o estadual pré-infantil para participar do Evento 1. E ele estava perdendo a característica de ser uma atividade com caráter mais livre para ter uma cobrança de performance. E aí a gente achou assim: "Não! Esse não foi o nosso objetivo de criar esse evento. Nosso objetivo foi: a criança entrar no tapete, a criança se adaptar com a presença de um árbitro e ter autonomia de realizar uma coreografia, mas sem a cobrança da performance da competição". [...] Então essa é a avaliação que a gente tirou (Gestora 3).

Apesar das competições avaliadas no estudo apresentarem diversas modificações para amenizar a pressão nessa faixa-etária, durante as observações dos eventos percebemos que muitos(as) treinadores(as), confirmando o citado pelo Gestora 3, mantinham uma postura bastante rígida, deixando explícita a reprodução do modelo adulto no treinamento das crianças e uma conduta bastante tradicionalista:

Foi possível notar uma discrepância entre objetivos das equipes com relação ao evento. Em algumas delas, as treinadoras se comportavam como se a competição fosse um campeonato mundial, exigindo das crianças repetições incessantes enquanto aguardavam, gritando e vibrando muito quando elas acertavam os elementos de dificuldade da coreografia, como se já estivessem contabilizando os pontos para um bom resultado (DC5).

Esse cenário se repetiu em diversos eventos, nos três estados:

Ao chegar ao local da competição, cerca de uma hora antes do início, já havia uma equipe fazendo aquecimento, de maneira bastante formal, com uma sequência extensa de exercícios de preparação física no solo e exercícios de flexibilidade [...] a mesma equipe, antes mesmo da liberação da área de competição para aquecimento ficou repetindo ininterruptamente a coreografia do conjunto por cerca de 20 minutos, sem descanso. Foi perceptível e assustador como elas estavam habituadas a um estilo de treino de rendimento, mesmo com tão pouca idade (DC4).

As ginastas já estavam aquecendo, em suas equipes. A maioria já adotava uma sequência de aquecimento formalizada, com exercícios de solo e flexibilidade, passando depois para diagonal e realizando os exercícios de dificuldade corporal. Interessante notar que mesmo crianças bastante novas realizavam os

exercícios do aquecimento sozinhas, conhecendo a sequência completa, demonstrando que isso é uma rotina nos treinamentos [...] Durante a competição, quando uma ginasta de um nível técnico mais elevado ia apresentar, era comum treinadoras de outras equipes ficarem assistindo a série, até para poder comparar com suas ginastas e acompanhar os resultados (DC7).

Inclusive, argumentos de algumas treinadoras entrevistadas sugerem que mesmo nesse primeiro estágio de formação da atleta, o **foco é voltado para o rendimento**:

Em uma competição de oito... a partir de competição de oito anos da federação, eu quero resultado (Treinadora 1).

As que vão mais se destacando vão ficando. As outras também vão ficando, mas vão ficando assim, por exemplo, o treinador hoje está trabalhando com 12 meninas. No conjunto só vão cinco. Assim, as que melhor fizer, vão [para a competição] (Treinadora 5).

Essas condutas e posturas não representaram a totalidade dos participantes das competições. Algumas equipes e seus(as) treinadores(as) pareciam compreender, concordar e agir de acordo com o intuito dos eventos, de proporcionar uma experiência competitiva positiva para as crianças, sem cobranças excessivas e desnecessárias. Porém, o fato de existir esse comportamento entre os(as) treinadores(as) das crianças, desperta um alerta para que haja uma maior conexão entre gestores(as)/federação e treinadores(as)/equipes, no que diz respeito ao objetivo dos eventos.

Não basta que haja apenas alterações nas estruturas e regras da competição. O mais importante e fundamental é a modificação da postura do professor diante das questões relacionadas ao ambiente competitivo e, conseqüentemente, de treinamento. O que de fato acontece é que cada treinador(a) tem sua ação pedagógica de acordo com sua própria concepção de ser humano e de mundo e, embasados em suas crenças e experiências podem reproduzir modelos sem reflexão, não desenvolvendo uma consciente concepção de educação e aprendizagem, o que acarreta decisões didáticas inconscientes e incoerentes (SANTANA, 2017). É necessário que haja uma reflexão dos(as) treinadores(as) sobre suas próprias atitudes na competição, pois os valores atribuídos a ela, juntamente com a postura desses profissionais, constituem-se de modelo e parâmetro para seus alunos (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

Por essa razão, é fundamental que além de deixar claro os objetivos dos eventos e seus ajustes, exista também por parte das federações, uma orientação aos(as) treinadores(as) e pais, a fim de evitar a discrepância entre os objetivos dos eventos e da participação das equipes nos mesmos. Quando isso acontece de maneira explícita no que diz respeito aos seus objetivos, as crianças poderiam participar em um evento que melhor correspondesse a sua motivação,

habilidade e maturidade (WIERSMA, 2005). É preciso que existam espaços de reflexão e discussão entre treinadores(as) e gestores(as) para que haja a conscientização de todos acerca do assunto. Isso pode acontecer durante o congresso técnico das competições ou mesmo nas assembleias anuais das federações, durante as reuniões técnicas, em que são discutidos, votados e aprovados os regulamentos dos eventos do ano.

Outros espaços de formação continuada que levem os treinadores(as) a buscarem uma prática reflexiva, também são de extrema importância. O ambiente não formal, que envolve cursos técnicos específicos da modalidade, estágios internacionais, cursos de arbitragem, entre outros espaços, se mostraram como os locais de aprendizagens mais significativos para treinadores(as) experts de ginástica rítmica investigados no estudo de Sampaio (2017) sobre a formação de treinadores(as). Ademais, as situações informais, presentes principalmente na troca de experiências com outros(as) treinadores(as), também trouxeram grande impacto e propiciaram significado para a carreira dos treinadores(as) que participaram da pesquisa (SAMPAIO, 2017).

Sendo assim, é importante considerar que a formação dos treinadores(as) esportivos, como um processo que ocorre ao longo da vida, deve promover a reflexão sobre a própria prática em diferentes aspectos relacionados ao desenvolvimento de atletas, inclusive os pedagógicos trazidos no presente estudo. É igualmente importante que as federações de ginástica e a Confederação planejem uma base de formação que promova o amadurecimento e crescimento dos(as) treinadores(as) de GR brasileiros (SAMPAIO, 2017) e proporcionem esses espaços de reflexão. Ainda faltam programas institucionais que promovam a formação continuada de treinadores(as) de ginástica rítmica. O que vemos em nosso país são cursos que ocorrem por iniciativas privadas, que trazem conteúdos repetitivos, por vezes até mesmo ultrapassados (ANTUALPA, 2011).

Mais do que alinhar objetivos entre gestores(as) e treinadores(as), é necessário delinear internamente os objetivos das federações com a própria filosofia de trabalho da entidade. O que realmente se quer com os eventos para a categoria mirim (ou com cada um deles)? Apesar das federações terem a ampliação da participação como um objetivo bastante forte nos discursos, alguns deles sugerem que isso só é relevante para se ter um quantitativo suficiente para detectar talentos para o alto rendimento, o que na realidade demonstra que o principal objetivo das competições oferecidas (até mesmo as da categoria mirim) é na verdade formar atletas de elite. Da mesma forma, entre os(as) treinadores(as), mesmo compreendendo que se apresentar em um evento é uma forma de motivar as crianças a continuarem na prática e desenvolver diversos aspectos para além dos técnicos, o objetivo maior de mantê-las, por vezes, não diz respeito

diretamente à oportunidade dada para a ginasta e sim à possibilidade do treinador de ter um talento em mãos no futuro:

Então, mesmo a gente sendo, ah... rigorosa pra idade assim, talvez... tendo essa questão do horário, horário de beber água, de ir ao banheiro, de lanchar, a gente tem que fazer de um jeito com que elas se apaixonem e não desistam... pra gente não perder os talentos (Treinadora 8).

Nesse seguimento, trabalhar sobre a ideia de manter diferentes públicos e níveis de competição, alinhando os objetivos entre quem oferece e quem participa do evento, parece ser um dos caminhos para proporcionar espaços em que todas as crianças consigam se desenvolver no esporte, independente se chegarão ao alto nível ou não. Manter (ou criar) competições em uma vertente de participação, além de ampliar a possibilidade de detectar e desenvolver possíveis talentos, permite muito mais do que isso: que as crianças sejam valorizadas dentro de suas capacidades e respeitadas em suas limitações; que elas tenham a oportunidade de vivenciar a competição e consigam aprender não só as regras da modalidade que praticam, mas os valores que o esporte pode ensinar.

5.3 Ajustes nas competições e suas implicações pedagógicas para além dos regulamentos: destaques da observação em campo

Participar de uma competição ou mesmo de uma apresentação de ginástica rítmica não é uma tarefa tão simples quanto parece. Ainda mais quando falamos de crianças que não vivenciaram tantas experiências a ponto de terem bem elaboradas em si as questões sobre o julgamento social. Ao longo da vida, experimentamos diversas situações que nos preparam psicologicamente para enfrentar a constante avaliação dos que nos rodeiam. Ainda que sejamos mais ou menos tímidos, passar por uma ocasião em que seu desempenho é julgado, nem sempre é confortável e na maioria das vezes causa certo grau de ansiedade, medo e vergonha. No esporte, essa sensação pode destruir o equilíbrio psicológico do atleta, podendo até mesmo acabar com uma carreira esportiva promissora (TERTULIANO; MACHADO, 2019).

Dentre muitas possibilidades de razões do medo no esporte, destacamos o medo do fracasso e do vexame social perante a observação de outras pessoas, o que pode significar para o atleta a diminuição do valor de sua capacidade (VILANI; SAMULSKI, 2002). Além disso, as reações ao medo podem causar diminuição da autoestima, desconforto ou vergonha em frente aos colegas, comprometendo até mesmo o bem-estar físico do atleta (DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015). A vergonha, por sua vez, é apontada como uma das

emoções que mais afeta a resistência psicológica do atleta e, conseqüentemente dificulta a formação da resiliência diante da situação (WEINBERG; GOULD, 2001).

Quando imaginamos uma competição de ginástica rítmica de alto nível, visualizamos diversos fatores que contribuem para que essa ansiedade seja ainda maior. A ginástica rítmica de alto nível não tolera erros – é uma modalidade em que a ginasta deve demonstrar em um minuto e meio o resultado de um processo de anos de trabalho com a maior perfeição possível; esse tempo é o período no qual qualquer deslize pode acarretar deduções que afastam qualquer chance de destaque: uma boa colocação, uma final, uma medalha. Entrar em uma quadra de 13m x13m sozinha e encarar cerca de 20 árbitros que estão ali para julgar seus movimentos nos mínimos detalhes, definitivamente não é pouca coisa. Isso sem contar o público presente e familiares, que aguardam um belo espetáculo e criam suas expectativas. Conquistar segurança e competência técnica para se colocar nesse lugar já é um processo longo e complexo, que todos os atletas de alto rendimento passam. Quando além disso há uma cobrança pelo resultado, vindo do(a) treinador(a), pai ou dirigente, a pressão é exponencialmente ampliada.

Uma ginasta de nove anos, quando inicia sua participação em campeonatos oficiais já enfrenta tudo isso: o público, os árbitros, a expectativa do(a) treinador(a), os 13m x 13m, a solidão nesse espaço, a pressão de ser a única responsável por executar sem erros tudo aquilo que foi treinado, o medo de decepcionar os que depositam as expectativas em uma boa performance. Iniciar a vida competitiva em eventos com a carga tão elevada de estresse pode trazer situações que não são tão incomuns em competições de ginástica para crianças: a ginasta que não quer entrar na quadra na hora em que é chamada, a que interrompe o exercício porque esquece a sequência, a que sai correndo e chorando durante a apresentação, enquanto a música continua a tocar.

Esse é um dos motivos pelos quais é fundamental que o ambiente competitivo seja apresentado às meninas de forma progressiva e responsável. As gestoras das federações discursaram sobre esse cuidado ao relatar sobre os eventos para a categoria mirim oferecidos pelas entidades:

Eu não vejo a competição como algo que vai prejudicar. Mas ela tem que ser feito com muita responsabilidade (Gestora 2).

O Evento 1 veio para permitir uma iniciação à ginástica de uma forma mais agradável para as crianças. Para que ela não tivesse uma característica pesada em termos de competição (Gestora 3).

Como já mencionado, para oportunizar a participação em eventos com uma característica mais leve é bastante comum a realização de **eventos internos** nas equipes, como

os festivais ao fim do semestre ou do ano, apresentações em datas comemorativas, como uma forma das crianças vivenciarem situações semelhantes às da competição, nas quais elas apresentam coreografias com os elementos aprendidos nas aulas, além de darem um retorno aos pais sobre as atividades trabalhadas no período. Em todas as equipes que fizeram parte do estudo, as treinadoras relataram que incentivam o maior número de apresentações, principalmente por meio dos festivais promovidos pelas próprias instituições.

Promover competições internas é uma das cinco disposições fundamentais para o treinador de jovens, dentro do Modelo da Participação Competitiva. Isso possibilita adaptar as regras de acordo com o interesse do treinador em função dos objetivos de aprendizagem e nível em que os atletas atuam, podendo assim ampliar o volume em competições daqueles que participam em menos competições oficiais, independente dos motivos (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017).

Esses eventos, na GR, além de proporcionarem a experiência da apresentação, colocam as pequenas ginastas em contato com o público, inicialmente formado pelos seus pais e das demais colegas, assim como balizam a avaliação para as treinadoras, pois esses já conseguem notar características em suas ginastas que sinalizam a forma como vão se comportar em eventos competitivos oficiais. Ademais, acaba sendo um estímulo para as crianças permanecerem na prática, pois a referência que elas têm da modalidade é a da ginasta que elas veem na TV ou que já viram em alguma apresentação:

Elas querem o show. Elas querem o brilho da apresentação. A beleza da ginástica rítmica. Elas querem aquela coisa de mostrar, de se exibir mesmo. É o collant, é o coque, é a música, é o pai que vai assistir, vai levar o tio. É o show, elas querem se exibir mesmo. (Treinadora 11).

Ainda que seja um acontecimento que a grande maioria das crianças almeja quando pratica ginástica rítmica, se apresentar, seja nos eventos internos ou nas primeiras competições, traz uma carga de ansiedade considerável, sendo uma das **dificuldades das competições na infância**:

Não é uma situação tão simples, né? Um ser humano se apresentar e ser julgado (Treinadora 1).

Cada vez que a ginasta, mesmo quando é pequena, entra na quadra, ela está muito nervosa pra fazer tudo aquilo que ela treina. E sempre é assim (Treinadora 7).

Pra elas é como se elas estivessem competindo. Coraçãozinho bate super forte, você coloca a mão assim, a bichinha está lá gelada! (Treinadora 8).

Participamos do Evento 1. Para elas é como se elas tivessem num Campeonato Mundial. Então naquele momento era o auge do que elas eram capazes [...]. Independente se todas eram medalhistas, [...] para elas, aquilo era o máximo (Treinadora 11).

Por essa razão, é imprescindível que os eventos, principalmente nos primeiros anos de prática, sejam voltados para oferecerem experiências positivas para crianças, trazendo o entendimento da modalidade e inserindo cuidadosamente a competição, a fim de minimizar frustrações que possam se tornar traumas na vida dessa criança. Compreender a competição como um lugar em que acontece a vitória e a derrota é importante, até porque, este é um ambiente controlado justamente para ensinar o esporte em sua essência, na qual a competição é componente fundamental (MONTAGNER & SCAGLIA, 2013; BENTO, 2006). Porém pressões excessivas e desnecessárias podem trazer desmotivação suficiente para o abandono da prática em um momento em que deveria acontecer o oposto: surgir a paixão pela modalidade.

É isso o que as alterações nas competições buscam promover: adequações que possam proporcionar um ambiente competitivo mais leve e saudável, que esteja de acordo com nível de compreensão e desenvolvimento das crianças participantes. De acordo com a proposta do Modelo de Participação Competitiva (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017), nos anos de experimentação do MDPD (CÔTÉ; BAKER; FRASER THOMAS, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), momento em que as crianças iniciam a prática esportiva, seria apropriado que elas participassem de competições de nível 1 e no máximo de nível 2, que começam a envolver as primeiras noções de vitória e derrota típicas de um ambiente competitivo formal (WIERSMA, 2005). A análise documental dos regulamentos, nos mostrou que os eventos avaliados no estudo apresentaram ajustes que os enquadraram nesses níveis de classificação (REIS-FURTADO; CARBINATTO, 2020).

Nesse sentido, destacamos as principais características observadas nas competições oferecidas pelas federações estaduais para a categoria mirim, que demonstram o cuidado das gestoras em trazer às participantes um ambiente competitivo coerente com a idade e a fase de desenvolvimento das crianças. Recorrentemente, mesmo que o regulamento preveja uma série de adaptações para simplificar a competição para as crianças, a cultura já pré-estabelecida da modalidade influencia sobremaneira a forma como o evento vai acontecer e por isso, é essencial que todos os envolvidos compreendam seus objetivos.

Utilizando a Engenharia da Competição (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011) como base teórica para classificar os ajustes realizados nas competições, identificamos três principais tipos de modificações nos regulamentos analisados,

que foram sendo trazidas no decorrer da discussão: a. nas regras, que envolveram as características gerais das provas, aspectos técnicos, classificação e julgamento; b. nas instalações, que trouxeram ajustes na área de competição; c. nos equipamentos, que sugeriram ajustes na vestimenta das ginastas, bem como na utilização de aparelhos.

Destacamos, nesse momento, aqueles ajustes que trouxeram à tona reflexões durante a fase de observação dos eventos, relacionadas principalmente à classificação e premiação, assim como à vestimenta, aspectos esses previamente identificados na análise documental. Para além disso, ressaltamos também as modificações realizadas nas competições que não estavam explícitas nos regulamentos, e que só puderam ser percebidas por meio da observação.

5.3.1 Da classificação e premiação nos eventos

Verificamos nos regulamentos analisados, que todos os eventos preveem ajustes na forma de premiação quando comparados aos campeonatos da categoria adulta, em que apenas os três primeiros lugares são premiados. De maneiras diferentes, os seis eventos analisados oferecem medalhas a todas as participantes, o que corrobora a ideia das competições pedagógicas, em que todos devem sair premiados (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013). Essa orientação é dada justamente porque neste contexto não se deve identificar o vencedor e sim, valorizar simbolicamente as diferentes vitórias que cada praticante obteve pessoal ou coletivamente.

No Evento 6, único em que não havia qualquer forma de classificação, todas as ginastas foram premiadas igualmente com uma medalha de participação e cada treinadora recebeu após o término das apresentações um *feedback* do desempenho das ginastas, por meio da devolução da ficha do exercício arbitrada.

Os Eventos 1 e 2, apesar de também premiarem as ginastas, trouxeram uma classificação que proporciona ao longo das participações a avaliação da progressão dos resultados: o regulamento previa que 20% das meninas, que obtivessem as notas mais altas nas apresentações receberiam medalha de ouro, 30% de prata e 50% de bronze. De forma semelhante, porém com base nas notas obtidas, o *Xcel Program*, programa de competições dos Estados Unidos estabelece índices para a premiação, sendo notas até 6.9 classificadas em terceiro lugar, entre 7.0 e 8.4 em segundo lugar e acima de 8.5 em primeiro (USAGYM, 2020a).

Durante a realização dos eventos 1 e 2, foram anunciadas todas as ginastas que ficaram em 3º lugar, que se posicionaram em frente ao pódio, enquanto as treinadoras eram chamadas para auxiliar na entrega das medalhas, e assim sucessivamente, até que todas fossem premiadas.

É importante salientar que, mesmo na etapa de conjuntos, os nomes de todas as meninas foram citados durante a premiação, o que traz a sensação de reconhecimento pela participação tanto para as meninas quanto aos seus pais. As meninas demonstraram satisfação em receber a premiação, evidenciando que compreenderam a dinâmica da classificação do evento:

Principalmente as meninas mais velhas (9 anos), talvez as que já participaram em edições anteriores desse evento e pareciam entender melhor sobre a competição, quando chamadas para a premiação, demonstravam muita surpresa e alegria, abraçando as colegas, pulando em frente ao pódio! Foi muito bonito ver a emoção das meninas recebendo suas medalhas, mesmo sabendo que outras equipes adversárias também recebiam a mesma premiação ao lado. Havia um nível de competitividade, em que as meninas estavam felizes pelo seu resultado, pela sua própria vitória, independentemente de ter vencido ou não outra ginasta ou equipe (DC1).

Quando existe, por parte das crianças, o entendimento da forma como a competição se realiza, elas sabem o que esperar dos resultados. Isso só é possível quando o(a) treinador(a) também compreende os objetivos e a maneira como o evento classifica e assim, pode orientar tanto as ginastas quanto os pais, que nesse estágio da formação da atleta encontram-se (e devem estar) muito presentes, até para que seja possível a participação da criança no esporte.

Acerca da presença dos pais, diferentes posturas revelaram níveis de compreensão distintos acerca dos objetivos dos eventos:

Antes do início do evento uma conversa entre mães de ginastas na arquibancada me chamou atenção: “A minha filha ficou triste na última competição, porque ficou em segundo lugar” – disse uma das mães. “Ainda bem que não é só uma que ganha, são várias!” – completou a outra. Esse diálogo demonstrou que as mães compreendem como funciona o esquema de premiação do evento e estão preparadas para intervir junto às filhas, independente do resultado da participação (DC6).

Quando o objetivo do evento é claro a todos os envolvidos, evita-se cobranças excessivas e condutas inapropriadas (WIERSMA, 2005), como, por exemplo, o observado em outra competição:

Havia uma disputa de torcidas bastante definidas, na qual os familiares na arquibancada, acompanhavam anotando as notas que iam saindo no placar, vibrando quando o resultado era melhor do que o de outra equipe e lamentando quando não era o suficiente para vencer. Isso acontecia até mesmo quando as notas eram divulgadas durante a apresentação de outras crianças, por vezes atrapalhando a concentração da ginasta. Esse comportamento revela a falta de compreensão dos familiares dos objetivos da competição, que teoricamente, segundo o regulamento, busca promover a participação e iniciação das crianças na modalidade (DC4).

Se os(as) treinadores(as), pais e ginastas tivessem ciência e compreensão sobre o nível e objetivos daquele evento, provavelmente a busca do resultado não seria o aspecto mais

relevante ao assistir à competição. Destarte, é fundamental que os pais também estejam cientes dos objetivos que o evento pretende atingir, sendo corresponsáveis pelo sucesso do processo de aprendizagem da competição esportiva (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013). Mesmo nas competições de alto nível, há que se respeitar a performance dos adversários, seja na vitória ou na derrota, sendo a ética e a compreensão, aspectos da formação moral do esporte, que devem estar presentes nas ações de todos os envolvidos nele. Ser e ter caráter, assumindo-se como modelo de moralidade define o “ser esportista”; é essencial os esforços para a concretização dos princípios de respeito, aceitação, compreensão e tolerância na prática esportiva (BENTO, 2006).

Para evitar situações como essa, uma estratégia interessante foi adotada nos eventos 1 e 2: apesar de haver avaliação e classificação por meio de notas sobre o desempenho das ginastas, não existe nessas competições a divulgação das mesmas em tempo real; os resultados detalhados na súmula somente são liberados no site da federação no dia seguinte ao evento. Ação semelhante pode ser verificada no regulamento das competições de base nos Estados Unidos, no qual “as pontuações não são exibidas em nenhum evento do *Xcel Program*” (USAGYM, 2020a).

Essa conduta pode até ser questionada quanto à transparência dos resultados, porém em um evento em que o objetivo principal é a participação e no qual todas as crianças têm seu desempenho reconhecido por meio de premiação, as pequenas diferenças entre notas, que nos campeonatos oficiais significam às vezes 10 posições ou mais na classificação geral, aqui pouco importam. O peso do resultado é minimizado quando a classificação passa a ser percentual e a divulgação das notas passa a não ser tão importante no momento da competição, servindo melhor como *feedback* posterior ao treinador para avaliar a evolução de suas ginastas.

Ainda sobre a forma de premiação adotada nas competições analisadas, os eventos 3, 4 e 5, apesar de também premiarem todas as ginastas, ampliaram o pódio para as seis ou 10 primeiras colocadas, enquanto as demais participantes recebem ao final da cerimônia de premiação, medalhas de participação.

Em contraste com a alegria das meninas chamadas ao pódio, o anúncio para a premiação com as medalhas de participação aconteceu de uma forma bastante desmotivante: “*os conjuntos que não levaram medalha, compareçam na frente para receber medalha de participação*”. Algumas ginastas até pareciam envergonhadas ao se levantarem para receber seu prêmio (DC2).

Mais do que receber uma premiação, é preciso que a criança compreenda seu valor. Talvez para as crianças de até oito anos, ou para aquelas que nunca participaram de uma

competição, ou mesmo nos eventos em que não há classificação e todos recebem o mesmo prêmio, o fato de ir para casa com uma medalha seja entendido como uma recompensa pela dedicação nos treinos ou como um incentivo para uma próxima participação. Porém, à medida em que as crianças passam a compreender a competição e começam a ter as primeiras noções sobre vitória e derrota, é possível que a medalha de participação tenha pouco significado, ou até mesmo que ela sirva como um prêmio de consolação por não ter obtido o mérito de conquistar as primeiras colocações.

Por mais novos que sejam os praticantes (exceção para crianças até 7 ou 8 anos), eles normalmente compreendem o processo e sabem reconhecer a vitória, a derrota e o mérito ou não em receber a premiação (CANAN, 2018). Neste ínterim, a maneira de anunciar o prêmio e de classificar pode fazer toda a diferença.

Talvez, neste caso, receber medalha de participação e não receber nada, tenha o mesmo efeito. O problema não está ligado à frustração de não receber a premiação, pois isso faz parte do aprendizado sobre a competição esportiva, assim como sobre a competitividade em várias situações na vida. Quando a criança está ciente que participará de uma competição em que ela pode ou não ser campeã ou premiada, quando ela sabe quais os objetivos dessa participação e compreende de que forma é feita a premiação daquele evento, ela passa a elaborar isso dentro de si. Esse processo faz parte do entendimento do esporte e da competição e é essencial para todo atleta.

Premiar a todos sem critérios, como no caso das medalhas de participação, pode até confundir essa compreensão. Esse é mais um motivo pelo qual é fundamental que existam diversos níveis de competição e oportunidades de participação – para que todas as ginastas tenham a possibilidade de obter êxito real no evento – que ela realmente alcance as primeiras colocações e se sinta merecedora do prêmio. A desmotivação certamente aparecerá se a atleta vivenciar em suas experiências competitivas apenas derrotas, mesmo que receba medalhas de participação.

Eu acredito que faça essas crianças se motivarem a seguir adiante são esses exemplos de quando elas são menores. Eu acho que isso faz com que elas queiram ou não queiram continuar: o tanto de frustrações que elas têm quando são pequenas. Assim, de um evento em que ela não está preparada, que a gente joga a criança lá com uma coreografia de nível que ela não tem ainda. Já tive ginasta que eu exigi demais quando era criança e não aguentou ficar (Treinadora 11).

Assim, pensar cautelosamente a forma de classificação de um evento, assim como a maneira como acontecerá a premiação é algo que deve ser realizado pela organização com

afinco, não apenas nas categorias de base, como é o caso deste estudo, mas também se queremos manter atletas na modalidade e desenvolvê-las em longo prazo.

Para além da gestão, as treinadoras também devem estar atentas ao nível de suas ginastas para possibilitar que elas participem de competições compatíveis com o seu desenvolvimento, assim como para mediar de forma coerente a relação da criança com a incerteza do resultado, deixando de valorizar apenas a vitória, mas preparando as atletas para lidarem também com possíveis derrotas (GALATTI et al, 2013). A competição pode (e deve) auxiliar a criança na construção de um conceito de vitória que supere a ideia do triunfo sobre os outros, mas que seja orientado para a realização de objetivos por meio da superação de desempenhos anteriores, em diferentes dimensões pessoais, não apenas da performance esportiva (BALBINO, et al, 2013).

5.3.2 Acessando o universo infantil: dos collants às fantasias, dos balões aos personagens

Ajustes com relação às vestimentas das ginastas foram identificados nos regulamentos de três dos seis eventos analisados. Os eventos 1 e 3 sugerem que as ginastas utilizem fantasias, caracterizando os personagens referentes às músicas escolhidas para as coreografias. Oficialmente, o código de pontuação da GR prevê uma série de regras para os collants de competição que, se não cumpridas, acarretam penalidades. Em geral, são luxuosos, com muitos bordados e texturas e, conseqüentemente, de alto custo. As gestoras das federações nas quais essa sugestão ocorre nos regulamentos, comentaram sobre essa adaptação nos regulamentos:

E nesse “babyzinho” que é o nosso xodó, elas podem utilizar fantasias, pra fazer o trabalho de expressividade e arte na GR de acordo com a música. Tem premiação especial para quem vem de fantasia que está dentro do contexto da coreografia (Gestora 1).

A criança ela pode vir fantasiada, para desmistificar um pouco dessa questão da competição [...] pra tirar essa carga pesada da competição. (Gestora 3).

Identificamos uma relação direta desse ajuste com a meta de engajamento de aumentar o envolvimento pessoal, prevista na Engenharia Competitiva (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011), uma vez que o uso das fantasias aproxima a prática esportiva do imaginário infantil, podendo ser um fator motivacional significativo no processo de composição coreográfica. Ademais, essa ação tem potencial de estimular o envolvimento da ginasta na criação e interpretação expressiva do exercício, valorizando o aspecto artístico presente na modalidade e trazendo um clima festivo à competição, envolvendo não só as ginastas, mas também o público que prestigia o evento:

O uso das fantasias despertou a curiosidade e empolgação nas crianças que estavam assistindo à competição na arquibancada: “Nossa! Olha a fantasia daquela! Será que ela vai usar a música da Moana?” E seguiam cantarolando as músicas e se divertindo com as coreografias (DC4).

Apesar de entendermos este ajuste na vestimenta como positivo nesses aspectos, verificamos durante os eventos que nem todas as equipes aderiram à sugestão das federações, levando suas ginastas com collants de competição. Sobre isso, uma das treinadoras entrevistadas mostrou a preocupação de já no momento dessas primeiras competições, trazer o entendimento de como funciona esse ambiente, inclusive por meio da vestimenta:

É uma competição bem tranquila, as meninas podem ir até fantasiadas, se quiserem ir de princesa podem ir. Aqui a gente não acata isso ... eles [a federação] pedem que seja de preferência fantasia, pra deixar um ar bem lúdico [...] A gente tenta levar elas de collant, mais pela questão de já entender que é uma competição de ginástica, mesmo sendo super tranquilo e porque elas mesmas querem. Elas olham a ginasta do alto rendimento de collant, elas não veem a hora de fazer um collant, elas não veem a hora de ter o collant delas, então acaba que a fantasia elas usam em outras ocasiões e elas preferem o collant (Treinador 10).

De fato, espelhar-se no ídolo é um dos estímulos para iniciar uma prática, tendo em vista que a mídia interfere de forma significativa, pois é capaz de elevar o status do atleta campeão, imprimindo a eles a imagem de super-homens, o que influencia até mesmo a procura por uma determinada modalidade e gera a ideia do atleta como referência (LOPES; NUNOMURA, 2007). Isso ficou nítido quando em um dos eventos observados foi anunciada a presença de uma ginasta olímpica no ginásio. Várias meninas quiseram tirar fotos, pedir autógrafos e conversar com aquela que é exemplo do que se almeja ser.

Contudo, ao observar as competições, foi notável que as crianças fantasiadas curtiram o evento de forma diferente: interagiam mais entre si, queriam ver as fantasias de perto, questionando as colegas sobre as músicas que usariam, procuravam assistir às séries das meninas que usavam roupas de seus personagens favoritos e, de uma maneira geral, divertiam-se com aquele momento:

E lá estavam elas, as ginastas. De um lado Moanas, Elsas, Malévolas e Mônicas rodopiavam e pareciam flutuar pelos bastidores. Seus olhos transpareciam uma leveza e alegria contagiante! Do outro, meninas de 7 anos perfiladas, apontando suas pontas de pés ao “infinito e além”, sem entender muito bem o que isso significava (DC5).

A busca por um ambiente mais próximo da linguagem da criança, por meio das fantasias, não só trouxe a ludicidade, como também permitiu que as meninas tivessem mais momentos de socialização entre elas – tanto com as parceiras de equipe, quanto com as adversárias. Promover

relações sociais positivas é outra meta de engajamento prevista pela Engenharia Competitiva (BURTON, GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011), que, neste evento, apesar de não ser uma regra voltada diretamente para a socialização, possibilitou e incentivou a interação entre as ginastas, através da curiosidade e interesse sobre as fantasias.

O aspecto visual dos eventos foi bastante valorizado pelas federações. Os locais de competição sempre estavam muito bem decorados, na maioria das vezes trazendo temas, músicas infantis e balões coloridos como forma de criar um clima convidativo às crianças. Até mesmo a presença de personagens fez parte desse momento festivo, como por exemplo, o registrado no Diário de Campo 1:

Antes do início do evento, o público contou com a presença de um palhaço, que trouxe entretenimento enquanto as ginastas se preparavam para o desfile de abertura, trazendo um clima divertido para a competição. Durante a cerimônia de abertura, ao som de músicas infantis, nos transportamos por alguns instantes para um circo, com uma apresentação especial do palhaço para as meninas, envolvendo os pais e árbitros em uma grande diversão! (DC1).

O clima de conagração e alegria não retirou o caráter educativo do ambiente. Notamos que os eventos são, sobretudo, um local de aprendizado dos rituais e tradições das competições. Neles, as ginastas eram orientadas a todo momento, seja pelo apresentador que estava ao microfone, seja pelos treinadores(as), árbitros e demais organizadores.

No Desfile de abertura, durante a execução do hino nacional, houve orientação pelo microfone de como as ginastas deveriam se posicionar: “Meninas, podem permanecer em pé, olhando aqui para a bandeira do Brasil!” A comunicação foi sempre acessível e direta para as ginastas, mostrando um aspecto educativo, inclusive na fala da presidente da federação, que fez um discurso bastante motivador para as meninas e seus pais, destacando a importância do envolvimento e apoio da família no esporte (DC1).

Durante a premiação, as ginastas foram orientadas pelo microfone a cumprimentar as demais colegas premiadas, no sentido de educar para os rituais de premiação habituais na ginástica rítmica, assim como para reconhecer o mérito dos adversários. (DC4).

Após cada apresentação, as ginastas saíam da quadra e eram recebidas em um sofá ao lado da quadra, momento esse que também acontece nas competições oficiais para que as ginastas aguardem a nota sair no placar. No caso deste evento, as meninas saíam da quadra e o palhaço as recepcionava no sofá para tirarem fotos de recordação e comemorem a apresentação (DC1).

O clima rígido e tenso das competições oficiais foi amenizado também por algumas modificações de regras que não estavam no regulamento. Por exemplo, a realização da coreografia com música antes do início da competição, juntamente com suas companheiras de equipe e adversárias, como forma de aquecimento; a possibilidade de comunicação entre

treinador e ginasta durante a apresentação, o que é terminantemente proibido e passível de penalidade nas competições oficiais; e, nova oportunidade de apresentação em casos de hesitação:

Ao ouvir seu nome sendo chamado para a apresentar, a criança ficou tão nervosa que começou a chorar e paralisou. Nesse momento a treinadora, com muito carinho, acolheu a garota e aguardou a posição da diretora de arbitragem, que prontamente parou a competição e foi em direção à ginasta. Houve uma conversa por alguns instantes e após a ginasta se acalmar, a competição continuou com a próxima criança, enquanto aquela iniciou novamente sua preparação para apresentar ao final de todas. Quando chegou a sua vez, a pequena não hesitou e se apresentou lindamente. Isso não seria possível nos campeonatos oficiais – foi uma alteração de regras importantíssima para que essa criança levasse consigo uma experiência boa daquele evento. A compreensão da diretora da competição foi essencial para que essa garota tivesse a chance de enfrentar o seu medo e estreiar nas quadras, como previsto. (DC4).

A mesma conduta foi tomada quando outra ginasta interrompeu o exercício no meio e deixou a quadra chorando, sem finalizá-lo. Essas reações das atletas podem ser interpretadas como medo, que no esporte, pode impedir a continuidade de uma ação, causar a desistência de realizar alguma habilidade, assim como de imobilizar as ações em casos específicos, causando reações como o desconforto e a vergonha (DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015).

Em campeonatos oficiais a segunda chance de apresentação só é possível em caso de “força maior”, como uma falha da organização, desde que aprovada pelo júri superior, por exemplo: queda de energia, erro no sistema de som etc. (FIG, 2018). Caso essa regra fosse aplicada neste evento para iniciantes, as garotas não teriam a oportunidade de cumprir o seu objetivo de apresentar pela primeira vez em uma competição de ginástica rítmica e, muito provavelmente, as recordações sobre essa participação seriam ligadas a sentimentos como incompetência, vergonha ou frustração. Algumas meninas até poderiam apreender a situação como uma lição para em uma próxima oportunidade, superar-se. Entretanto, muitas outras podem levar como um trauma e simplesmente abandonar o esporte, haja vista que sensações como essas, podem acabar com a carreira esportiva de uma atleta (TERTULIANO; MACHADO, 2019).

O bom senso dos responsáveis pela condução da competição é essencial para resolver possíveis situações não previstas, amparados justamente pelos objetivos expressos no regulamento. A tomada de decisão da árbitra responsável pela direção desse evento e de outros em que situações semelhantes aconteceram, demonstrou compreensão do contexto em que as competições estavam inseridas.

Com relação à conduta da arbitragem, foi possível, em alguns dos eventos analisados, sentir um clima bastante ameno entre os árbitros nas bancas. Na maioria deles, os árbitros pareciam estar relaxados e curtindo o evento, por vezes interagindo com as ginastas, sorrindo para elas durante as apresentações e comentando entre eles sobre as coreografias, com um ar de admiração.

Nas competições oficiais a tensão predomina e a pressão sobre a arbitragem é extrema, pois é um processo contínuo de tomadas de decisão, realizadas por meio de processos subjetivos de avaliação, pautados em critérios definidos pelo Código de Pontuação da modalidade (DEBIEN, et al, 2014). Um dos aspectos que leva a geração do estresse dos árbitros de GR é a própria natureza do julgamento, que não provém de um sistema automático de medida, sendo a avaliação do desempenho do atleta função primordial da arbitragem (DEBIEN, et al, 2014). São muitos detalhes que precisam ser visualizados, anotados, quantificados e ainda, a nota não pode ter muita diferença das demais.

Além de toda a pressão já existente pelo próprio peso da função, que exige demasiada concentração e foco, os árbitros ainda são pressionados indiretamente pelos olhares fiscalizadores e falas do público, dos(as) treinadores(as) e dirigentes, que, ávidos pelo resultado, questionam sua imparcialidade em qualquer movimento ou conversa suspeitos.

Essa tensão presente na arbitragem também chega às ginastas, que se deparam com rostos fechados, olhares concentrados e canetas anotando cada passo. Vemos isso nas competições da categoria adulta, mas também nas categorias pré-infantil e infantil, em que apesar de competirem em eventos oficiais, ainda são crianças entre 9 e 12 anos. Dentre os eventos analisados no estudo, com idades abaixo dessas, apesar da maioria apontar para posturas mais leves dos árbitros, ainda presenciemos condutas que acabam amedrontando e afastando da ginasta o entendimento do árbitro como um colaborador do processo da competição:

Após apresentar-se, as ginastas ficavam nas arquibancadas assistindo as demais, aguardando a premiação e comentando sobre a competição, que continuava: “Eu estava com medo daquelas juízas lá, estavam com umas caras tão desanimadas!” (DC2).

Amenizar a tensão presente nas bancas de arbitragem também favorece para que as crianças desmistifiquem os medos acerca do árbitro e a postura deles nesses eventos de iniciação, pode contribuir para isso. É importante que no processo de iniciação às competições, as ginastas conheçam os papéis assumidos por diferentes atores do esporte. Essa orientação faz parte da aprendizagem da própria modalidade e deve ser ensinada pelo treinador. Muitas vezes,

como no caso dos treinadores(as) que fizeram parte deste estudo, eles também são árbitros e conhecem a realidade de quem julga. Instruir como é realizada a avaliação, assim como levar a atleta a compreender o trabalho da arbitragem, mostrando a complexidade da função, que também é passível de erros, coloca o árbitro em um lugar de colaboração e não de inimizade perante a ginasta. Ensinar aos alunos que os árbitros apenas fazem as regras serem cumpridas, sem interferir nos resultados, é, portanto, necessário para pensarmos a competição de forma diferente dos padrões (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

Esses detalhes omissos nos regulamentos, geralmente são discutidos no congresso técnico do evento, momento em que os(as) treinadores(as) confirmam a participação das ginastas e algumas dúvidas são esclarecidas junto à direção da arbitragem e da competição. Ações desse tipo só são possíveis quando há o entendimento de que as competições na infância são ambientes para se aprender o esporte e isso não necessariamente quer dizer que devam acontecer exatamente da mesma forma como acontecem os campeonatos adultos. Pelo contrário, é necessário compreender que as tensões e pressões devem ser minimizadas, proporcionando momentos de confiança entre os(as) treinadores(as) e jovens atletas e de acolhimento, quando existe o medo frente a uma nova situação. É fundamental oportunizar experiências positivas para que aquela seja uma vivência da qual a criança queira participar novamente, mantendo-se na prática e conseqüentemente tendo a chance de se desenvolver dentro e fora da modalidade.

5.4 Vamos brincar de ginástica? Em busca da compreensão do “jogo” da ginástica rítmica

Verificamos no decorrer da discussão dos resultados que os eventos voltados para a categoria mirim, na ginástica rítmica, acontecem de diferentes maneiras e com diversos objetivos dentro das federações estaduais e das equipes que fizeram parte deste estudo. Porém, a busca por proporcionar mais eventos para as meninas é comum tanto as gestoras quanto as treinadoras entrevistadas. Diversas maneiras de oportunizar experiências competitivas positivas às crianças foram pensadas nos estados, seja promovendo ajustes nas regras, instalações ou equipamentos, seja criando estratégias para ampliar a participação, como regionalizar os eventos, dividir os níveis e criar eventos focados na massificação da modalidade.

Dentro das equipes, notamos que existe unanimidade entre as treinadoras quando tratamos da participação dessas crianças em eventos: todas indicam que quanto mais apresentações, melhor será para as ginastas, tanto no aspecto motivacional quanto no que diz respeito à preparação para futuras competições. Assim, além participarem dos eventos que as

federações oferecem para a categoria, as treinadoras entrevistadas afirmaram promover eventos internos como festivais artísticos, apresentações de homenagem ou em abertura de eventos políticos e de entretenimento, entre outras.

Essas apresentações, realizadas no encerramento da temporada ou em datas comemorativas, normalmente têm um caráter artístico predominante, se afastando do rigor das regras e das exigências técnicas das competições oficiais. Essa característica foi ponto de destaque entre os relatos das treinadoras, que ressaltaram o prazer que as ginastas têm na participação dessas apresentações, quando comparadas às competições, até mesmo as voltadas para a iniciação competitiva:

E o final do ano é uma coisa pra ser... o final do ano é pra festejar, pra homenagear sua família [...] é **um brincar de fazer ginástica**, é se mostrar, é celebrar todo o ano e tudo o que a gente fez durante o ano, é uma celebração (Treinadora 1, grifo nosso).

Esse festival que a gente faz, é o festival de encerramento. Então assim, pra elas é uma coisa festiva [...] as coreografias normalmente são mais soltas, não são com aparelhos oficiais, **então é tudo diferente do que elas estão acostumadas a fazer o ano todo**. [...] **Com certeza elas se divertem muito mais, uma coisa mais gostosa, mais prazerosa pra elas, né?** Então eu as sinto mais soltas, eu as sinto despreocupadas [...] na verdade são fases gostosas, porque realmente não tem essa cobrança, é aquela coisa de que no final vai todo mundo se abraçar e vai estar tudo certo, né? (Treinadora 2, grifo nosso).

Não tem o valor competitivo, **a criança está mais solta, mais livre...** a gente também faz apresentações com materiais alternativos. (Treinadora 3, grifo nosso).

Na verdade, **ela acaba desfrutando o quão prazeroso é fazer a modalidade que ela escolheu**. Entende? Ela acaba entendendo o que é aquilo para ela, quando você a coloca em um festival. (Treinadora 4, grifo nosso).

Quando elas participam de apresentações, principalmente no teatro, **elas se sentem felizes, sem a pressão**. Quando elas vão pra competição elas não se sentem tão felizes assim. Elas se sentem oprimidas. Porque elas estão competindo. (Treinadora, grifo nosso 5).

Elas trabalham as coreografias assim de série (de competição), **mas elas têm muito prazer em fazer uma apresentação artística**, somente assim, sem fazer as dificuldades, fazendo mais dançado, elas gostam muito disso. É isso ajuda muito a gente depois pra montar os passos de dança, porque daí **elas se soltam mais, conseguem se expressar de uma forma mais legal**. [...] E já a parte artística, se você está sem aquela cobrança de acertar, elas vão se divertir (risos). (Treinadora, grifo nosso 6).

No festival elas sabem que é pra apresentar bonito, pros pais, é mais lúdico, no caso. Até as coreografias são mais lúdicas mesmo [...] uma vez [...] eu fiz coreografia dos bichos, então era o tubarão, a outra tinha juba do leão, tinha

pano, bastante coisa assim. **Que elas gostam muito mais, porque... porque elas, nossa! Se divertem! Pela diversão mesmo!** (Treinadora, grifo nosso 8).

Elas entram leves em uma apresentação, mas já em um evento competitivo, não que elas entrem tensas, mas elas entram com uma cobrança maior sobre si mesmas. (Treinadora, grifo nosso 9).

Mas final de ano **é a hora de festa**, né? Óbvio que a gente quer proporcionar um espetáculo para os pais, mas **é a hora de festejar**, então eu não fico me estressando, não faço disso um estresse pra elas também. Então elas também sentem a diferença [...] Final de ano **é pra ficar bonito**. Então a gente põe uma roupa bonitinha, faz braço que elas fazem todas iguais, então **é muito mais tranquilo de treinar**. (Treinadora, grifo nosso 10).

Daí elas curtem mais. Um festival, ali elas se soltam mais, riem mais, se preparam menos também, não é aquela coisa que fica aquecendo todo o tempo. E a gente também não exige tanto delas, então: "Ah! vão assistir as outras apresentações!" então **elas curtem mais**. Com certeza. [...] E na hora a gente não tem essa cobrança de que aquilo tem que dar certo. Se der certo, deu, se não der, que pena, não ficou tão bonito, mas ninguém vai julgar, ninguém vai dizer depois que acabar tem que ir lá treinar pra acertar, né? Não. Acabou. **Vamos lá, se divertiu, todo mundo vai sair pra comer pizza agora, né? É diferente!** (risos) (Treinadora, grifo nossa 11).

A diversão, liberdade, leveza e prazer pela prática foram palavras-chave de praticamente todas as treinadoras sobre a participação das crianças nos eventos internos, não competitivos, nessa fase. Não por acaso, um dos principais objetivos deles com as apresentações é o de motivar as ginastas. Traçando um paralelo com os conceitos do jogo deliberado e prática deliberada, que fundamentam os diferentes estágios do Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva - MDPD (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; STRACHAN, FRASER-THOMAS, 2008), o estágio dos anos de experimentação, que compreendem os anos iniciais da prática esportiva, é caracterizado por alta frequência de jogos deliberados, definidos como a atividade esportiva que envolve práticas físicas intrinsecamente motivadas, promove satisfação e maximiza o prazer pela prática. Mesmo que tenham base nas regras do desporto institucionalizado, essas são adaptadas e monitoradas pelas crianças ou adultos envolvidos nas atividades (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Uma das características apontadas pelos(as) treinadores(as) nesses festivais é a menor cobrança e maior possibilidade das ginastas se expressarem de outras formas, trazendo a dança, o componente artístico e expressivo de forma mais livre, o que acarreta também uma maior liberdade de criação e participação dos momentos de composição coreográfica, que corrobora o conceito do jogo deliberado. Diferentemente da prática deliberada, que possui características definidas, sistematizadas e repetitivas, com detecção e correção de erros, os jogos deliberados,

pelo seu caráter, possibilitam a liberdade de experimentar diferentes movimentos e a oportunidade de improvisar e inovar aperfeiçoando habilidades que não poderiam ser praticadas em situações organizadas e completamente controladas (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) como as competições oficiais.

Partindo dos estudos de Huizinga (1990) e Caillois (1990) sobre a teoria do jogo e sua natureza, Ferraz (2006) apresenta a espontaneidade e o prazer como alguns dos aspectos inerentes a ele. Amplamente usado na Educação, muitas vezes ao se tornar uma prática pedagógica, o jogo perde sua natureza livre e conciliar processos educativos com a liberdade de ação de jogar, é papel do educador na busca de resultados na aprendizagem. É preciso, pois, valorizar o lúdico nos processos de ensino do esporte, considerando-o na perspectiva dos aprendizes e compreendendo que seu significado vai além do simples prazer pela prática; aspectos como desafio e a imaginação, por exemplo, também compõem a dimensão lúdica de uma atividade (FERRAZ, 2006). Quando consideramos o ambiente competitivo como parte do processo de aprendizagem do esporte, o mesmo deve acontecer neste contexto para que alcancemos seus propósitos educacionais.

Dessa forma, entendemos que os eventos voltados para a categoria mirim, mesmo os que já incluam as primeiras noções de competição, devem ser pautados em regras que busquem trazer a diversão como foco central e incentivem momentos de espontaneidade e satisfação que vão maximizar o prazer pela prática e manter a motivação intrínseca das crianças. Trazer para as competições dessa categoria o modelo da competição adulta, é antecipar demandas físicas, psicológicas e sociais que só viriam a aparecer na carreira dessa atleta a partir dos anos de especialização, com maior participação em competições do nível 3 e 4 (WIERSMA, 2005), quanto mais próximo estiverem dos anos de investimento (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017).

Constatamos nos eventos observados nessa pesquisa, como já discutido anteriormente, que as federações buscaram trazer a diversão por meio da aproximação com a linguagem infantil, seja com a decoração, com a presença de personagens, pelas músicas e pela sugestão do uso de fantasias em alguns deles, o que desperta a imaginação. Percebemos nos eventos, para além dessas ações orientadas, vários momentos em que as crianças se divertiram de forma espontânea, sobretudo após as apresentações:

Como muitos(as) treinadores(as) tinham vários grupos inscritos, as ginastas que já haviam apresentado ficavam livres pelo espaço. Assim, algumas iam para arquibancada com os pais, a quem cumprimentavam e tiravam fotos, curtindo o momento. Mas as meninas sempre voltavam para a área de aquecimento para continuarem “brincando de ginástica” – lá elas tentavam fazer exercícios mais difíceis, ficavam desafiando umas às outras [...] A

maioria das crianças demonstrou satisfação em participar do evento. Estavam felizes, brincando com as colegas da equipe e de outras equipes também (DC1).

A experiência competitiva não se resume apenas ao momento da apresentação e todas as etapas representam momentos de aprendizagem. Antes de entrar na quadra, há toda uma preparação que envolve desde a viagem (quando é o evento é realizado em outra cidade), até chegar ao ginásio com as colegas, a produção do visual (cabelo e maquiagem), o aquecimento, o desfile de abertura, a espera até chegar a vez de apresentar; após os minutos de realização da coreografia, as meninas “se despem” das ginastas e voltam a ser apenas crianças brincando de uma das coisas que elas mais gostam: de ginástica!

A experiência de assistir a outras meninas por trás das cortinas ou biombos, de escutar músicas diversas ou mesmo de ver diferentes interpretações para as mesmas músicas, com novos movimentos, parece acender automaticamente nas crianças a vontade de tentar coisas novas, de descobrir outras possibilidades de movimento e, o brincar (e por que não jogar?) de ginástica, naquele momento, é também uma maneira de aprender. É importante permitir que as crianças tenham esses momentos de descoberta, seja nas apresentações, competições ou nos treinos.

Como exemplo, em uma proposta de “Liga Pedagógica de Esportes”, fundamentadas em princípios da Pedagogia da Competição (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013), os eventos propostos nunca acontecem apenas de maneira formal – paralelamente ou nos intervalos entre as competições acontecem gincanas ou brincadeiras que valem pontos, somando-se à pontuação obtida na competição, como por exemplo, disputas de pênalti ou bola na trave no futebol, e bandeja maluca ou arremesso rápido no basquete. Na ginástica rítmica, poderíamos pensar essas propostas, introduzindo nos momentos extra apresentação de coreografia, brincadeiras como desafios de lançamentos e recuperações, por exemplo, lançar bichinho de pelúcia e recuperar fora do campo visual; ou voltadas para os elementos corporais, como saltar *enjambeé* em distância, ou ainda com atividades rítmicas e expressivas, como dançar ao ritmo de músicas populares, entre outras inúmeras possibilidades. Esses pequenos jogos seriam uma maneira de, além de permitir aprender pela observação e pela brincadeira, proporcionar momentos desafiadores e incorporá-los ao evento.

O *Xcel Program*, programa de apoio ao desenvolvimento da ginástica rítmica de base nos Estados Unidos das Américas, traz em sua filosofia uma reflexão que aborda o jogo, e a partir da qual, as ações do programa são voltadas para a superação desta situação:

Crianças que participam de esportes como futebol e beisebol são capazes de “jogar o jogo” depois de apenas alguns treinos. As crianças que participam de

ginástica devem passar anos treinando antes de poderem participar de uma “situação de jogo” (USAGYM, 2020a).

Neste caso, para superar esse cenário por meio da competição, eles buscaram proporcionar experiências competitivas positivas para crianças, em eventos oficiais da federação nacional dos EUA, que permitissem a participação de atletas na ginástica rítmica, sem uma demanda exagerada de treinamento, de forma que conseguissem equilibrar suas atividades no esporte com as da escola e momentos familiares. O foco passou a ser o desenvolvimento pessoal e, para isso, diversos ajustes foram promovidos nas competições (USAGYM, 2020a). Uma vez que os eventos trazem exigências menores e retiram o foco dos resultados, há uma maior possibilidade de que as estratégias metodológicas das aulas e treinos sejam também repensadas.

Estudos em Pedagogia do Esporte têm trazido novas perspectivas para o ensino do esporte, objetivando superar os modelos tradicionais, com foco no comando do professor e nos quais o ensino é rígido e de caráter imitativo, por meio da reprodução de movimentos (COUTINHO; SILVA, 2009). Nesse modelo, o objetivo da técnica é melhorar o resultado, sendo uma mera etapa de preparação para obter o rendimento, o que dificulta o entendimento da modalidade esportiva, além de abordar o jogo propriamente dito de forma tardia, o que promove a execução de exercícios repetitivos, pouca participação e envolvimento ativo do praticante e pouca transferência para a situação de jogo (COSTA; NASCIMENTO, 2004).

As novas perspectivas valorizam o papel exercido pelo praticante no processo, abordando a dimensão tática do jogo e alterando os objetivos da aprendizagem, a natureza das tarefas, os papéis do professor e praticantes, além de conteúdos e avaliação (MESQUITA, 2013). Essa tendência valoriza a compreensão dos esportes como um sistema complexo, que tem no jogo a principal ferramenta pedagógica para seu ensino (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

Temos ciência que a ginástica tem uma lógica diferenciada dos esportes coletivos. Considerando a Teoria da Praxiologia Motriz de Parlebas (2001), os esportes coletivos são caracterizados como uma prática sociomotriz de cooperação e oposição (LANES et al, 2018), quando existem adversários e companheiros atuando simultaneamente e se relacionando de forma direta; já a ginástica rítmica, em sua prova individual assume o caráter de prática psicomotriz - ausência de companheiros e adversários diretos na ação do “jogo”; e na prova de conjunto, caráter sociomotriz de cooperação - presença de companheiros e/ou adversários que se relacionam de forma direta (MENEGALDO; BORTOLETO, 2018; MENEGALDO;

BORTOLETO, 2020). Assim, os esportes coletivos e a ginástica rítmica são práticas esportivas que assumem uma lógica interna diferenciada e, portanto, possuem características de treinamento e competições também diversas.

Contudo, ainda que diferentes, estamos lidando com esportes e assumindo uma concepção na qual o praticante é sujeito do processo e, por essa razão, devemos pensar em uma superação dessa subcultura do ginásio, tão presente na ginástica, em que o corpo é visto como uma máquina que deve funcionar perfeitamente de forma disciplinada, com foco na persistência e no “trabalho-duro”, sem qualquer possibilidade de emitir opiniões e mesmo de falhar sem que isso seja severamente punido. Uma metodologia tradicionalista de ensino centrada no professor/treinador, desde tenras idades, quando as crianças iniciam a prática. Uma prática baseada na aquisição e desenvolvimento perfeito da técnica, com pouca flexibilidade para ritmos individuais de desenvolvimento, em que demonstrações são realizadas pelo treinador ou por um aluno mais habilidoso e os demais repetem (SAMPAIO; VALENTINI, 2015).

É possível encontrar metodologias mais flexíveis na ginástica rítmica. Menegaldo e Bortoleto (2017) relataram uma experiência de intervenção na iniciação de ginástica rítmica baseada em princípios pedagógicos da ginástica para todos (GPT), prática não competitiva de ginástica, que busca de modo participativo, proporcionar um fazer gímnico contextualizado. Os autores destacam, por meio dessa vivência, que é possível pensar e aplicar a ginástica rítmica de maneira mais flexível, coletiva e menos especializada, buscando um contato significativo e prazeroso com a modalidade.

É, portanto, necessário, superar a cultura gímnica em que a relação técnico-atleta segue o modelo autocrático, no qual o treinador tem o poder da palavra e as ginastas cumprem o determinado (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017). Essa maneira centralizada e composta por uma só voz, promove o distanciamento entre docente e discente e desinteressa e desmotiva os alunos (MENEGALDO; BORTOLETO, 2017). Ademais, é uma cultura que têm sido alvo de críticas da mídia, de médicos e educadores, que frequentemente usam a ginástica como exemplo de práticas excessivas e abusivas (FIG, 2019; RUSSEL, 2014). Um esporte em que cada vez mais ginastas e ex-ginastas vêm à público denunciar práticas abusivas de treinadores(as) e diferentes membros da equipe técnica de todas as naturezas – sexuais, maus tratos, humilhações (NUNES, 2017; VECCHIOLI, 2020; GE, 2020; GE2020a).

Nesse sentido, a própria Federação Internacional de Ginástica, têm trabalhado para desenvolver programas educacionais para os(as) treinadores(as), buscando melhorar seu conhecimento e sua eficácia, sem causar danos às ginastas, assim como para mudar as regras das modalidades que têm consequências negativas para a formação das atletas (FIG, 2019).

De acordo com Hardy Fink⁶, diretor dos programas educacionais da entidade, a filosofia e o currículo dos programas de educação da FIG são centrados no atleta, o que envolve princípios de segurança, saúde física e mental, que as modalidades busquem ser esportes populares e com ampla participação, que tenham uma estética e sigam princípios éticos; tudo isso em um modelo de competição honesto, limpo e responsável. Para ele, os esportes ginásticos atualmente ignoram essas tendências e seguem práticas não saudáveis, com uma iniciação muito precoce no alto rendimento, o que acaba levando a horas e intensidades excessivas de treinamento, lesões agudas, excesso de desgaste, práticas abusivas dos treinadores(as), entre outras. Ele acrescenta que isso acontece justamente porque o objetivo é o resultado imediato: querem ganhar a qualquer preço, logo farão o que se premia e, portanto, para alterar essa maneira de pensar, é necessário modificar o prêmio.

Repensar os modelos competitivos e suas exigências, apesar de não resolver todos os problemas acarretados pelo tradicionalismo metodológico que acompanha a ginástica, é um processo essencial nessa mudança de cultura, principalmente nos anos iniciais da prática. Por que na ginástica as crianças precisam adquirir precocemente tantas habilidades para poderem vivenciar a “situação de jogo”? Por que o “jogo” da ginástica não pode se ajustar ao desenvolvimento compatível ao estágio de formação dessa atleta? Por que não “jogar” mais ginástica, tanto nos treinos, nos festivais, nas copas, torneios e campeonatos? Por que não pensar eventos oficiais que proporcionem o “jogar” ginástica de forma mais descontraída, leve e divertida? Por que a diversão, alegria e curtição só está presente nos eventos demonstrativos, como ficou tão evidente na fala das treinadoras? Por que carregar a competição nos anos iniciais de uma pressão desproporcional aos objetivos do desenvolvimento das crianças no esporte, se esses resultados pouco ou nada dizem sobre a futura performance dessa atleta? Será que é possível trazer a leveza para as competições oficiais, sobretudo na infância?

Talvez, ainda tenhamos mais perguntas do que respostas. Talvez esse seja um dos caminhos para pensar a competição na infância na ginástica rítmica: ora, se pensamos que a formação da ginasta deva ser realizada em longo prazo, concordamos que os primeiros estágios de sua participação esportiva devam ter foco no desenvolvimento das capacidades físicas, das habilidades técnicas e artísticas próprias para a idade, na compreensão da modalidade, nos valores do esporte, na formação humana e não no rendimento e no resultado imediato. Se vemos as atletas como seres humanos, crianças que ainda são, também concordamos que devemos

⁶ Fala do Professor Hardy Fink durante o webinar sobre *o Age Group Program* da FIG, promovido pela Confederação Sul-americana de Ginástica (CONSUGI), no dia 22 de junho de 2020, não disponibilizado pela entidade para consulta.

proporcionar experiências positivas, que possibilitem sim aprendizagem, mas que as façam querer voltar para o ginásio todos os dias!

Se as treinadoras desse estudo apontaram que as apresentações mais livres, sem caráter competitivo são os momentos em que percebem em suas ginastas maior prazer e liberdade; se participar de eventos em geral, competitivos ou não, motiva essas crianças a permanecerem na prática, é preciso criar espaços para que todas as meninas tenham a oportunidade de “jogar” ginástica! Jogar e desenvolver competências para o jogo – aprender com a participação; jogar com condições de competir – em nível de competitividade e com exigências adequadas; jogar com prazer – diversão e motivação.

Apesar das modificações propostas pelas federações nos eventos da categoria mirim indicarem uma preocupação com esse processo, a realidade nos mostra que ainda se exige demasiadamente em uma fase que deveria ter foco na participação e no aprendizado. E não estamos falando apenas das treinadoras. Essa é uma realidade social e dentro do ambiente esportivo, todos os envolvidos são responsáveis pela forma como o esporte é desenvolvido para as crianças. Atribuir culpa apenas aos(as) professores(as) e treinadores(as) é injusto, pois a questão envolve dirigentes, técnicos, professores e pais em um contexto bastante complexo, que atualmente têm nos resultados em competições o parâmetro para dizer se a criança é bem ou mal sucedida no esporte (BALBINO, et al, 2013). Se queremos modificar a cultura da ginástica, precisamos sim pensar no que acontece no ginásio e atuar para essa mudança, mas também é necessário compreender as relações externas que implicam direta e indiretamente no cotidiano da prática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS

Por meio da análise dos eventos de ginástica rítmica para a categoria mirim propostos e realizados pelas federações estaduais de ginástica averiguadas neste estudo, entendemos que existe, atualmente, um movimento institucional na direção de ofertar competições pedagogicamente elaboradas, de forma coerente com a fase de desenvolvimento das ginastas em questão. Comparados às competições oficiais, que mantêm o formato da categoria adulta, identificamos ajustes importantes, que vão ao encontro das propostas teóricas que visam orientar a elaboração e realização de eventos esportivos para crianças, considerando a formação de atletas em longo prazo, com foco no potencial desenvolvimento dos valores educacionais do esporte.

Destacamos que, apesar de promoverem ações assertivas no sentido de adequar as competições das categorias de base, essas são pautadas nas experiências profissionais dos treinadores(as), árbitros(as) e gestores(as) que compõem os comitês técnicos responsáveis pela elaboração dos regulamentos, assim como nas avaliações de eventos anteriores, não possuindo, em sua maioria, base em modelos ou pressupostos teóricos. Nesse sentido, o Modelo da Participação Competitiva (LEONARDO; GALATTI; SCAGLIA, 2017) e a Engenharia Competitiva (BURTON; GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011) se mostraram como exemplos de orientação a serem considerados ao formular regulamentos de competições de ginástica rítmica para crianças, uma vez que suas propostas permitem avaliar e rever, com critérios adequados, as estratégias de ajustes em busca da promoção de eventos que estimulem maior envolvimento dos participantes.

Ademais, estruturas competitivas da própria modalidade que possuem em suas propostas o desenvolvimento de atletas em longo prazo e priorizam na fase de iniciação os eventos de caráter participativo, tais como o programa de competições do *Age Group Program* (FIG, 2019), o LTAD (GCG2008) e o *Xcel Program* (USAGYM, 2020a), são também referências que podem contribuir para a elaboração e organização de eventos de GR para as categorias menores.

Em todas as federações analisadas, para a faixa etária em questão, observamos que existem eventos que possuem caráter mais participativo, assim como competições com orientação para o alto rendimento, que visam preparar as ginastas iniciantes para os campeonatos oficiais de ginástica rítmica. De diferentes maneiras, as gestoras promovem mais eventos para a categoria mirim e ampliam a participação de ginastas com intuito de massificar a modalidade, “alimentam” as categorias maiores e, conseqüentemente, formam atletas de elite.

A procura por aumentar a participação das ginastas é também uma demanda das treinadoras, que notam nos eventos a possibilidade de proporcionar às crianças mais experiências, contribuindo para a motivação para a prática, bem como para a preparação para competições oficiais. Para tanto, incentivam a participação nas competições da federação e promovem eventos internos (festivais, apresentações em datas comemorativas, entre outros). Contudo, apesar de compreenderem que a iniciação é o momento de motivar a participação de todas as crianças, a maioria das treinadoras tende a enfatizar já na categoria mirim aspectos voltados para o alto rendimento, tanto no treinamento, quanto nas competições, assumindo por vezes, posturas que envolvem a cobrança de resultados competitivos imediatos, a seletividade (e exclusão) precoce das consideradas “menos aptas” para a modalidade. Essa perspectiva pode ocasionar atitudes contraditórias nos eventos, como, por exemplo, não acatar sugestões de ajustes propostas pelos regulamentos, ou mesmo apresentar comportamentos e cobranças inapropriados para o contexto.

Entendemos que a competição para crianças é complexa e os(as) treinadores(as) não são os únicos responsáveis por pensar e traçar as metas para as ginastas. Compreendemos que as treinadoras participantes do estudo fazem parte de equipes que possuem foco na formação de atletas de alto rendimento e, portanto, traçam seus objetivos de acordo com as demandas de resultados das próprias entidades. Em paralelo, há cobranças de dirigentes, governantes, pais, entre outros envolvidos no esporte, que influenciam a maneira como o trabalho acontece. Todavia, defendemos que é necessária a compreensão de que o esporte para crianças, independentemente de acontecer em um clube de alto rendimento, em um projeto social ou na escola, deve assumir características coerentes com esse público e, para tanto, é preciso adequar o ambiente para que o potencial educacional e formativo das práticas esportivas seja realmente desenvolvido, inclusive no contexto competitivo.

Dessa forma, promover ajustes nos regulamentos das competições para crianças, apesar de contribuir sobremaneira para orientar pedagogicamente o trabalho dos treinadores(as) e treinadoras, não garante por si só a mudança da cultura da ginástica. É necessária uma reflexão geral sobre o contexto esportivo na infância, envolvendo pais, treinadores(as), dirigentes e todos os que fazem parte do processo, em prol da formação da criança e da atleta como um todo. Especialmente o/a treinador/a tem papel fundamental nesse momento, pois é o responsável direto por conduzir a formação esportiva e competitiva das crianças.

Nesse sentido, apontamos para a necessidade de uma formação de treinadores(as) que transcenda os aspectos técnicos; que promova a reflexão sobre sua prática pedagógica, buscando abordagens metodológicas que coloquem o aluno no centro do processo e enfatizando

os valores educacionais do esporte, pois consideramos que todo treinador é também educador, principalmente quando os atletas são crianças.

A partir da análise realizada no estudo, entendemos as competições na infância como parte do processo de ensino/aprendizagem do esporte e, como tal, também precisam ser configurados de acordo seu potencial educativo e formador. Dessa forma, traçamos possíveis caminhos a serem considerados para a estruturação de propostas de planejamento de eventos voltados para a iniciação esportiva na ginástica rítmica:

Quanto à elaboração e organização dos eventos:

- a) Elaborar os regulamentos e as propostas de ajustes das competições com base em princípios pedagógicos fundamentados nas teorias da Pedagogia do Esporte, bem como em programas de competição de ginástica rítmica presentes em modelos de desenvolvimento de atletas em longo prazo.
- b) Proporcionar espaço para que a comunidade da ginástica rítmica (treinadores(as), dirigentes(as), gestores(as), árbitros(as)) possa emitir opiniões e sugestões acerca dos regulamentos dos eventos, fazendo com que essa ação seja conjunta e de responsabilidade de todos os envolvidos.
- c) Compreender que grande parte do planejamento do trabalho dos(as) treinadores(as) se dá a partir das regras dos eventos dos quais pretendem participar e, portanto, é necessário considerar as implicações de escolhas como, por exemplo, datas dos eventos, elementos obrigatórios, uso de aparelhos etc.
- d) Elaborar e deixar explícito nos regulamentos, os objetivos do evento: orientar a quem e a quem o evento é destinado (público, nível técnico, participação, desenvolvimento de habilidades técnicas etc.).
- e) Adequar os objetivos do evento à filosofia do programa esportivo (federação, liga, entidade promotora do evento). Os regulamentos devem orientar o trabalho do/a treinador/a, indicando, quando possível, a técnica correta de execução dos movimentos, buscando direcionar o trabalho para a construção da base técnica da modalidade.
- f) Orientar treinadores(as), pais, dirigentes, árbitros(as): todos os envolvidos devem ter ciência dos objetivos de cada evento e condutas esperadas durante sua realização.
- g) Pensar em diferentes estratégias para oportunizar maior participação para ginastas, como dividir os eventos em etapas, tais como de conjunto e individual, e/ou em diferentes momentos do ano; e promover regionalização dos eventos como forma de alcançar todas as regiões e ampliar a acessibilidade às competições. Ademais, as

iniciativas de promoção de eventos devem também partir de outras instâncias além das federativas (treinadores(as), associações, clubes, ligas), para proporcionar maior possibilidades de participação em uma mesma temporada: festivais internos, copas interclubes, desafios ginásticos etc.

- h) Organizar, nas competições, a divisão de diferentes níveis técnicos, inclusive para mesmas idades, como forma de ampliar a participação, bem como para oferecer chances reais de sucesso dentro do nível técnico de cada ginasta, promovendo assim, maior competitividade e maior estímulo. Realizar eventos para diferentes públicos: voltados para a participação e para o rendimento, também pode contribuir para os mesmos objetivos.
- i) Considerar receber elevado número de inscrições, a fim de não limitar número de participantes, tendo em vista que nos anos iniciais da prática, todas as ginastas terão oportunidades de participação dentro das equipes.
- j) Realizar eventos para as categorias de base paralelamente aos eventos das categorias oficiais, como forma de reduzir os custos, com aproveitamento de ambas receitas e logística. Ademais, ações como essas proporcionam o contato das ginastas iniciantes com as mais experientes, promovendo motivação, além de proporcionar aos pais conhecerem melhor a modalidade.
- k) Avaliar periodicamente os eventos, refletindo sobre as ações realizadas e, quando necessário propor alterações pertinentes em busca dos objetivos de cada competição.

Quanto aos aspectos técnico-pedagógicos:

- l) Priorizar na categoria mirim eventos de caráter participativo, tais como festivais demonstrativos e competições simplificadas, que insiram as primeiras noções de “vitória x derrota”, com foco no desenvolvimento de habilidades e não na comparação de resultados.
- m) Adotar exigências técnicas coerentes com as diferentes fases de desenvolvimento das crianças, bem como para os diferentes níveis técnicos de participação;
- n) Priorizar como exigências técnicas, movimentos que construam a base da ginástica rítmica, o que permitirá uma evolução técnica saudável no decorrer dos anos e boa performance, com aumento de nível de dificuldade progressivo;
- o) Conceber a participação em eventos no decorrer das idades, de forma progressiva e natural, de forma a fornecer as competências necessárias para a participação em competições oficiais, caso seja o desejo da criança no futuro;

- p) Inserir o trabalho com aparelhos nos eventos, por meio de exercícios simplificados, jogos e brincadeiras.
- q) Implantar eventos (ou momentos dentro dos eventos) mais espontâneos, como pequenos desafios, gincanas, jogos, que tragam experiências ginásticas lúdicas e desenvolvam diferentes aspectos da GR, como por exemplo, brincadeiras com aparelhos alternativos, desafios cênicos, momentos de criação artística, jogos que estimulem a manipulação de objetos, entre outros.
- r) Envolver os pais nos eventos, orientando quanto à participação de seus filhos, e os engajando em atividades em prol da equipe, por exemplo.
- s) Promover momentos de socialização entre equipes adversárias. Por exemplo: construção de coreografia conjunta ao final do evento, entre todas as equipes;
- t) Aproximar-se do imaginário infantil: por meio da decoração do evento; utilização de fantasias, estórias, músicas infantis;
- u) Amenizar as restrições de comunicação entre treinadores(as) e atletas no momento do exercício.
- v) A arbitragem deve assumir uma postura amigável, que incentive à construção uma relação positiva com relação ao trabalho do árbitro. É importante que treinadores(as) trabalhem a função da arbitragem com as crianças, explicando de forma simples o julgamento, a fim de evitar criar o medo.
- w) Organizar a premiação de forma criteriosa, considerando o desenvolvimento individual e sua progressão.

Acreditamos que atender aos encaminhamentos trazidos por este estudo poderá contribuir para a elaboração de competições de ginástica rítmica para crianças que visem adequar o ambiente competitivo na infância, de acordo com cada fase de sua formação como atleta e pessoa, distanciando-se dos modelos adultos de competição que têm foco principal no resultado. Com isso, buscamos minimizar as cobranças excessivas de performance, que acabam levando a especialização precoce e trazendo prejuízos às praticantes.

Cobra-se em competições resultados imediatos de crianças que talvez não compreendam o que querem delas. E quem se importa com o que elas querem? Quando o processo de formação esportiva está centrado no atleta, isso deve importar. Querer colher frutos em uma árvore que acabou de brotar, é impossível. Quando isso finalmente acontece em plantas muito jovens, muitas vezes a árvore não aguenta o peso desses frutos e são necessárias escoras para que os galhos não se entortem ou quebrem. Não queremos nossas meninas “quebradas” ou precisando

de muletas (físicas e emocionais). Queremos ginastas, que quando cheguem à idade adulta, estejam saudáveis, desenvolvidas plenamente, conscientes de suas variadas competências, apaixonadas pelo esporte e motivadas a buscar seus objetivos sejam eles no alto rendimento ou não.

Acreditamos que é possível que o processo de preparação para chegar ao esporte de elite na ginástica rítmica possa ser também um processo saudável de formação do indivíduo como um todo e proporcione a construção de valores pessoais e habilidades para a vida. Defendemos um processo de formação de atletas que considere a maioria das crianças que, sabemos, não vão chegar ao alto rendimento. É igualmente possível formar ginastas para competição de alto rendimento e ao mesmo tempo formar pessoas. Todavia precisamos esquecer a pressa.

Treine o futuro. Não compita o futuro.
Trate suas crianças como cristal, não como vidro.
Hardy Fink⁷

⁷ Fala do Professora Hardy Fink em Webinar sobre o Age Group Program da FIG, promovido pela Confederação Sul-americana de Ginástica – CONSUGI, em 22 de junho de 2020.

REFERÊNCIAS

AIRES, Hannah et al. **As competições infanto-juvenis à luz da pedagogia do esporte.** Revista Kinesis, [S.l.], v. 34, p.122-139, 2016.

ÂNGELO, L. História oral e história da memória: tecendo relações. In RUBIO, K. (org.) **Narrativas biográficas. Da busca à construção de um método.** São Paulo: Laços, 2016.

ANTUALPA, K. F. **Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas** [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2011.

ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.

ARENA, S.S.; BÖHME, M.T.S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.14, n.2, p.184-95, 2000.

BALBINO, Hermes Ferreira, et al. Pedagogia do Esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. In: REVERDITO; R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Orgs.). **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** São Paulo: Phorte, 2013, p. 41-68.

BALYI, I. Sport system building and long-term athlete development in British Columbia. **Coaches Report**, v. 8, n. 1, p. 22-28, 2001.

BALYI, I.; WAY, R; HIGGS, C. **Long-term athlete development.** Human Kinetics, 2013.

BARBOSA-RINALDI, I. P.; MARTINELLI, TAP; TEIXEIRA, RTS. **Ginástica rítmica: história, características, elementos corporais e música.** Maringá: Eduem, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARREIROS, A., CÔTÉ, J., FONSECA A. M. Sobre o desenvolvimento do talento no desporto: contributo dos modelos teóricos do desenvolvimento desportivo. **Revista de Psicologia del Deporte.** Vol. 22, núm 2, p. 489-494, 2013.

BENTO, J. O. Acerca da Formação do Treinador. In: MOREIRA, W. W.; BENTO, J. O. (orgs). **Citius, Altius, Fortius: Brasil, esportes e Jogos Olímpicos.** Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014.

BENTO, J. O. Pedagogia do desporto: definições, conceitos e orientações. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BOMPA, J.O. **Total training for young champions.** Champaign, Human Kinetics, 2000.

BORGES, C. M. F. Formação e prática pedagógica do professor de Educação Física: a construção do saber docente. In Sousa E.S. de & Vago T. M. (org.). **Trilhas e Partilhas:**

educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte, Gráfica e Editora Cultura, 1997.

BURTON, D.; GILLHAM, A. D.; HAMMERMEISTER, J. Competitive engineering: Structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 6, n. 2, p. 201-217, 2011. ISSN 1747-9541.

CAÇOLA, P. A iniciação esportiva na ginástica rítmica. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v.2, n.1, p. 9-15, 2007.

CAÇOLA, P. M.; LADEWIG, I. Comparação entre as práticas em partes e como um todo e a utilização de dicas na aprendizagem de uma habilidade da ginástica rítmica. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 15, n. 4, p. 79-86, 2008.

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.

CANAN, F. Planejamento e organização da competição esportiva pedagógica para crianças e adolescentes: um exemplo no basquetebol. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n.1, p. 259-268, 2018.

CARBINATTO, M., et al. Campos de atuação em ginástica: estado da arte nos periódicos brasileiros. **Movimento**, v. 22, n. 3, 2016.

CARBINATTO, M. V.; TSUKAMOTO, M.; LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação e ginástica artística no contexto extracurricular. **Conexões**, v.8, n.3, p. 124-145, 2010.

CARVALHO, K. M. C.; SCHIAVON, L. M. Ginástica Artística e Ginástica Rítmica do Ceará: Estudos iniciais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 31(Supl. 10), 96, São Paulo, 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Estatuto da CBG**. 2016. Disponível em:

http://www.cbginastica.com.br/adm/resources/download_arquivo/bce06cbcd51c3c6f747fd826423c48d2_5ae0f186b819e.pdf. Acesso em 24/09/2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Resultados**. 2018. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/ginastica-ritmica>. Acesso em: 06/11/2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento técnico Campeonatos Brasileiros de Ginástica Rítmica 2019**. 2019. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/nr9ptlfltdvt6fo/AAAFEa6Ak-riRdKICI8oJBq6a?dl=0> Acesso em: 06/11/2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento técnico Torneio Nacional de Ginástica Rítmica 2019**. 2019a. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/a8kgzl3feegcuwo/AADYbUq6NSYKoXLF29axZgoVa?dl=0&p>

[review=REGULAMENTO+T%C3%89CNICO+TORNEIO+NACIONAL+--+GR++2018.pdf](#). Acesso em: 06/11/2018.

COSTA, J. C.; SANTOS, A. L. P. Competição em categorias de base no futsal: reflexões e possibilidades. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 22, n.3, p. 52-66, 2014.

COSTA, L.; NASCIMENTO, J.V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Journal of Physical Education**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. **Sport psychology: A Canadian perspective**, p. 270-298, 2007.

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, v. 29, p. S63-S69, 2014.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J. et al. Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. In: GALATTI, L. R. et al(orgs.) **Múltiplos cenários da prática esportiva: Pedagogia do Esporte – vol. 2 – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.**

CÔTÉ, J., STRACHAN, L., FRASER-THOMAS, J. Participation, personal development, and performance through youth sport. In: HOLT, N. L. (ed) **Positive Youth Development Through Sport**. Londres: Routledge, 2008.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and Play in the Development of Sport Expertise. In.: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (Eds.). **Handbook of Sport Psychology**. 3ª Ed. Hobken: Wiley. p. 184-202. 2007.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children is Involvement in Sport. In: SILVA; J. M.; STEVENS, D. E. (Orgs). **Psychological foundations of sport**. Boston, MA: Allyn & Bacon, 2002.

COUTINHO, N. F.; SILVA, S. A. P. dos S. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. **Movimento**, v. 15, n. 1, 2009.

DANTAS, C. R.; LIMA, L. B. Q.; REIS, L. N.; BASTOS, F. C. Gestão da Federação Cearense das Ginásticas – Um Estudo de Caso baseado no modelo SPLISS. In **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**. V. 3, n. 1, 35-49, 2018.

DEBIEN, et al. O estresse na arbitragem de ginástica rítmica: uma revisão sistemática. **Revista da Educação Física/UEM**, v.25, n.3, p.489-500, 2014.

DE ROSE JR, Dante; KORSAKAS, Paula. O processo de competição e o ensino do desporto. In: In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DOUDA, H. T. et al. Physiological and anthropometric determinants of rhythmic gymnastics performance. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 3, n. 1, p. 41-54, 2008.

DUARTE, L. H.; CARBINATTO, M. V.; NUNOMURA, M. ARTISTIC GYMNASTICS AND FEAR: REFLECTIONS ON ITS CAUSES. **Science of Gymnastics Journal**, v.7, n.3, 2015.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **2017-2020 Code of Points**. 2018. Disponível em: http://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en_RG%20CoP%202017-2020%20with%20errata%20Dec.%202017.pdf. Acesso em: 06/11/2018.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Age Group Program**. 2018a. Disponível em: <http://www.gymnastics.sport/site/pages/education-agegroup.php>. Acesso em 06/11/2018.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Age Group Development and Competition Program**. 2019. Disponível em: <http://www.gymnastics.sport/site/pages/education/agegroup-rg-manual-e.pdf>. Acesso em: 17/10/2020.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Federations that have attended & hosted Age Group Camps to May 6, 2018**. 2018b. Disponível em: <http://www.gymnastics.sport/site/pages/education/agegroup-hosted.pdf>. Acesso em: 06/11/2018.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Participants at 133 Training Sessions for MAG, WAG, RG, TRA, AER & ACR Age Group Development and Competition Program**. 2018c. Disponível em: <http://www.gymnastics.sport/site/pages/education/agegroup-participants.pdf>. Acesso em: 06/11/2018.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Foundations of Gymnastics**. 2018d. Disponível em: <http://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-gfa.php>. Acesso em: 07/11/2018.

FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: DE ROSE JR, D. et. al (orgs). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERRAZ, O. L. A ludicidade e o ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FOLHA DE LONDRINA. **Técnica e ginasta da Unopar defendem seleção**. 2011. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/esporte/tecnica-e-ginasta-da-unopar-defendem-selecao-747171.html> Acesso em: 20/10/2020.

FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS (FIGPT). **Sobre**. 2020. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2020/sobre#> Acesso em: 20/10/2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed editora, 2009.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman 2004.

FOLLE, A.; DO NASCIMENTO, J. V.; DOS SANTOS, GRAÇA, A. B. Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. **Journal of Physical Education**, v. 26, n. 2, p. 317-328, 2015.

FONTANA, P. S. et al. Estudo das motivações à prática da ginástica rítmica: Contribuições da pesquisa para o rendimento desportivo. **Pensar a Prática**, v.16, n.2, 2013.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.. Youth sports: Implementing findings and moving forward with research. **Athletic Insight**, v. 8, n. 3, p. 12-27, 2006.

GALATTI, et al. Pedagogia do Esporte e competição infantil nas lutas. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P.C. **Pedagogia do esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013.

GALATTI, L. R. et al. Atletas de elite: aspectos relevantes na formação em longo prazo. In: GALATTI, L. R. et al(orgs.) **Desenvolvimento de treinadores e atletas**: Pedagogia do Esporte – vol. 1 – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

[GAYA, A.](#); [GAYA, A. R.](#) O esporte como manifestação da cultura corporal do movimento. In: Juarez Vieira do Nascimento; Valmor Ramos; Fernando Tavares. (Org.). **Jogos desportivos**: formação e investigação. 1ed. Florianópolis: UDESC, 2013, v. 4, p. 41-55.

GYMNASTICS CANADA GYMNASTIQUE (GCG). **Long Term Athlete Development**: Gymnastics The Ultimate Human Movement Experience. 2008. Disponível em: http://www.gymcan.org/uploads/gcg_ltad_en.pdf. Acesso em: 06/11/2018.

GLOBO ESPORTE (GE). **Ex-ginasta britânica denuncia abusos morais: "Devolveria todas as medalhas só para ser feliz"**. Globo Esporte, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/ex-ginasta-britanica-denuncia-abusos-morais-devolveria-todas-as-medalhas-so-para-ser-feliz.ghtml> Acesso em: 19/10/2020.

GLOBO ESPORTE (GE). **Após denúncias de abusos morais, ginástica da Austrália foca em revisar cultura do esporte**. Globo Esporte, 2020a. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/apos-denuncias-de-abuso-morais-ginastica-da-australia-foca-em-revisar-cultura-do-esporte.ghtml> Acesso em: 19/10/2020.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOELLNER, S. V., et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 3, p. 381-410, 2010.

GONÇALVES, G.H.T., KLERING, R.T., AIRES, H., BALBINOTTI, C.A.A. Contribuições da competição de tênis na educação e formação de crianças. **J. Phys. Educ.** 27: 1-14, 2016.

GONZALEZ, R. H.; SILVA, K. R. C.; MACHADO, M. M. T. Pedagogia do Esporte: Aspectos conceituais e cenários contemporâneos. In: GONZALEZ, R. H; MACHADO, M. M. T. (orgs.) **Pedagogia do Esporte: novas tendências**. Fortaleza-CE, UFC, 2017.

JONES, A. **The reality of the LTAD model within one women's artistic gymnastics club in East Wales**: a critical investigation of the applicability of the LTAD in relation to participation and elite opportunities in gymnastics. Monografia. 87f. Cardiff School of Sport – University of Wales. 2011.

KUMAKURA, R. S. **O sistema competitivo da ginástica artística feminina (2013-2016): a competição como instrumento de educação e formação para atletas até 12 anos de idade**. Tese (doutorado) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 180f. Porto Alegre, RS, 2018.

LANARO FILHO, P.; BÖHME, M. T. S. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 154-168, 2001.

LANES, B. M., et al. Praxiologia motriz: novas proposições para o treinamento dos jogos esportivos coletivos. **Motrivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 308-325, jul. 2018. ISSN 2175-8042.

LAW, M. P.; CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 5, n. 1, p. 82-103, 2007.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

LEONARDO, L.; KRAHENBÜHL, T.; SCAGLIA, A. J. Modelo de participação competitiva: orientações às ligas e federações esportivas para o desenvolvimento positivo em competição de jovens. In: **XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**. 2017. p. 3084-3088.

LEONARDO, L. **Um estudo das competições de handebol de jovens do estado de São Paulo**: caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores e árbitros sobre suas aplicações. Dissertação (mestrado) Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas. 179f. Campinas, SP, 2018.

LEONARDO, L.; GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J. (2017), Disposições preliminares sobre um modelo de participação competitiva para jovens e o papel do treinador. In: GONZALEZ,

R. H.; MACHADO, M. M. T. (orgs). **Pedagogia do Esporte: novas tendências**. 1ed. Fortaleza; UFC, 2017.

LOPES, P., et al. Motivação e ginástica artística: a opinião de praticantes e seus professores. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 3, p.86-10, 2018.

LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. *Revista brasileira de educação física e esporte*, n.21, v.3, p. 177-187, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, A. Que competições para os jovens desportistas? In: PRISTA, A. et al. **Atividade Física e Deporto: fundamentos e contextos**. Porto: FCDEF, 2003. P. 317-321.

MATURANA, H., REZEPKA, S. N de. **Formación humana y capacitación**. Santiago: Dolmen, 1995.

MENDES, F. G. **A trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol brasileiro**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. 124f. Florianópolis, SC, 2017.

MENEGALDO, F. R.; BORTOLETO, M. A. C. O ensino da ginástica rítmica: em busca de novas estratégias pedagógicas. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p.305-318, 2017.

MENEGALDO, F. R.; BORTOLETO, M. A. C. Ginástica para Todos: primeiras reflexões sobre uma prática coletiva. *Revista ALESDE*, v. 9, n. 4, dez/2018.

MENEGALDO, F. R.; BORTOLETO, M. A. C. Ginástica para Todos. **Conexões**, v.18, e020014-e020014, 2020.

MESQUITA, I. Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. **Jogos Desportivos: formação e investigação**, v. 4, p. 103-131, 2013.

MILISTETD, M., et al. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p. 671-678, 2014.

MOCEANU, D. H. **Dominique Moceanu: An Amercian Champion An Autobiography**. Hardcover, 1996.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J. Pedagogia da competição: teoria e proposta de sistematização nas escolas de esportes. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P.C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2008.

NAKASHIMA, F. S, et al. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n.2, p. 184-196, 2018.

NISTA-PICCOLO; V. L.; SCHIAVON, L. M. A ginástica artística como proposta educacional. In: NISTA-PICCOLO; V. L; TOLEDO, E. **Abordagens pedagógicas do esporte: modalidades convencionais e não convencionais**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

NISTA-PICCOLO, V. L.; NUNOMURA, M. Os jogos olímpicos na perspectiva da pedagogia do esporte no Brasil. Moreira WW, Bento JO, organizadores. **Citius, Altius, Fortius: Brasil, esportes e jogos olímpicos**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, p. 171-208, 2014.

NUNES, M. **Outra campeã olímpica denuncia médico da seleção dos EUA por abuso sexual. Elas no ataque**, 2017. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/aly-raisman-denuncia-abuso-sexual-nassar/> Acesso em: 19/10/2020.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 3, p. 305-314, 2010.

OLIVEIRA, M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 3, p. 639-650, 2017.

OLIVEIRA, M. M. M.; LOURENÇO, M. R. A.; TEIXEIRA, D. C. / UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde, Londrina, v. 5/6, n. 1, p. 29-40, out. 2003/2004

PARLEBAS, P. **Léxico de Praxiologia Motriz juegos, deporte y sociedad**. Barcelona, Editorial Paidotribo, 2001.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional – Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas: 2017**. – Brasília: PNUD, 2017.

REIS-FURTADO, L.N.; CARBINATTO, M. V. Competição esportiva na infância: análise dos regulamentos de ginástica rítmica. **Motrivivência**, v.32, n.63, p. 01-22, 2020.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz rev. educ. fís.(Impr.)**, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

RUSSEL, K. Desafios da ginástica: uma visão de 50 anos de experiência como técnico e em ensino. In: SCHIAVON, et. al (orgs.). **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

SAMPAIO, G. B. S. Formação de treinadores de Ginástica Rítmica: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. Dissertação (mestrado). Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina. 196f. Florianópolis, SC, 2017.

SAMPAIO, D. F.; VALENTINI, N. C. Iniciação esportiva em ginástica rítmica: abordagem tradicional e o clima de motivação para a maestria. **Journal of Physical Education**, v. 26, n.1, p.1-10, 2015.

SANTANA, W., RIBEIRO, D. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática em competições federadas da modalidade. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010.

SANTANA, W. C. A Pedagogia do Esporte e a tarefa de ensinar além do esporte. In: GALATTI, et al (orgs). **Múltiplos cenários da prática esportiva: Pedagogia do Esporte – vol.2**.Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

SANTOS, P. R. M.; ARAUJO, L. F. S.; BELLATO, R. O campo de observação em pesquisa sobre a experiência familiar de cuidado. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 3, 2016.

SCHIAVON, L. M.; TOLEDO, E.; AYOUB, E. Por uma ginástica para toda a vida. In: GALATTI, et al (orgs). **Múltiplos cenários da prática esportiva: Pedagogia do Esporte – vol.2**.Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

SHIELDS, D. L.; BREDEMEIER, B. L. **True competition: A guide to pursuing excellence in sport and society**. Human Kinetics, 2009.

SPORT FOR LIFE SOCIETY, 2016. **Sport for Life – Long-Term Athlete Development** Resource Paper 2.1. Disponível em: http://sportforlife.ca/wp-content/uploads/2017/04/LTAD-2.1-EN_web.pdf?x96000. Acesso em: 06/11/2018.

SIMÕES, R. et al. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 183-198, mar. 2016. ISSN 1981-4690.

SOMERSET, S.; HOARE, D.J. Barriers to voluntary participation in sport for children: a systematic review. **BMC Pediatr** v.18, n. 47, 2018.

SOUZA, E. P. de. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Campinas, SP: [s.n.], 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

TERTULIANO, I. W.; MACHADO, A. A. Principais lesões psicológicas no esporte: conceito, modelos teóricos, formas de intervenção e reflexões sobre o medo e a vergonha. **Pensar a Prática**, v.22, n.53383, p.1-13, 2019.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TOLEDO, E. Fundamentos da ginástica rítmica. In: NUNOMURA M., TSUKAMOTO M. H. (orgs). **Fundamentos das ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

TOLEDO, E.; ANTUALPA, K. F. Retratos da ginástica rítmica de alto rendimento no Brasil: análises e propostas. **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, p. 171-200, 2014.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, 2005.

USA GYMNASTICS (USAGYM). About USA Gymnastics, 2020. Disponível em: https://usagym.org/pages/aboutus/pages/about_usag.html. Acesso em: 17/10/2020.

USA GYMNASTICS (USAGYM). Rhythmic Rules & Policies: Chapter 3 – Competitive Structure, 2019. Disponível em: https://usagym.org/PDFs/Rhythmic/Rules/2019rp/3_competitionstructure_121919.pdf Acesso em: 17/10/2020.

USA GYMNASTICS (USAGYM). Rhythmic Xcel Program Handbook: in support os grassroots rhythmic gymnastics, 2020a. Disponível em: <https://usagym.org/PDFs/Rhythmic/xcel/handbook.pdf> Acesso em: 17/10/2020.

USA GYMNASTICS (USAGYM). Rhythmic Gymnastics Junior Olympic Program, 2020b. Disponível em: <https://usagym.org/PDFs/Rhythmic/xcel/handbook.pdf> Acesso em: 17/10/2020.

USA GYMNASTICS (USAGYM). Rhythmic Xcel Evaluator's Scoring Guide, 2020. Disponível em: <https://usagym.org/PDFs/Rhythmic/xcel/evalguide.pdf> Acesso em: 17/10/2020.

VECCHIOLI, D. **Ginástica cobra Pinheiros após denúncias de assédio e racismo**. Olhar olímpico – UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/08/24/ginastica-cobra-pinheiros-apos-denuncias-de-assedio-e-racismo.htm> Acesso em: 19/10/2020.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e Esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Ed.). *Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p. 09-26.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

WIERSMA, L. D. Reformation or reclassification? A proposal of a rating system for youth sport programs. **Quest**, v. 57, n. 4, p. 376-391, 2005. ISSN 0033-6297.

ZETARUK, M. N. et al. Injuries and training recommendations in elite rhythmic gymnastics. **Apunts: Medicina**

ANEXOS

ANEXO 1

FICHA DE ANÁLISE DOS REGULAMENTOS

Análise do regulamento das competições de GR

Análise do regulamento das competições de GR				
DADOS DO EVENTO:				
1. Nível da competição	1	2	3	4
	DESCRIÇÃO:			
Existe objetivo traçado explicitamente no regulamento do evento?				
2. Estágios do MDPD	experimentação	especialização	investimento	participação
	DESCRIÇÃO:			
3. Relação entre nível de competição e estágios de desenvolvimento - Modelo de Participação Competitiva	DESCRIÇÃO:			
4. Ajustes dos eventos	regras	instalações	equipamento	nível competitivo
5. Metas de Engajamento de atletas	aumentar a ação e a pontuação	criar alto envolvimento pessoal	manter pontuações próximas	promover relações sociais positivas

ANEXO 3

ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**PRIMEIRO MOMENTO****Nome Completo:****Data de nascimento:****Local de Trabalho atual:****Já formou alguma ginasta da Ginástica Rítmica para alguma competição? () sim () não****Formação Acadêmica:**

(Participou Extensão? Participou Pesquisa? Na área? Fez IC? Fez Monografia? Fez disciplina na GR? Fez estágio na GR?)

Formação Complementar:

(Especialização, Mestrado, Doutorado, Academia FIG, Cursos Nacionais ou Internacionais, Seminários/Congressos)

Formação Esportiva:**SEGUNDO MOMENTO**

Pergunta geradora: “Conte-me em que medida a competição é inserida aos seus atletas”.

1. Quais são as turmas de ginástica rítmica que você trabalha?
2. Quais eventos você tem participado? Eles são diferentes? (de quais eventos essas crianças de até 08 anos de idade participam?) (você promove eventos para essa idade?) (como eles são?)
3. Quais seriam os objetivos da participação nesses eventos na formação do atleta?
4. Existe alguma relação entre o evento o evento que vocês vão participar e o treinamento em si?
5. Como são definidas as atletas que participarão em cada um deles?
6. Existe diferença no nível de competitividade entre os eventos de GR nas diferentes idades/categorias?
7. Conte-me um pouco da sua experiência nesses eventos.
8. Há algo que você mudaria no regulamento dos eventos para crianças até 8 anos que você tem participado?
9. O que os eventos significam? O que é participar desses eventos pra vc?

TERCEIRO MOMENTO

Há algo mais que você gostaria de me dizer?

ANEXO 4

ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - gestor**PRIMEIRO MOMENTO**

Nome Completo:

Data de nascimento:

Local de Trabalho atual:

Cargo:

Já foi(ou é) treinador de GR?

Formação Acadêmica:

(Participou Extensão? Participou Pesquisa? Na área? Fez IC? Fez Monografia? Fez disciplina na GR? Fez estágio na GR?)

Formação Complementar:

(Especialização, Mestrado, Doutorado, Academia FIG, Cursos Nacionais ou Internacionais, Seminários/Congressos)

Formação Esportiva:

SEGUNDO MOMENTO

Pergunta Geradora: “Conte-me de que maneira os eventos de GR são estruturados na Federação?”

1. Quais são os eventos da Federação voltados para a GR?
2. Elas são diferentes?
3. Quem elabora os regulamentos dos eventos de GR?
4. Quais seriam os objetivos da competição tanto para a federação quanto para a formação do atleta?
5. Existe diferença no nível de competitividade entre as competições de GR?
6. O que é a competição esportiva para você?

TERCEIRO MOMENTO

Há algo mais que você gostaria de me dizer?

ANEXO 7

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL**1. DADOS DO INDIVÍDUO**

Nome completo _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

2. RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo _____

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.) _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

Formação esportiva na Ginástica Rítmica: os festivais como iniciação à competição

2. Pesquisador Responsável

Profª. Dr. Michele Viviene Carbinatto

3. Cargo/Função

Docente na Escola de Educação Física e Esporte - USP

4. Avaliação do risco da pesquisa:

RISCO MÍNIMO RISCO BAIXO RISCO MÉDIO RISCO MAIOR
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

24 meses

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

O(a) senhor(a) está sendo convidado (a) a participar do referido estudo por ser técnico atuante na modalidade de ginástica rítmica.

Este projeto compreende que a formação esportiva de um atleta deve acontecer em longo prazo e que cada etapa (iniciação, especialização, alto rendimento) deve ser tratada com os devidos aportes pedagógicos.

Nossa intenção é identificar e discutir a opinião de representantes considerados *experts* na modalidade de ginástica rítmica para entender como ocorre o processo de inserção das atletas de GR na competição.

Para tanto, o senhor (a) irá responder a uma entrevista semi-estruturada com questões objetivas e abertas que serão gravadas e transcritas na íntegra. O acesso aos dados será restrito aos pesquisadores do projeto.

A pesquisa oferece risco mínimo, pois se limita a solicitar a participação por intermédio de entrevista. Ademais, não há o oferecimento de benefícios diretos e nem retorno financeiro.

Os resultados da pesquisa incluem a elaboração de uma proposta sistematizada de realização de eventos para a formação esportiva na ginástica rítmica, o que poderá estender o conhecimento sobre o tema.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

O(a) senhor (a) poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento.

Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será

identificado com um número. Outrossim, o(a) senhor(a) terá assistência do HU ou HCFMUSP, por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Dr. Michele Viviene Carbinatto: End.: Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária - CEP: 05508-030 - São Paulo – SP

Tel: (11) 2648-0568

Dnda. Lorena Nabanete dos Reis.: Av. da Universidade, 2853 – Benfica – CEP: 60020-180. Fortaleza- CE.
Tel (85) 3366-7300

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP. End.: Av. Prof. Mello Moraes, 65- Cidade Universitária – CEP: 05508-030 – São Paulo- SP

Tel (11) 3091-3097

VI. - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Nada a declarar.

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, ____/____/____

assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)

ANEXO 8**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu, [informar nome completo], [informar nome do cargo que ocupa na instituição], RG Nº, CPF Nº, AUTORIZO Lorena Nabanete dos Reis Furtado, RG 8051039, CPF 04132558916, doutoranda da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo e Prof^a. Dr^a Michele Viviane Carbinatto, professora da referida escola, a realizarem observações e registros fotográficos nos eventos da [informar o nome da instituição], para a realização do Projeto de Pesquisa “Formação esportiva em longo prazo: um olhar para as competições de ginástica rítmica nas categorias de base”, que tem por objetivo primário Analisar os eventos esportivos presentes no processo de formação esportiva da ginástica rítmica, com foco nos anos iniciais da prática.

Os pesquisadores acima qualificados se comprometem a:

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

[Localidade], [dia] de [mês] de [ano].

[assinatura do responsável institucional]

[carimbo com nome, cargo e ato de indicação do cargo]